

Dissertação de Mestrado

Vestígios do dia:
arte, acolhimento e outras epifanias

Maria Cristina Ratto Diederichsen

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós Graduação em Educação

Vestígios do dia:
arte, acolhimento e outras epifanias

Maria Cristina Ratto Diederichsen

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação

Orientador:
Prof. Dr. Wladimir Antônio da Costa Garcia

Florianópolis, 2012

Dedicatória

*Para nós, estudantes e professores, que possamos (re)inventar
nossas escolas!*

Agradecimentos

A todos meus alunos, por compartilharem comigo, afetos, experiências, saberes, sensibilidades e tantas andanças artísticas.

Aos meus professores de meditação, Chagdud Rinpoche, Jigmed Rinpoche, Kadro, Lama Yeshe, Rigdzin, Khyentse Rinpoche e Padma Santem, que continuamente me apontam a amplitude da natureza de nossas vidas.

Aos meus filhos, noras e netas, com quem aprendo a conviver.

Ao Wladimir, pelas conversas debaixo das árvores.

Às amigas Rachel, Calu, Eloah e Ana Maria, companheiras de risadas e leituras.

Ao nosso grupo de estudo do Arte na Escola, pela amizade e buscas sem fim...

À Paty, Bethania e Sonia, por todo apoio.

À Jane e ao Marcio, pela força no projeto.

À Gilka, pela ponderação.

À CAPES, a bolsa ajudou!

Ao meu pai, que muita arte trouxe para minha vida.

À minha falecida mãe, que amava ser professora, e nos criou como A. S. Neill, na liberdade sem medo.

Criar é dar forma ao próprio destino.

Albert Camus

Abrir-se ao possível é acolher, tal como acontece quando nos apaixonamos por alguém, a emergência de uma descontinuidade na nossa experiência; e construir, a partir da nova sensibilidade que o encontro com o outro proporciona, uma nova relação, um novo agenciamento. Apaixonamo-nos menos por uma pessoa do que pelo mundo de possíveis que ela carrega; relacionamo-nos no outro, menos com sua existência atualizada que com as possibilidades que o encontro com o outro faz surgir.

Maurizio Lazzarato

Sumário

Convite: na soleira...1

(1). Esquinas... 3

(2). Alvorecer...25

-acordo!..27

-sentar, sem ter, sentir o dia... 32

-levantando da cama... que sujeito levanta!? ...36

-em que espelhos olhar? conversas com um espelho...45

[Primeiro descolamento: diante do vazio]

(3). O frescor da manhã. Saindo de casa: a busca do outro...55

-no ônibus: linguagem e hospitalidade...55

-caminhada... 62

-bom dia! poética, arte e cotidiano... 73

-a margem de cá: o estado de coisas... 85

-a margem de lá: utopias...101

-travessia...111

-a terceira margem... 122

[Segundo descolamento: mais leve]

(4). Antes de tarde do que nunca. O baú de miudezas ...125

-bondade...125

-beleza ... 131

-delicadeza...134

-amizade...136

-silêncio... 143

-entre- linhas...146

[Terceiro descolamento: fora]

(5). Crepúsculo: de volta para casa... 149

[Quarto descolamento: refúgio]

(6). Noite...153

- cruzeiro do sul: somente um pouco de ordem para nos proteger do caos... 155
- o céu também fica escuro...160
- dormir...163
- sonhos...166

(7). Alvorecer. acordo, já não somos os mesmos! ...169

Índice das figuras

- Figura 1- Olhar Vertical.** *Homem caminhante.* Giacometti..... 6
- Figura 2 - Olhar irônico.** *Zombaria.* Gilbert e George..... 8
- Figura 3 - Um olhar emerge.** Tim Diederichsen..... 10
- Figura 4- Olhar ar.** *Como meu amigo Chagall.* Ismael Nery..... 12
- Figura 5. Olhar reflexo.** R. Smithson. *Deslocam Yucatan*..... 13
- Figura 6- Olhar atento...**Tim Diederichsen..... 16
- Figura 7- Fora –dentro.** Perlingeiro. *Coração Aberto*..... 18
- Figura 8- Olhar medo de ver.** Victor Meirelles. *Estudo para combate de Riachuelo*.....20
- Figura 9- Olhar deslocado.** Tim Diederichsen..... 23
- Figura 10- Olhar através das paredes.** Paulo Gaiad. *As paredes do Campeche*..... 28
- Figura 11- Olhar suspenso.** Adriana Varejão. *Andar com fé*..... 29
- Figura 12- Olhar repouso..** Tim Diederichsen 31
- Figura 13- Olhar bucólico.** M. Gonzales, *Arroyto*..... 34
- Figura 14 - Olhar frutífero.** G. Arcinboldo, *Outono*..... 37
- Figura 15- Olhar solitário.** Tim Diederichsen..... 39
- Figura 16- Olhar desdobrado.** Bill Viola. *O Véu*..... 41
- Figura 17- Olhar em múltiplas molduras.** Tim Diederichsen..... 46

- Figura 18- Olhar comedido.** Man Ray..... 49
- **Figura 19- olhares avoados.** Jean-Michel Folon. *Mala*..... 50
- **Figura 20- Olhar exato.** Cildo Meirelles. *Trenas*..... 53
- **Figura 21- Colhendo olhares.** Tim Diederichsen..... 57
- **Figura 22- Retrato falado.** Jenny Holzer..... 59
- Figura 23- Vestígios de olhares.** Lia Mena Barreto, *Jardim de Infância*..... 64
- **Figura 24 - Olhar devastado..** Anselm Kiefer, *Zim zum*..... 69
- **Figura 25 - Olhar encaixotado.** Jacquelyne DuPrey..... 70
- **Figura 26 - Olhar neon.** J. Holzer, *Proteja-me do que quero*..... 71
- **Figura 27 - A luz coloriu o dia e o olhar virou música!** Cícero Dias. *Moça no Bar*..... 74
- **Figura 28 - Olhar e seu duplo.** Frida Kahlo, *As duas Fridas*..... 75
- **Figura 29 - Olhar sublime do banal.** Vincent van Gogh . *Natureza morta ao redor de um prato com cebolas*..... 77
- **Figura 30 - Olhar/ escuta.** *O grito da arvore.* Escultura realizada pelos alunos da 7ª série EEBM M. C. Nunes..... 79
- **Figura 31 - Linha de fuga ou fuga da linha?** Tim Diederichsen..... 81
- Figura 32- Borda(do) olhar.** Bispo do Rosário. *Manto de apresentação*..... 83
- **Figura 33 – Não mais olhar.** J. Beyus, *O final do século XX*..... 86
- **Figura 34 - Olhar nuvem.** Ivan Freitas. *Paisagem Urbana*..... 87

- **Figura 35 - Mesmos olhares.** René Magritte. *O mês de vindima*..... 90
- **Figura 36 - Olhar Bulling.** Luis H. Schwanke. *Linguarudo*..... 93
- **Figura 37 - Olhar transparente.** Franz Krajcberg..... 98
- **Figura 38- Olhar lúdico.** Jeff Koons, *Puppy*..... 101
- **Figura 39- Olhar expandido-** Guto Lacaz. *Auditório para questões delicadas*..... 104
- **Figura 40 - Olhar navegante.** Sandra Cinto..... 105
- **Figura 41 – Olhar despido.** Sophie Calle..... 108
- **Figura 42 – Olhar camuflado.** Ana Mandieta. *Corpo terra*..... 113
- **Figura 43 – Olhar entranhas.** Henrique Oliveira. *A origem do terceiro mundo*..... 115
- **Figura 44- Olhar no ar.** Jacquelyne DuPrey..... 118
- **Figura 45 - Olhar pirueta.** Joan Miró. *Circo*..... 123
- **Figura 46 - Olhar entrelaçado-** Ennadre. *As mãos do mundo*..... 126
- **Figura 47 - Olhar medroso.** Joan Miró. *A defesa*..... 129
- **Figura 48 - Potência do olhar –T. Ohtake.** *Tapeçaria em quatro cores*..... 132
- **Figura 49-** Tim Diederichsen, fotografia..... 139
- **Figura 50-** Fausto Ivan. *Pés dados*..... 141
- **Figura 51 - Pausa do olhar.** Joan Miró. *Silêncio*..... 144
- **Figura 52- Entre-ver.** G. de Chirico. *As musas inquietantes*..... 147

- **Figura 53 - Olhar úmido-** Gregório Gruber. *Praça Julio Mesquita.....* 149
- **Figura 54-** Van Gogh- *Noite estrelada.....* 153
- **Figura 55- Olhar sem fim...** Milan Kunk, *Universo Incomensurável.....* 156
- **Figura 56 -** Tim diederichsen..... 160
- **Figura 57-** Toulouse-Lautrec. *O leito.....* 163
- **Figura 58 – Olhar invasivo.** Edward Hopper. *Janelas noturnas.....* 165
- **Figura 59 - Olhar azul.** Marc Chagall. *Namorados no fundo vermelho.....* 167
- **Figura 60 - Olhar acordar.** Joan Miró. *Mulher e sol.....* 170

Resumo

Este trabalho visa realizar um passeio por entre as descontínuas, incertas e sinuosas paisagens da contemporaneidade, onde o imaginário e o real se interpenetram, diferentes olhares se cruzam, múltiplos discursos se tocam. Uma conversa ficcional acontece entre uma professora de arte e outros personagens, pensando o ensino da arte como possibilidade de criação e acolhimento do *fora*, de outros devires, outras sensibilidades, de novas maneiras de viver, de ser-em-grupo, e de uma potencialização poética do processo de aprender e de viver. *Diante/dentro* da crise em que nos encontramos como inventores de mundos e construtores da herança que deixamos aos que nascem depois de nós, o ato artístico pode produzir estranhamentos, olhares enviesados, questionar as maneiras habituais de percepção, e, como quem vive cada momento, cada vez como a primeira vez, inaugurar tempos, produzir diferenças, liberdades e possibilidades de encontro.

Palavras-chave: Sensibilidade. Poética. Educação.

Abstract

This work aims to make a promenade through the discontinuous, uncertain and winding contemporary landscapes, where imaginary and real interpenetrate, different perspectives intersect, multiple discourses touch each other. A fictional conversation happens between an art teacher and other characters, thinking art education as a possibility of creating and sheltering the *outside*, other becomings, other sensitivities, new ways of living, of being-in-group and of a poetic potentiation of the process of learning and living. *Before/within* the crisis in which we find ourselves as inventors and builders of the heritage that we leave to those who are born after us, the artistic act can produce estrangements, oblique views, question the habitual ways of perception, and, as those who live every moment, every time like the first time, inaugurate a new time, producing differences, freedoms and possibilities of meeting.

Keywords: Sensitivity. Poetics. Education.

Convite: na soleira

Olá! Convido você a um passeio com essas palavras...

Um passeio por paisagens vibrantes e fictícias que embora tênues “não se dissolvem na sua relação com as paisagens reais.”¹ Quem sabe, possamos criar lugares e tempos de olhar, ver, tocar, pensar, sentir, cantar as inquietações e desafios que vivemos, diante/dentro de nosso mundo: terras trêmulas, fogos devastadores, águas invasivas, ares descobrindo casas, florestas e mares, descobrindo desejos, e nossos corpos que continuam pulsando; diante/dentro “da força da grana que ergue e destrói coisas belas, da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas”² e o espaço infinito que (não) somos; diante/dentro de nossos modos de conviver: afetos possessivos, possuídos, manipuladores; aproximações, isolamentos, torres, porões, carinhos. Sorrisos e murmúrios brotando a cada gesto, rompendo cercas e calçadas...

Um passeio com as palavras que escorregam por estas brechas, cavando aberturas, diante/dentro da crise que nos encontramos como inventores de mundos, de nós próprios e, construtores da herança que, inevitavelmente, deixamos aos que nascem depois de nós. Palavras que dizem a possibilidade de criação de outras esquinas, desvios, deslumbramentos, de transformarmo-nos em grandes e pequenos abraços, em próximos e distantes ouvidos, em rasos e profundos regatos, acolhendo outros braços, outros desejos, outras vozes. (Educar?).

Convido você a passear por entre as vozes que nos habitam... As que falamos, calamos, escutamos... melodias poéticas que talvez nem perceberíamos, fechados que (tantas vezes) estamos de estreitos mundinhos, adestrados, anestesiados; ensurdecidos que estamos de tantos sons ou de tão poucos, sempre repetidos; áridos que estamos de apequenados e afastados de sensibilidades e delicadezas, assustados que estamos, de crueldades e indiferenças, desacreditados que estamos, de

¹ DIAS, K. 2010, p. 149.

² VELLOSO, C. *Sampa*. 1978 Álbum- Muito- Dentro da Estrela Azulada. WWW.musicasbrasil.com. Acesso em 29.10.2012.

não acreditarmos no mundo, na vida, ou em nós; desapossados que estamos de nossas potencialidades, que pouco agimos...

Que vozes são estas? Que falam nas entrelinhas, vozes que se dizem, se dão a escutar, buscam liberar a vida lá onde ela é prisioneira,³ insistem.... Vozes que escuto nas escolas, nas aulas de artes, nos muitos anos de alegrias, frustrações, e... teimosia. Vozes que falam desde o lugar desta teimosia... desde o lugar onde vivemos, inventamos, compartilhamos. Falas múltiplas, de múltiplos personagens; pensamentos, percepções e afetos que se entrecruzam, se chocam, se beijam, se contaminam, se distanciam, se espalham para além da tirania de uma estabelecida, coerente e longa voz, tida como bem formada e contínua, a única justa.

Falas que se questionam e questionar é pensar interrompendo-se,⁴ é reconhecer que a fala é necessariamente plural, fragmentária, capaz de manter a diferença, para além da unificação, fala andarilha, que segue caminhando, visitando paisagens, intervalos, amores, formas, linhas e cores, percorrendo vazios sempre plenos, inventando a cada dia, a noite, a vida, vivos que estamos, ainda criadores.

Vamos?

³ DELEUZE, G & GUATARRI, F. 1992, p.222.

⁴ BLANCHOT, M. 2010, p. 86.

(1). Esquinas

Creio que o sentido da arte é abrir as mentes e os corações para entendermos melhor o difícil processo de viver.
Jorge Luis Borges

Naquela esquina, naquela tarde, naquele momento, alguns amigos conversavam. Era uma esquina encontro. De um lado, o prédio, a cidade, o mundo; de outro, a escola, crianças, carteiras; de mais outro, (ou no mesmo?) lojas e luzes piscando; de outro ainda, criações e sensibilidades. Por ali passeavam ruas, tempos, pessoas... Algumas paravam para olhar, falar, escutar, outras seguiam sem perceber. Passavam altos e baixos, feios-bonitos, ricos-pobres, pobres-ricos, burros-inteligentes, nuvens e céus com seus pássaros e aviões, passavam palavras, imagens, buzinas, fumaças, poesias, passavam amigos que conversavam... Foi ali que te encontrei!

-Olá!

-..... ?

-Olá, vocês dois... Bom dia!

-Oi... Bom dia...

-Olá... Eu te conheço?

-...Você... está falando comigo?

-Ou... comigo? (quem será essa *coroa*...)

-Bom... com vocês dois...Eu sou nova aqui na cidade... Venho de fora... Estou procurando o Largo do Garapuvu... Disseram-me que fica perto desta escola... Vocês sabem onde?

-Não tenho certeza... Acho que para aquele lado...

-Eu sei sim. Vou lá com frequência. Fica no fim daquela rua. Olhe! Dá para ver daqui o garapuvu...

-Como é alto! Vocês gostariam de me acompanhar até lá? Acho que já perceberam... Tenho dificuldade de caminhar... é minha perna...

- Disponho de uma meia horinha... Para mim será um prazer levá-la até o Largo.

-Se não formos demorar posso também ir junto. Mas, rapidamente... Estou na correria...

-Ótimo! Então vamos os três!

-Gosto de caminhar conversando...

-Dizem que este garapuvu tem mais de 400 anos...

-Fala sério!!!

-É o que diz a lenda...

-Moro aqui desde que nasci e nunca ouvi falar disso...

-Lenda? Gostaria de conhecer...

-Queres ouvir?

-Sim...

-Vou te contar... Dizem que por estas regiões vivia uma índia que tinha olhos dourados. Podia enxergar toda terra. Ela era muito alta, sua cabeça ultrapassava as copas das árvores... De dia, seus olhos emanavam um brilho amarelo, raios de sol. De noite, as estrelas vinham enfeitar seus longos e negros cabelos que envolviam todo o espaço. Era linda... Sentia-se só. Olhava as crianças brincarem com os amigos, correndo juntas pelos vales floridos, subindo nas árvores para comer frutas. Mas ela era tão alta!!! E pesada... Observava as moças com seus namorados trocando beijos e abraços, no êxtase que inventa a vida... “Quero que alguém me leve consigo...” As índias mais velhas tinham, também, sempre companhia para pitar seus cachimbos. Ela se sentia só... era tão grande e...queria muito um abraço.

-E então?

-Ela caminhou por dias, meses, anos, à procura de alguém que pudesse abraçá-la... Andou, andou, andou... Depois de muito buscar, decidiu por fim, parar. Disse: “Não vou mais procurar por aí... Ficarei aqui parada... Vou descansar... relaxar... sentir... abrir...” E lá ficou... Foi sentindo o calor do sol, foi sentido as gotas da chuva, foi sentindo o aconchego das nuvens, o movimento do vento... Foi sentindo os galhos das arvores que a rodeavam. Os galhos a foram envolvendo... Abraçaram. Seus olhos de ouro foram se multiplicando em flores amarelas. Seus braços se abriram em mil galhos acariciando o espaço. Seus pés penetraram a terra úmida da floresta. E ela se transformou no garapuvu.

-Que bela história...

-É só ficção, lenda... Nada a ver...

-Quando era criança amava subir em árvores!!! (me sentia abraçado...)

-Achei meio triste... A índia ficando com raízes fixas no chão... Paradinha... Gostaria de inventar um outro fim para a história...

-Pode ser...

-Vou tentar... Então, a índia, depois de tanto procurar, chegaria num lugar muito árido... quilômetros e quilômetros de terra sem vida.

-Um deserto?

-Uma terra devastada... Ela está muito cansada, demais. Então se deita no chão para repousar... Seu corpo vai sentindo sua conexão com aquela terra, com os seres que ali haviam vivido, as pássaros verdes, os tico-ticos, os pintassilgos, as formigas, as avencas, os garapuvus, os sagüis. Ela escuta as lamurias dos meninos que ali corriam, das abelhas que ali pousavam, dos rios que ali cantavam. A índia chora. Não está mais só. Seus olhos, que eram verdes, se multiplicam em incontáveis sementes, suas lágrimas, em gotas de chuva doce. As sementes vão brotando, se espalhando em rizomas, se expandindo em uma imensa relva, cobrindo toda a aridez daquela terra, trazendo de volta a abundância da vida.

-Gostei!

-Árvores, desertos, rios, rizomas... Cada um inventa sua história...

-Pronto! Chegamos!

-Veja!

-O garapuvu fica ainda mais lindo neste dia azul...

-E com a luz inclinada da tarde...

-Disseste que vens de fora... De onde és?

-Venho de longe, de uma pesada ancestralidade. Quero, agora, a leveza, a vibração do alegre.⁵ Tenho andado por tantos lugares... Sigo caminhando... Já nem sei de onde sou... Acho que de onde estiver... Gostei muito daqui!

-É bom viver aqui...

-A cidade está crescendo muito... E os problemas também. Veja todos estes prédios, o trânsito, a miséria, o descaso...

-No passado era melhor...

-Será? Na cidade moderna o observador pode permanecer invisível, transparente. Mesmo sendo parte da paisagem, continua sendo um estrangeiro. A paisagem adquire vida quando seu observador desaparece, quando não possui o que vê.

-Procuro não suscitar “qualquer movimento em direção à posse. Ver é um esforço por criar presença: possuir uma coisa seria fazê-la desaparecer.”⁶

-Gosto de caminhar pelas ruas, procurando resgatar a materialidade evanescente dos espaços diante da rapidez dos carros, dos letreiros, das

⁵ LISPECTOR, C. 1998, p.16.

⁶ AUSTER, P. 1996, p. 40.

ansiedades. Andar, não com a cabeça nas nuvens, mas com os olhos abertos, com a mente aberta, as energias concentradas em penetrar a vida, pois, ainda que limitado, somente o cotidiano está vivo. Exatamente, neste lugar, a felicidade vibra.⁷



Figura 1- Olhar Vertical. *Homem caminhante.* Alberto Giacometti, 1960. Escultura em bronze. 182 cm de altura. (fonte: RENSHAW, A. *O livro de arte para criança.* Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 45)

- Cada época tem suas dificuldades...
- E suas oportunidades. Só temos o presente...
- O presente é a própria travessia...

⁷ LOPES, D, 2007, p. 148.

-Esta ilusão desenvolvimentista... chamam isso de crescimento econômico...

-Alguém escolheu estes caminhos...

-Quem escolheu tamanho absurdo? (quem é que escolhe?)

-Ainda assim, cada momento é pleno... se assim o percebermos.

-Não entendo...

-É uma questão de ...

-(Vou me mandar...) Bem, se vocês quiserem continuar conversando... está na minha hora... Preciso ir...

-Está bem... Mas antes de nos despedirmos... Por ter recém chegado à cidade, gostaria de lhes fazer mais outro convite...

-Pode falar...

-Vamos, neste dia... inventar o dia?

-Como assim? O dia já está aí... (que pretensão...)

-Inventar... outros possíveis... atravessar juntos estas paisagens que se abrem a medida que as criamos, fiar linhas de fuga, de acolhimento, tecer tramas com orvalhos, idéias, mãos, mares, cores...

-Estou atrasado! (Tramas com orvalhos!!!!?) Não quero perder a hora...

-Inventar o dia!? Pode ser... (Todo dia ela faz tudo sempre igual, me sacode às seis horas da manhã, me sorri um sorriso pontual e me beija com a boca de hortelã.)⁸

-Que conversa sem pé nem cabeça... (Estou perdendo tempo.) Gosto de andar na linha. Com os pés no chão! Foi assim que me ensinaram... (Senão, me sinto perdido, não sei mais quem sou ou o que faço aqui... Parece que sou muitos...) Bem, estou atrasado... Já vai bater o sinal da escola...

-Você é professor?

-Sim, e tenho que estar na sala de aula daqui vinte minutos...

-E você, também?

-Não... Trabalho com arte, faço esculturas... e... outras coisas... Talvez por isso, inventar me soa bem interessante... Meu amigo está acostumado a andar na linha...

-Só se for na corda bamba!

-Ou no fio da navalha...

⁸*Cotidiano*, Holanda, Chico Buarque, 1971 in www.letrasdespidas.wordpress.com acesso em 29.10.2012.

-Gosto de fazer diferente... Se sou muitos, visitar os personagens descontínuos que me habitam, alguns mais ao sol, outros mais à lua, outros nas entrelinhas. E você, além de caminhar... o que faz?

-Escrevo... desenho... E então? Vamos?

-Seu convite me parece um pouco estranho... Acho que... Linhas, entrelinhas... Vou me perder nestes nós... Não sei...

-Se perder e se achar e... vou aceitar seu convite! Também gosto de desenhar. Não sei bem por que... aprecio sua companhia. (Me senti tão sozinho ontem a noite...) Tenho vontade de encontros, aproximações. De uma forma ou de outra, estamos juntos neste planeta que se desloca por entre versos e universos.

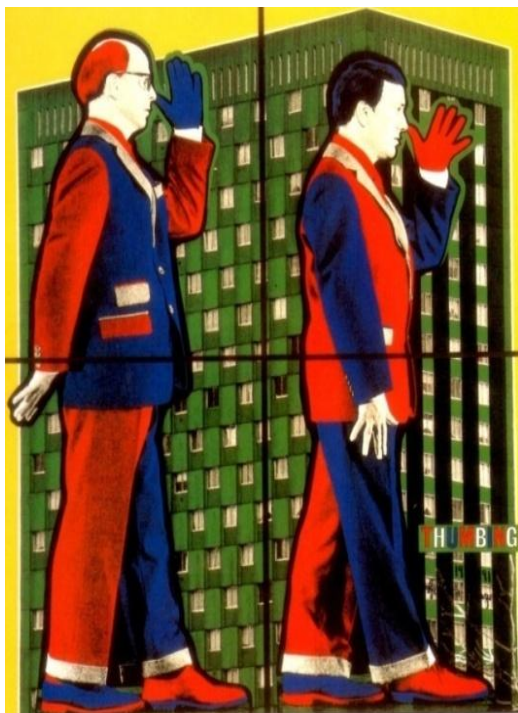


Figura 2 - Olhar irônico. Zombaria. Gilbert Proesh e George Pasmore. 1991. Fotografia pintada a mão 169x 142 cm. Coleção particular (fonte: RENSHAW, A. *O livro de arte para criança*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 45)

- Que bom que você aceitou! ... E você, também?
- Tenho que dar aula em alguns minutos... estou indo para a escola...
- Podemos também visitar e fazer travessias por esta escola!
- Pode ser? (Será que ela é normal? Parece estranha...)
- Para que, embora nossos olhares sejam sempre limitados, não sejam limitantes. Para que nossas viseiras não escondam deslumbramentos... como-ver-se.⁹
- Que história é essa de viseiras? Está me chamando de jegue?
- Me refiro aos hábitos... Cada hábito é uma limitação de movimento, de potência...
- Já não sei mais se há algo além dos hábitos...
- Para percebê-los e me libertar de parte deles, estou trabalhando em mim mesma, dia após dia, ano após ano...
- O trabalho com arte me propicia certa liberdade frente às formas habituais de percepção... coragem para ir me abrindo, me entregando nas mãos da vida e, pouco a pouco, aprendendo a confiar.
- Aprender a confiar? Prezo minhas armaduras... (ai! que peso!)
Hay que endurecer-se...
- Aprender a desconfiar! Das certezas!
- ...
- Proponho que hoje sejamos abertos, não atores de um julgamento, de uma sujeição, de uma intimidação, procuradores de uma Causa.¹⁰ Que busquemos dissolver a proteção com a qual, em vão, tentamos mascarar, com o rótulo, o cálculo e o projeto, nossa vastidão.
- Como o garapuvu ou o rizoma, abrir... sentir o mundo, o espaço... Olhar o céu! Olha... O infinito está aí o tempo todo, sobre nossas cabeças...
- E sob os nossos pés!
- Este espaço infinito me deixa bastante inseguro...
- Vamos caminhar juntos!
- Com quem?
- Com a poética... e sua melodia, a melhor companhia...
- Estou com muita pressa... ainda não sei...
- Podemos experimentar... dar um ou dois passos...

⁹ DIAS, K. 2010, p. 13.

¹⁰ BARTHES, R. 2004, p. 331.

-Caminhar e não caminhar parece ser indiferente. (que insistente!!!) Quem há de notar um ou dois passos?

-É o que podemos dar agora, um ou dois passos¹¹. Pequenos... Possíveis... Poéticos... Por paisagens... Juntos... Insistir, uma vez mais, diante da sedução do peso, do êxtase do naufrágio.¹²

-Conta outra história...

-Não quero narrar, mas caminhar pelas paisagens; “apontar o sopro que abala o espírito quando chega a paisagem. Interromper as narrações. Em vez de contar, apresentar... a narração faz correr o tempo, a paisagem o suspende.”¹³

-Gosto de caminhar só...

-Com uma única madeira não se faz uma fogueira... Vamos?

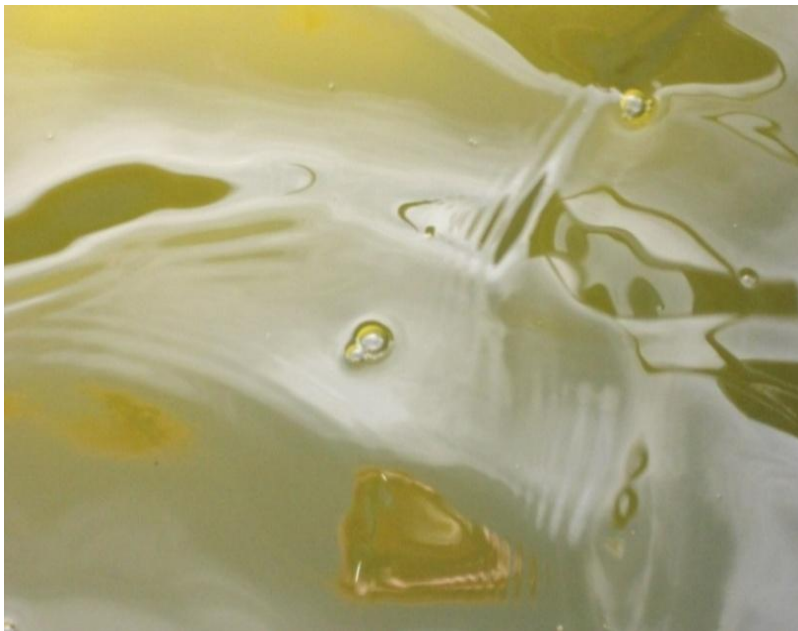


Figura 3 – Um olhar emerge, fluidez, deriva. Tim Diederichsen, Fotografia, 2010.

¹¹ LOPES, D. 2007, p. 50

¹² Idem, p. 77 – 78.

¹³ MERLEAU-PONTY. 2004, p. 17.

-Eu até que gostaria... (mas estou tão atrapalhado!) não sei...se parar...vou tentar...porém....me pergunto.... Olhe a nossa volta...Como acolher esta barbárie, confusão, violência, este sempre-mesmo? Sinto-me numa terra estranha... Como viver “poeticamente juntos” se não consigo nem sair de mim, destes espaços-mercados marcados pela ganância, pelas divisões de trabalho, pelas leis do lucro, do domínio, do espetáculo? Estes espaços me controlam com suas técnicas de sedução e sujeição cada vez mais sofisticadas, decompõem meus vínculos afetivos, meus desejos... Não sei se quero... ou não...

-Viver o desconhecido, acolher o inusitado, não é fácil... Mas, maravilhoso. Um desafio... Criar outras formas de habitar estes espaços e, mesmo dentro, estar fora deles... não deixar nossas mentes, percepções, emoções, aprisionadas no lugar-comum, no clichê.¹⁴

-Difícil demais... Olhar, enxergar, se libertar dos clichês, dos hábitos... (dá muito trabalho... dói...) Bem... Vou deixar vocês... Já é tarde... Foi um prazer encontrá-los! Veja, lá vai passando minha colega professora de arte... Vou aproveitar e...

-Veja, está vindo para cá! ... Olá!

-Vamos convidá-la também!!!

-Olá, amigos!... boa tarde a todos! Que bom encontrá-los! Muito prazer...

-Boa tarde... Prazer...

-E você, quando vai ser a inauguração de tua exposição?

-Marcamos para o final do mês...

-Estou louca para ver... E você, colega, indo para a escola?

-Já, já... Estou terminando uma conversa com esta senhora que conheci e... está me convidando para um passeio...

-Uma travessia através do dia...

-Travessia?

-Pois é, professora, queres vir conosco?

-Para onde? Estou, no momento, indo para a escola...

-Caminhar por lugares/arte onde possamos nos inventar, poetizar e, bem que quero (!), lugares/ encontro.

-(Eu vou prá Maracangalha...eu vou...eu vou de chapéu de palha, eu vou.. Eu vou convidar Anália, eu vou...)¹⁵

¹⁴ LOPES, D. 2007, p.29.

¹⁵ *Maracangalha*. Caymmi, Dorival. 1959. In Saudades da Bahia. LP.

-Podemos ir também à escola...
-Não sei... É um pouco vago, não? (Estou tão ocupada... Porém...
Arte...) Inventar? Bem que nossa escola está precisando...



Figura 4- Olhar ar. Como meu amigo Chagall. Ismael Nery. Aquarela 2638 cm
(fonte: *Tradição e Ruptura*, Fundação Bienal de SP, 1985. p. 189.)

-Antes eu desejava inventar aulas... Mas... Não dá para mudar o mundo... (eles estão viajando...)

-Como?

-Cáí na real... A gente acaba aderindo ao rebanho... Prefiro o conforto de minha vidinha... (estou louco para ir para casa...)

- Talvez... Despir, vestir, despir as roupas de rebanho. O rei está nu!!!

-“Sou como rês desgarrada nesta multidão boiada, caminhando a esmo.”¹⁶ Estou cansado.

¹⁶Lamento Sertanejo. Gil, Gilberto & Dominginhos. 1975. In Refazenda, LP.

-Cansada também estou, porém... (não vou desistir) Quero continuar trabalhando com o ensino de arte. É minha forma de criar caminhos que atravessem as paredes da escola, do mundo, e possibilitem outros horizontes.

-Que bom que pensa assim... Eu, como artista, acredito nisto também...

-Sabias? Sou, há mais de 25 anos, professora de arte naquela escola e, aprendiz... da vida. Incomensurável e indefinível, em seus lances fugidios, a vida pode ser cantada pela arte. Veja ali, quantas crianças, quantos jovens! Todos obrigados a frequentar a escola... Vou continuar tentando possibilitar a criação de olhares, potências, palavras, espadas, espelhos: sensibilidades.



Figura 5. Olhar reflexo. Robert Smithson. *Deslocamentos Yucatan*. 1969.. Guggenheim Museum, Nova Iorque. (fonte: www.guggenheim.org acesso em 29.10.2012.)

-Os espelhos são vazios... Não retêm o que refletem. Acolhem. Não elegem, nem recusam.

-Suas palavras são meio estranhas, mas... me tocam.

-Minha sensibilidade toca a sua?

-Isto é um delírio! A sensibilidade é uma qualidade pessoal. Nunca se sabe, ao certo, como os outros estão se sentindo.

-Às vezes não entendo como és professor de arte...

-Eu também não. Mas é por pouco tempo... (Seria melhor mudar de profissão? Estou me sentindo distante de tudo... Trabalhar com arte me faz sentir vivo...)

-Sinto tua intensidade atravessando minha pele, como o sol (ou o lá) do piano ressoando num copo de vidro.

-Não somos completamente isolados. Estamos mais próximos que percebemos.

-Ou mais distantes?

-Nas aulas de arte, tento efetuar ligações modestas, abrir algumas passagens obstruídas, pôr em contato níveis de realidade apartados.¹⁷ Conectar labirintos.

-Às vezes, o mundo todo me parece transformado em pedra... como se ninguém pudesse escapar do olhar inexorável da Medusa...

-Cadê Perseu?

-Vocês se referem ao mito da Medusa com cabeça de serpentes?

-Sim...

-Para vencer a Medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento, e dirige o olhar para aquilo que só pode ser visto com uma visão indireta, por uma imagem capturada num espelho.¹⁸ A relação do artista com seu mundo... Impossível olhar diretamente a realidade, a dureza pode nos transformar em pedra. Criamos olhares poéticos, escudos/espelho, recurso do artista, uma visada enviesada, que vê o que seria invisível para um olhar comum.¹⁹

-É uma bela analogia... O olhar sensível nos coloca na pele das coisas, não para compreendê-las, mas para animá-las, fazendo os afetos transbordarem e devirem a energia vinculadora de nossas relações.

-Na escola, a arte pode ser mais do que uma disciplina no currículo, pode incorporar-se à vida, propiciar percepções poéticas que nos possibilitem fazer de nós mesmos, nossa obra de arte...

-Foi o que tantos artistas fizeram...

-Estudar as obras dos artistas, nos ajuda a perceber que é possível transformar o prosaico em poético... Uma simples maçã, na pintura de

¹⁷ BOURRIAUD, N. 2009, p. 11.

¹⁸ CALVINO, I. 1991, p. 16

¹⁹ MEIRA, M. 2009, p.123.

Cézanne, abarca todo um pensamento... uma sensação, uma percepção da matéria.

-Também se pensa por sensações... e por imagens.

-Toda sensação é uma questão, mesmo se só o silêncio responde a ela.²⁰

-As obras de arte são blocos de sensações compostos de *perceptus* e *afectus*. Os *perceptos* não são mais percepções, os *afectos* não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles.²¹ O mundo, espelhado pela criação artística, deixa de ser uma simples materialidade, convertendo-se num potencial e diversificado corpo de relações significativas.²² Nos colocamos na pele do mundo...

-Então professores (e artistas...) vamos transpassar essas epidermes ensimesmadas e, como Hundertwasser²³, devir outras peles, a pele outro, a pele cidade, a pele planeta, a pele estrelas...

-O mais profundo é a pele...²⁴

-.....Ah...Pele? Vocês nem sabem como me sinto em minha pele... (tão pequeno!) Aprender e ensinar nesta escola... em crise... Sinto-me meio asfixiado... Como propiciar experiências artísticas criadoras num ambiente opressivo? Cada dia faço o meu melhor! Mas estou desanimando... Transmitir nossa cultura... Que cultura estamos herdando!!!??? Uma cultura que está destruindo tudo... E que, nós, escolas, professores, alunos, continuamos reproduzindo... Burocracia, autoritarismo, violência, dureza, visão estreita, o salário para lá de baixo, dá para aguentar?

-Que bom que te colocaste!

-Crise? Impermanência, transformação...

²⁰ DELEUZE, G. e GUATARRI, F. 2009, p.251..

²¹ Idem, p.213.

²² MEIRA, M. p.133.

²³ Hundertwasser, artista austríaco. (1928-2000) Criou uma obra de resistência à globalização e à cultura subserviente à economia. Defensor da natureza e de uma humanidade feliz, liberta da tirania racional do funcionalismo. Ver RESTANY, Pierre, *O Poder da Arte, Hundertwasser, o pintor das cinco peles*. Viena: Taschen, 1998.

²⁴ VALERY, P, apud MACHADO, R. 2009, p.35.



Figura 6- Olhar atento... Tim Diederichsen, fotografia. 2010.

-Água mole em pedra dura...

-Meu amor pelo mundo é assim: toda dureza, minha ou dos outros, é uma oportunidade para mim de amar.²⁵ *Don't carry the world up on your shoulders*²⁶... Lembras? Vamos experimentar?

-Talvez...

-Como?

-Talvez tentando “em meio ao delírio do mundo, caminhar como a beira de um lago plácido, não com indiferença, mas com inocência, até um destino, uma escolha. Não resistir ao apequenamento das coisas e das pessoas. Deslocar-se. Reaprender. Respirar liberdade frente ao peso da orfandade.” Caminhar diante do peso das coisas, com a leveza na alma.²⁷

-Será que isto é um auto-engano, um escapismo?

²⁵ LISPECTOR, C.1998, p.60.

²⁶ *Hey Jude*. McCARTNEY, P. 1968. Revolution LP Apple.

Não carregue o mundo sobre seus ombros. (tradução livre minha)

²⁷ LOPES. D. 2007, p.77- 78.

-É apenas a afirmação da possibilidade de encontros e outras formas de se estar no mundo. Formas de viver e não apenas sobreviver. Fazer da percepção poética e da atitude ética uma decisão de vida. “Talvez o compromisso ético, percebido no nosso mundo como ridículamente anacrônico, seja mais subversivo do que qualquer outra ação.”²⁸

-Parece meio inocente...

-Ou insuficiente...

-Uma inocência sem ingenuidade.²⁹

-É ingênuo achar que um ato ético possa combater o que há de feio, de cruel... Nossa responsabilidade é...

-“Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. (embora eu faça tantos julgamentos... sem perceber...) Que a minha única negação seja desviar o olhar! Quero ser, algum dia, apenas alguém que diz sim!”³⁰

-“Uma responsabilidade de um ‘sim’ incondicional, acolhimento.”³¹

-Sim..

.-Será possível?

-...

-Começamos com um sim... Acolhemos nossa herança, travamos com ela uma relação amorosa. Penetramos em suas vielas, desfazemos suas identidades, seus binarismos, suas oposições, seus bonitos e feios, ricos e pobres, próximos e distantes e, suas negações desses segundos termos. Não mais dualismos, mas multiplicidades... Desconstruímos nossa herança e a reconstruímos em uma paisagem da diferença.³² Criamos um *olhar-de-viajante*... Nos deslocamos para que a paisagem não se fixe. “Essa impermanência é a garantia de sua condição móvel.”³³

-Acho que prefiro negar esta herança...

-E fazer o que? A partir do que? Vais negar as palavras com que pensas e falas? Sinto-me herdeira... Herdei o que pretendo, agora, desconstruir.

-Desconstruir é negar?

²⁸ ZIZEK, apud LOPES, D. p.56

²⁹ LÊVINAS, E. 2003, p. 98.

³⁰ NIETZSCHE, F. 2002, p. 188.

³¹ LÊVINAS, 2003, p 99.

³² DERRIDA, 2004, p. 9.

³³ DIAS, K. 2010, p.154.

-É um gesto de alguém que diz sim, e não de alguém que nega e condena desde o lugar ressentido do deserdado. “A desconstrução é um gesto de afirmação, um sim originário que não é crédulo, dogmático ou de consentimento cego.”³⁴

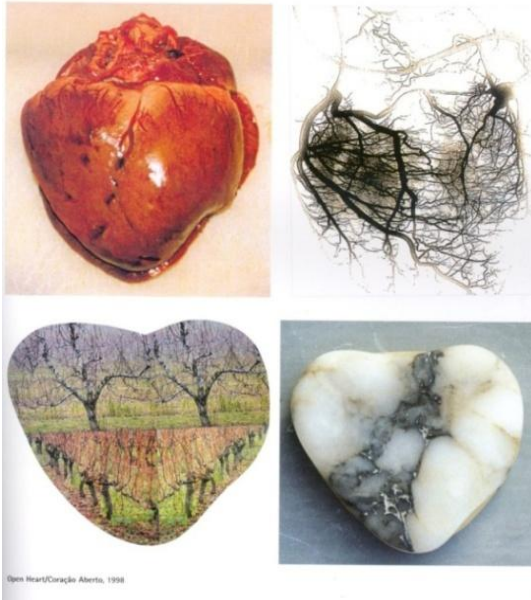


Figura 7- Fora -dentro, dentro-fora. Maria Carmen Perlingeiro. *Coração Aberto*, 1998. (fonte: *O Limite da Consciência*, Milão, Ed. Charta, 1998)

-Nossa herança não é fixa, imóvel ou verdadeira... Está em movimento nos empurrando para um outro lugar, “para um lugar que nós não sabemos, para um lugar não conhecido, para o lugar do não conhecimento.”³⁵

-Acolher o que vem é recriá-lo, torná-lo novo de novo, transformá-lo num acontecimento.

³⁴ DERRIDA, 2004, p.66.

³⁵ SKLIAR, 2008, p.19.

-Somos nós os instauradores de mundos, os criadores de terras. A cada momento, a cada olhar, damos nascimento a um mundo...

-(Que mundo tenho instaurado com meu olhar?)

-Respirar poesia: na amplidão do céu, no balançar das árvores, no ruído dos carros, nas vozes das crianças, nos problemas da escola, nas línguas tagarelas e nas famintas, nos pés que correm e nos que morrem, no dia que nasce... na noite que abraça tolos, sábios, prédios, montanhas e mares... no sorriso dos filhos, dos velhos, dos asfaltos, no gramado onde deito, chão sem chão... até na estupidez do arrogante, nos corredores panorâmicos, na aspereza que fere... escuto o pulsar dos corações, o silêncio e o espaço. Esta é minha forma de arte.

-Como compartilhas isso? Crias linguagens que toquem sentidos?

-Tento criar linguagens que deixem pausas, escutas, recolhimentos e liberdades. Linguagens que nos possibilitem retirarmo-nos de nós mesmos, migrar, potencializar diferenças, fazer daquilo que não somos, mas queremos ser, parte integrante de nosso mundo.

-Como professora, quero estar aberta, não isolar de antemão um eu que tenderia em seguida a um 'para além'. Quero "afirmar que perceber-se do interior - produzir-se como eu - é perceber-se pelo mesmo gesto que já se volta para o exterior para extraverter e manifestar, para exprimir; acolhimento já é linguagem, a essência da linguagem é bondade, ou ainda, a essência da linguagem é amizade e hospitalidade."³⁶

-Nem sempre...

.-"A linguagem é sempre potência; no espaço da fala, nenhuma inocência, nenhuma segurança."³⁷

-Não busco segurança... Quero experimentar o potencial transformador da linguagem artística com meus alunos.

-Sou menos otimista... Acho que os alunos (assim como eu) estão apenas reproduzindo condicionamentos, trajetos emoldurados, trejeitos consumistas. Não têm ninguém em casa, somente vozes desencontradas, trajando imitações *made in china* e emoções de novela.

-Oi! Tem alguém em casa?

-Acho que tem alguém nesta casa. Veja! Tem alguém cantando na janela!!!!

³⁶ LÈVINAS, E. 1980, p 282.

³⁷ BARTHES, R. 2004, p. 388.

-“Pela janela aberta, escuto o rumor das vozes alteradas da multidão. Porque foi que cegamos? Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão.

-Queres que te diga o que penso?

-Diz!



Figura 8- Olhar medo de ver. Victor Meirelles. *Estudo para combate de Riachuelo*. 1868-72 crayon e grafite sobre papel. 23,1 x 38,5 cm. Acervo Museu Nacional de Belas Artes, RJ. (fonte: Victor Meirelles, Nova Leituras. TURAZZI, M. org. SC, Museu Victor Meirelles. IBRAM. SP: Studio Nobel, 2009).

-Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, cegos que vendo não vêem.³⁸ Professores e estudantes, assim como eu, não sabem se estão conduzindo ou se deixando conduzir. Pelos cegos... Vou desistir, vou embora. Adeus alunos...

-Olá *profe*, falando comigo?

³⁸ SARAMAGO, 2012, p. 310.

-Olá! Felizmente você também está aqui!

-Gosto de ser seu aluno. Nas aulas de arte me sinto maior... Mais próximo dos amigos... Estou aprendendo a me perceber, a botar fé em mim! Você está indo mesmo embora?

-Pode ser... O que experienciei com vocês, porém, permanecerá em mim como pensamentos que são fontes, que não cessarei de começar e recomeçar a pensar com eles, a partir do novo começo que eles me proporcionaram.³⁹

-Já vai tarde! “*Hei! Teacher! Leave the kids alone!*”⁴⁰ Essa escola é muito chata! Não tem nada a ver com minha vida. Não estou a fim de aprender isso que vocês ensinam. Para que? Ser “alguém” na vida, ter futuro... Alguém? Futuro? Haverá futuro?

-Há o presente e nossos projetos de devir. Há ainda o afeto que nos expande em abraços e nos anima e caminhar juntos. Assim decido mesmo continuar sendo professora, continuar aprendendo. Tentar provocar discontinuidades, fazer das aulas de arte trilhas poéticas que atravessem as paisagens contemporâneas.

-Que fôlego, hein!!!!

-...

-Para que servem as aulas de arte, *profe*? Eu quero é ser rico quando crescer... As aulas de matemática são mais úteis!

-Eu curto as aulas de arte, fico envolvida... a gente tem liberdade para criar, imaginar.

-*Puxa saco!!!* (Eu, prá ser sincero, não consigo manter minha atenção em nada... Em aula nenhuma...) Prefiro aprender direto no mundo. É tudo, de qualquer jeito, tão confuso...

-No meio da confusão, ensinar/aprender arte pode instalar estranhamentos, criar o inatural, quando o que há é indiferença. Acolher. Tocar. Voltar-se para o outro... Escutar... Largar durezas, ressentimentos, mágoas ... se abrir...

-Ih! *Profe*! Parece que fumou um...

-Fala sério...

-O que me constitui é esse desejo de abertura, de acolhimento.

-Acolhimento? (outra vez!!!) Parece meio pegas...

³⁹ DERRIDA, J. 2008, p 25.

⁴⁰ *Another brick in the wall*, Pink Floyd, 1980. In www.pinkfloyd.com acesso em 29.10.2012. (*Ei! Professor, deixe as crianças sozinhas!*) (tradução livre minha)

-Depende...

-Como entendes acolhimento?

-Entendo acolhimento como abertura incondicional. Não colocar ninguém do lado de lá do muro... demolir muros... Abertura frente todas as circunstâncias. Estar na vida sem manipulação ou estratégias.

-Só na morte!!!! Isso é impossível... Se abrir para levar *porrada*?!

-Um acolhimento que reencontre uma distância, escapando a um contato paralisante, possibilitando espaços de liberdade.

-Acolher e se distanciar?

-Acolher o que desconhecemos, o sem nome, o não familiar, o estrangeiro. Um salto ao encontro do outro, do que ainda não sei, do que ainda não sou.

-Concordo... Cansei de me esconder em minha toca... Quero me expor, me aproximar, me apaixonar...

-Fácil falar... Prefiro não sentir. É só sacanagem neste planeta, *pro*. Essa vida é só loucura. Vida louca. *Tá* tudo dominado... Cada um só pensa em si...

-Ou no que os outros vão pensar...

-O outro é a condição de toda percepção. É o que produz uma profundidade possível no espaço, sem a qual, as transições e inversões se tornariam incompreensíveis, e não cessaríamos de nos chocar contra as coisas, o possível tendo desaparecido.⁴¹

-E quando o outro é o dominador? Quando ele quer impor sua visão?

-...

-As visões são como miragens. Abandonamos territórios. Os pontos de vista fixos nos roubam potência, a rigidez nos afasta das experiências diretas da vida cotidiana. Cada instante trás um sentido... e se vai. Todos os fenômenos são novos e frescos, singulares.

-Não *tô* entendendo... Isso é mesmo complicado, *cara*... Que *papo* maluco...

-Fiquei ainda mais confuso...

-Será que consigo acolher... tuas falas, teus pensamentos, teus sons esquecidos... apesar de tudo?

-Meus pensamentos? Percebo tantos deles reproduzindo o que não quero mais ser. Vejo-me repetindo os jogos de poder que estão destruindo tudo! Quero transformar a mim mesma.

⁴¹ DELEUZE, G & GUATTARI, F. 1992, p.30.

-A dúvida radical é se podemos escapar do círculo mágico de nossos hábitos, de nosso modo de pensar construído cultural e linguisticamente.



Figura 9 - Olhar deslocado. Tim Diederichsen, Fotografia. 2011

-Vamos tentar!!! Convidar atmosferas, amigos, artistas, pensadores, para juntos, abriremos brechas nestas aparentemente compactas paisagens!

-Quem?

-A etérea presença de Chagdud Rinpoche⁴² dissolvendo o real e suas viseiras; o gesto transgressor nietzscheano que inspira a arte no centro da vida; o olhar noturno de Blanchot que supõe a mirada do poeta, percebe as coisas como imagens e a linguagem como poesia; o escuro espaço levinasiano que nos abre diante de outro e do abismo, nossa

⁴² Mestre do budismo tibetano. (1930 Tibete – 2002 Brasil) Viveu no Brasil desde 1992. Ver *O Senhor da dança*, Três Coroas: Makara, 2006.

dimensão profunda, insondável; o pensamento rizomático de Deleuze se espalhando em multiplicidades, produzindo possibilidades do novo; vou tentar me manter atenta e forte, para perceber e acolher quem mais chegar.

-Nos encontramos amanhã de manhã, em frente à escola?

-Acho melhor ali no ponto de ônibus, perto da padaria... assim poderemos conversar um pouco enquanto caminhamos até lá. Eu costumo chegar às sete e dez, mais ou menos...

-Tão cedo???

-Para mim está bem...Vai ser bom passarmos o dia juntos!

-E tu? Queres vir?

-Para irmos além de *mins*.

-Além?

(2). Alvorecer

O sol nascia e recobrava a vista. E como era bom ver! Na baixada, mato e campo eram concolores. No alto da colina, onde a luz andava à roda, debaixo do angelim verde, de vagens verdes, um boi branco, de cauda branca. Ele não sabe que é boi. E ao longe, nas prateleiras dos morros cavalgam-se três qualidades de azul.

Guimarães Rosa

-O dia nasce para todos...

-O dia nasceu. Senti como se a prisão que me confinava há milhares de vidas tivesse se rompido. A divisão fôra meu carcereiro. Enevoadada por inúmeras passagens e paredes, minha mente havia se dividido entre eu e os demais, gosto e não gosto, nascimento e morte. A única coisa a fazer era olhar para o carcereiro, ver seu rosto. O carcereiro era a divisão. Quando ele se foi, o cárcere se dissolveu.⁴³ Sou o mundo e o mundo é em mim.

-Não há dois, pois não há um.

-O dia nasceu em um olhar descentrado que instaura e anula, ao mesmo tempo, oposições conceituais herdadas, como diferença e identidade, passado e presente, inclusão e exclusão, interior e exterior, masculino e feminino, cancelando suas fronteiras.

-Forma é vazio, vazio é forma. Forma não é outra coisa senão vazio, vazio não é outra coisa senão forma. Todos os fenômenos são vacuidade; não tem características definidas; não nascem, não cessam; não são puros, não são impuros, não são incompletos e não são completos.⁴⁴

-A vacuidade se abre em paisagens, pinturas, passagens.

-Neste dia, quero passear pelo que passa.

-Passear por entre potencialidades que se tornam olhares, consciências, inconsciências, sons, sonhos, vigílias, movimentos, repousos, passear por linhas, cores, paisagens, pelas noites estreladas e

⁴³ NHAT HANH, Thich. apud SOGYAL RINPOCHE, 1999, p. 85-86.

⁴⁴ GYATSO, T. 2006. p. 61

botas de Van Gogh, pelas luzes e sombras de Regina Silveira, pelas peles e cicatrizes de Paulo Gaiad, pelos círculos e quadrados de Kandinsky, pelas bobas de Anita Malfati, pelas memórias de Albano Afonso, pelas meninas e reis ausentes de Velazquez, pelas aranhas enormes de Louise Bourgeois, pelas dores de Camille Claudel, pelos corpos de Ana Mandieta, pelos *entre* de Richard Serra, pelas esquinas solitárias de Hopper, pelos carvalhos e coiotes de Beuys, pelos retratos-biografema de Frida Kahlo, pelas casas tortas de Gaudi, pelos espaços impessoais de Ana Tavares, pelos transeuntes de Pazé, pelo namoro nas nuvens de Chagall, pelas *demoiselles* e terremotos de Picasso, pela Venus de Botticelli e a de Willendorf com sua enorme barriga, pelos jardins de Bosch, pelas *cathedrais-ar* de Monet e montanhas-terra de Cézanne, pelas fontes provocativas de Duchamp, pelos espelhos falsos de Magritte, pelas crianças brincando nas ruínas de Cartier-Bresson, pelas escuras ruínas de Kiefer, pelos letreiros luminosos de Jenny Holzer, pelos cortes na carne de Bacon, pelo balanço dos móveis de Calder, pelos brancos infinitos de Malevitch, pelo tempo sem tempo de Bill Viola, pelo lugar-mesa de Sandra Cinto...

-As obras se dissolvem em devaneios e impressões, em pequenas ondas, vestígios, pegadas. E me liberam de mim...

-O dia nasceu... acordo...

Acordo!

Eu que fabrico o futuro como uma aranha diligente. E o melhor de mim é quando nada sei e fabrico não sei o que. Eis que de repente vejo que não sei nada. (...). Estou entrando sorrateiramente numa realidade nova para mim e que ainda não tem pensamentos correspondentes, e muito menos ainda, alguma palavra que a signifique.

Clarice Lispector

-Huuuuuuuum.....Acordamos o dia...

-Aos poucos o sonho se dissipa, escuto sons... Alguém está mexendo nas tigelas... O barulho do vento...

-Abro os olhos.

-Bom dia!

-Você já acordou? Ou eu e você estamos sonhando um sonho do qual não acabamos de despertar?

-“A vida inteira parece ser assim, apenas assim, não mais que assim: um seguido despertar, de concêntricos sonhos, de um sonho, de dentro de outro sonho, de dentro de outro sonho... Até um fim?”⁴⁵

-Não sei bem... dormir... acordar... sonhar... viver... morrer.. “Tu sonhas que és um pássaro e te elevas alto no céu. Sonhas que és pé e te submerges nas profundidades. Ignoras se estás desperto ou estás sonhando...”⁴⁶

-No sonho do real parece que não sou eu que estou vivendo e sim outra pessoa. Essa outra pessoa é meu personagem, que é meu sonho acordado. Estou falando eu ou está falando ele?⁴⁷

-“Procedamos sumariamente: consideremos um campo de experiência tomado como o mundo real, não mais com relação a um eu, mas com relação a um simples ‘há...’. Há , neste momento, um mundo calmo e repousante. Surge, de repente, um rosto assustado que olha alguma coisa fora do corpo. Outrem não aparece aqui como um sujeito, nem como objeto, mas, o que é muito diferente, como um mundo

⁴⁵ GUIMARÃES ROSA, J. 1984, p.244

⁴⁶ CHANG-TZU, 1993, p. 51.

⁴⁷ LISPECTOR, C. 1978, p. 83.

possível. Esse mundo possível não é real, ou ainda não o é, e todavia não deixa de existir: é um expressado que existe em sua expressão.⁴⁸



Figura 10 - Olhar através das paredes. Paulo Gaiad. *As paredes do Campeche*. 2003. Cimento, tinta, grafite e foto s/ tela. (fonte: Evangelista, João *Arte no Museu*. Caderno do MASC. s/ data.)

-Eu, tu, ele... A vida está em toda parte, é o efêmero e o atemporal. Nenhum lugar pode prendê-la. Nenhum conceito, abarcá-la. Nenhum tempo, exterminá-la. Sua casa é o aqui e o infinito.

⁴⁸ DELEUZE, G & GUATTARI, F. 1992, p. 28.

-Como viver e (des)conhecer para que os conceitos não nos prendam, para que a disposição de experienciar e de expandir a abrangência de nossa visão aconteça no cintilar deste instante? As vezes me sinto farto do modo de vida de nosso tempo... “Posso despertar pela manhã e ver desenrolar-se diante de mim o programa de minha semana, na ausência de qualquer esperança. Repetição, retorno: as mesmas tarefas, os mesmos encontros...”⁴⁹

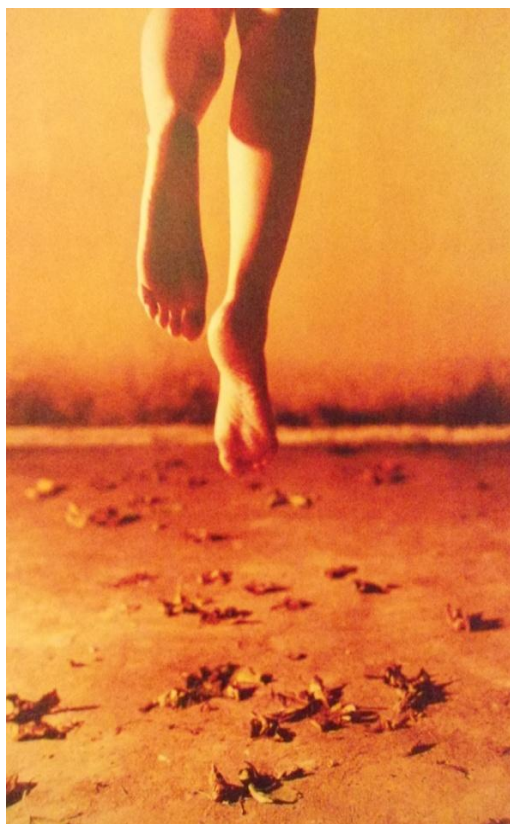


Figura 11- Olhar suspenso. Adriana Varejão. *Andar com fé*. Fotografia. 2002 (fonte: www.itaucultural.com.br acesso em 04.09.2011.)

⁴⁹ BARTHES, R. 2003, p.43.

-Estou contente... Basta-me ser uma pessoa que acorda de manhã... Basta-me o céu, quase escuro... Ter um corpo que vive, basta... Se eu não tomar cuidado me sentirei dona...⁵⁰ Vou cantar, deixar para trás as palavras que deixaram de ser vivas e ecoam desatentas, enrijecidas, amortecidas memórias do mesmo.

-“Eis que de repente vejo que não sei nada. Estou entrando sorrateiramente numa realidade nova para mim e que ainda não tem pensamentos correspondentes, e muito menos ainda, alguma palavra que a signifique.”⁵¹

-Isto requer uma mente desperta, não acomodada.

-Não suporto esta falta de chão!

-Somente assim sou viva. De que outro modo, então, estar neste mundo, um mundo tão extenso, tão vasto que não compreendo, tão sem sentido, terras sem margens nem travesseiros?

-Dá aqui meu travesseiro!

-Um mundo tão pequeno, viseiras, conformes, um sempre mesmo.

-Onde pousar? Repousar?

-Vem cá, no meu colo...

-...

-Nesta humanidade inundada por desumanidades; nestes tempos ansiosos, sempre sem tempo; nestes espaços sem espaço, abro olhos de poesia.

-A dura poesia concreta de tuas esquinas.⁵²

-Esquinas... Eu te vejo sumir por aí... Te avisei que a cidade é um vão. Os letreiros a te colorir, embaralham a minha visão. Eu te vi suspirar de aflição, frouxa de rir... As vitrines te vêem passar, na galeria, cada clarão, é como um dia depois de outro dia, lampejos de solidão. Passas em exposição, passas sem ver a poesia, e toda alegria que entornas no chão.⁵³

-Deixa de caraminholas! O céu está tão azul! Vem ver!

-O dia vem e, dia adentro, continuo a possuir o segredo grande da noite.

⁵⁰ LISPECTOR, C. 1998 a, p. 145.

⁵¹ LISPECTOR, C. 1998, p.68.

⁵² *Sampa*. Caetano Velloso. 1978 Álbum- *Muito- Dentro da Estrela Azulada*. In www.musicasbrasileiras.wordpress.com. Acesso em 29.10.2012.

⁵³ *As Vitrines*. Chico Buarque. –Almanaque 2001. LP.

-Quem me dera agora eu tivesse a viola pra cantar⁵⁴!
-Agora sou cavaleiro, laço firme, braço forte, no reino que não tem rei.⁵⁵
-“Estou fruindo o que existe. Calada, aérea no meu grande sonho. Como nada entendo – então abraço a vacilante realidade móvel. O real eu atinjo através do sonho. Eu te invento, realidade.”⁵⁶



Figura 12 – Olhar repouso.. Tim Diederichsen . Desenho. Grafite s/ papel. 2010.

-Células, pensamentos, palavras, infinito. Nossa natureza é vasta como amplidão da manhã... Não amanhã, mas hoje.

⁵⁴ *Ponteio*. Edu Lobo. 1967. www.vagalume.com.br. Acesso em 01.11.2012.

⁵⁵ *Disparada*. Geraldo Vandré e Theo de Barros. . www.vagalume.com.br. Acesso em 01.11.2012.

⁵⁶ LISPECTOR, C. 1998 a, p. 68.

Sentar, sem ter, sentir o dia.

Sentir tudo de todas as maneiras, viver tudo de todos os lados, ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo, realizar em si toda a humanidade de todos os momentos num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.

Fernando Pessoa

-Que faremos com o nosso dia?

-Quero ser menos euzinha e mais a vida...

-Gostei de acordar em tua casa... Não sei se estarei vivo amanhã...

-A vida é preciosa... ter olhos que enxergam... esta abundância de paisagens... a luz colorindo cada pedacinho de mundo, a delicadeza da gota d'água no vidro, o aconchego do teu olhar... A pele... que sente... a suavidade do lençol, essa picada do mosquito!

-E os mundos que podemos imaginar...e, talvez, criar...

-“Por certo, são os dias infinitos, para que todas as sugestões sejam possíveis. Mas não bastam. Difícil conhecer a plenitude dos minutos.”⁵⁷

-Não verei o mundo como ontem.

-O que será que este dia nos trará?

-Hoje teremos aquele encontro na escola... Aquela mulher que conhecemos ontem... Uma figura!!! Estou bem curiosa... “travessias” pela escola...

-Veremos... Novo dia, novas oportunidades...

-Você vai, não é?

-Foi o que combinamos... Pretendo hoje, também, no final da tarde, continuar a conversa com os curadores. Estamos terminando o projeto da exposição. Muitas idéias... Mas por enquanto... Chega mais perto... Quero a delícia de poder sentir as coisas mais simples.⁵⁸

-Hoje, quero rir muito, para que o mundo apareça feliz e possa ser visto. Respiro, repouso.

-O brilho do sol balançando no bambuzal dissolve meus hábitos (sempre ansiosos...) de percepção. Estou bem preocupado com a reunião de hoje... Vamos começar a curadoria da mostra.

⁵⁷ HARO, R. 2011, p.39.

⁵⁸ BANDEIRA, M. 1977, p.118.

-Cultivo uma simples abertura, sem preocupação, ante as situações. Esta postura atualiza a energia que se encontrava estagnada, por eu tentar manter pontos de referência fixos.

-A ausência de pontos de referência me faz sentir tão estranho... É quase insuportável...

-A princípio, tentar abrir mão dos condicionamentos me provocou, também, certo temor, porém, ao dar acolhida ao medo, com calma, dia após dia, atravessei essas sensações e passei a experienciar uma simplicidade, uma nudez mental, um vasto espaço não separado dos fenômenos. Abertura, lucidez e inspiração, emergem, a cada momento, da natureza vazia de nosso ser, vibrando, criando sentidos, transformando cada instante. Uma dança intensiva: a matéria como forma da energia, a energia como forma da vacuidade e, eu mesma, como forma de minha própria potencialidade.

-Dança então comigo!

-Que gostoso você estar aqui... Estarmos juntos curtindo pensamentos e paisagens...

-... livres dos conceitos do passado.

-O passado é somente uma memória sustentada no presente, o futuro, uma projeção de nossas concepções atuais, o presente se desvanece, tão logo tentamos segurá-lo...

-Isto soa meio pessimista!

-Não dá para segurar o tempo... As mudanças são constantes... Acho que aceitar a condição de impermanência, facilita lidarmos com o que acontece... e com o que não acontece mais...

-Quero escolher... o que aceitar, o que recusar... continuar tentando manter o que gosto... minhas zonas de conforto... afastar o que incomoda...

-Recusar o estado em que estamos, obstrui o fluxo da vida. Por alguns momentos, sentar, aquietar... simplesmente permanecer em nosso espaço, acolher nossa condição tal como ela é, sem qualquer tentativa de controle ou manipulação.

-É necessário analisar, planejar, determinar nossos objetivos! Controlar o que acontece!

-A vida acontece em mim e eu nela. Nesta postura não há o que alcançar acima ou além do que o já experienciamos.

-Como assim? Podemos construir algo melhor do que o que existe! E para isto, temos que criar as condições, conhecer e lidar com a realidade... Dar nome aos bois...



Figura 13- Olhar bucólico. Monica Gonzales, *Riacho. Arroyto* (detalhe). Instalação na Bienal do Mercosul, (fonte: Catálogo da 1ª Bienal da Artes Visuais do Mercosul. Porto Alegre, 1997.)

-Os olhos dão o nome e a mão as conhece. Uma alegria dinâmica as embala, as colore, as torna mais leves.

-Elas têm também um peso, matéria, veias, um coração.⁵⁹

⁵⁹ BACHELARD, G. 2002, p. 2.

-Uma pulsação... Um peso? Somente vibrações...

-Veja a cidade! As pessoas, os prédios... A montanha! Talvez como Cézanne viu... Granito. Terra. Moléculas...

-(Montanha e riacho brotam de minha memória. “A água anônima sabe todos os segredos.”⁶⁰ Ela ensina os pássaros e os homens a cantar. A sentir o insensível. O riacho é como o instante que passa, nos leva, nos faz ir... Como o que não pode começar e como o que não cessa de devir.) Um instante...Mais que moléculas, intensidades. O ser do sensível. Verde. Vento. Vida.

-Mais um instante sentado ao seu lado... Um instante intenso!

-“A intensidade é o insensível e, ao mesmo tempo aquilo que só pode ser sentido. Como seria ela sentida por si mesma, independente das qualidades que a recobrem e do extenso em que ela se reparte? E como seria a intensidade outra coisa que não ‘sentida’, visto ser ela aquilo que faz sentir e o que define a sensibilidade?”⁶¹

-Sentir, ao longo do dia, fluir a energia...cada segundo, um mundo sem fundo... Que cheiro gostoso de café!

-Preparei umas torradas, antes de você acordar..

-Que delícia!

-Vamos levantar?

⁶⁰ Idem, p. 17.

⁶¹ DELEUZE, G. 2006, p.325.

Levantando da cama... que sujeito levanta!?

*Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.
Manuel de Barros*

*A vida, essa função inevitável. Minhas pupilas
endireitam-se em quarto minguante. É preciso
perder-se a todo instante o equilíbrio? Amor
mínimo qualquer preenche abismos formidáveis.
Saio. Ora, deixemo-nos do que somos.*

Guimarães Rosa

-Eu levanto!..... Eu?

-Sou aquele que diz eu.

-Sou?

-?

-És?

-Quem sou?

-O que?

-“Não sou o resultado ou o entrecruzamento das múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu ‘psiquismo’, não posso me pensar como uma parte do mundo, como simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Sou não ‘um ser vivente’ ou mesmo ‘um homem’ ou mesmo ‘uma consciência’, com todos os caracteres que a zoologia, a anatomia social ou a psicologia indutiva reconhecem, sou a fonte absoluta, minha existência não provém de meus antecedentes, de meu meio físico ou social, ela se dirige a eles e os sustenta, porque sou eu que faço ser para mim esta tradição que escolhi retomar, pois ela não lhe pertencia se eu não estivesse lá para percorrê-la com o olhar.”⁶²

⁶² MERLEAU-PONTY, 1971, p7.



Figura 14 - Olhar frutífero. Giuseppe Arcinboldo, *Outono*, 1573 óleo s/ tela, 77x63 cm. Museu Louvre, Paris (fonte: o *Livro da arte para crianças*, Artmed, 2006)

-Desde criança, olho para mim, para o mundo, para o espaço e me pergunto: o que é ? Lembro que, por volta dos seis anos de idade, construí uma imagem que me possibilitou visualizar melhor minhas indagações. Via-me como um prédio de apartamentos em que um só andar era habitado.

-Só um?

-Sim... Os outros “andares” de mim permaneciam vazios, meio misteriosos, meio fantasmáticos. Imaginava que as outras pessoas habitavam seus múltiplos andares e me sentia meio estranha, diferente, por constatar tantos espaços vazios em mim...

-Parece desolador...

-Com o passar do tempo, percebi que os *outros* também tinham andares desabitados e, muitos nem se davam conta...

-Sinto-me um pouco assim...

-Descobri, com o tempo, formas de visitar tais espaços. A arte ia habitando estes andares em mim...

-Em quem?

-Quem escreve agora, dedos se movendo, idéias surgindo, coração inquieto, *tic tac* do relógio, não posso dizer que sim, sou eu. Se não me vejo e não me vêem?!...

-Quem lê, és tu?

-Quantos, neste momento, tristes por narizes grandes, cinturas grossas, rugas, barrigão, alegres, pois que sexy, cabisbaixos pois que pregas pendentes dos braços, ah, muito feia, muito rico, muito culta, olheiras, cabelos brancos, crespos, carecas, meu dinheiro, muito pobre, músculos em cima, reumático...

-Para quem?

-Voltei sozinha para casa.

-Esperando olhares e ninhos. Criadores do universo, buscando um aperto de mão.

-*Who cares?*⁶³

-Quem era já não é, já não é, já não é. O que então segue sendo?

-Segundos de fugidios pensamentos. Poeira das estrelas... Infinitas conversas.

-Eu nunca soube mesmo bem quem sou. Vejo-me pouco no espelho. Só no fora me enxergo.

-Minhas idéias, minha versão das coisas, eu... Ver tudo a partir de mim?

-De repente vejo que não sei nada.

-A voz não é minha, vem indo, vindo, vida adentro e afora, aberta. *Mente* alerta, criando e dissolvendo caminhos.

-Ser projeto, carinho, morder, sentir, morrer de rir.

-Viver. O que era antes de eu ser?

⁶³ (*Quem se importa?*)

-Abertura: frescor da manhã, folhas farfalando, olhar dos amigos, conversas infinitas, acordar no teu braço, dor de dente, brincadeira, um pouco triste, poesia, experiência. Ser sem pele, sem tecidos, sem asperezas, nu.

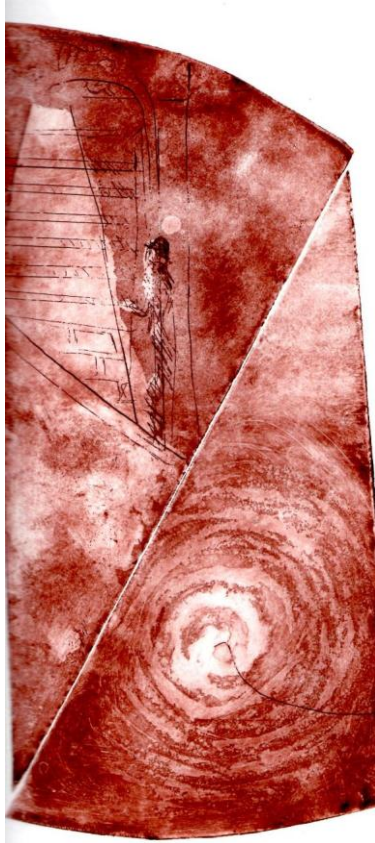


Figura 15. Olhar solitário. Tim Diederichsen, Gravura em metal, 2003.

-Renunciar a vestir a armadura.

-A armadura já me sufoca. Ensinaram-me que eu sou eu. Que preciso estudar e aprender a ser um sujeito: moderno, firme, concreto,

poderoso, conhecedor do mundo, senhor do planeta, pura substância pensante, *logos*... Mas não sei...

-Sujeito de identidade fixa, num fechamento estéril para o mundo e a alteridade.

-Sujeito ao poder dos poderosos.

-Hein?

-Um (su)jeito enrijecido...Ecos de eu sou eu sou eu sou eu e seus apegos e aversões, que soam em mim, filosofias.

-A filosofia do acontecimento de Deleuze define um processo de constituição do mundo e da subjetividade que não tem mais como ponto de partida o sujeito, mas o acontecimento. O mundo é virtual, uma multiplicidade de relações que se expressam nos agenciamentos coletivos e criam os possíveis.⁶⁴

-Os possíveis precisam ser criados!

-Por quem?

-...

-As possibilidades, virtualidades, são reais, mas só existem dentro da linguagem que as exprime. Requerem um espaço e uma abertura.

-Abrir-se ao possível é acolher, tal como acontece quando nos apaixonamos por alguém, a emergência de uma descontinuidade na nossa experiência; e construir, a partir da nova sensibilidade que o encontro com o outro proporciona, uma nova relação, um novo agenciamento. Apaixonamo-nos menos por uma pessoa do que pelo mundo de possíveis que ela carrega; relacionamo-nos no outro, menos com sua existência atualizada que com as possibilidades que o encontro com o outro faz surgir.⁶⁵

-A criação de outras constelações conceituais.

-Experimento o que a transformação da subjetividade implica: criar agenciamentos, dispositivos, instituições capazes de se utilizar dessas possibilidades de vida, maneiras diversas de viver o tempo, o corpo, o trabalho, a comunicação, outras formas de estar junto.⁶⁶

-Entre velocidades, derivas e instabilidades, me estranho!!! Desejos contraditórios me empurram em diversas direções, estou sempre em deslocamento...

⁶⁴ LAZZARATO, M. 2006, p. 17.

⁶⁵ Idem, p. 18.

⁶⁶ Idem, p. 12,13.

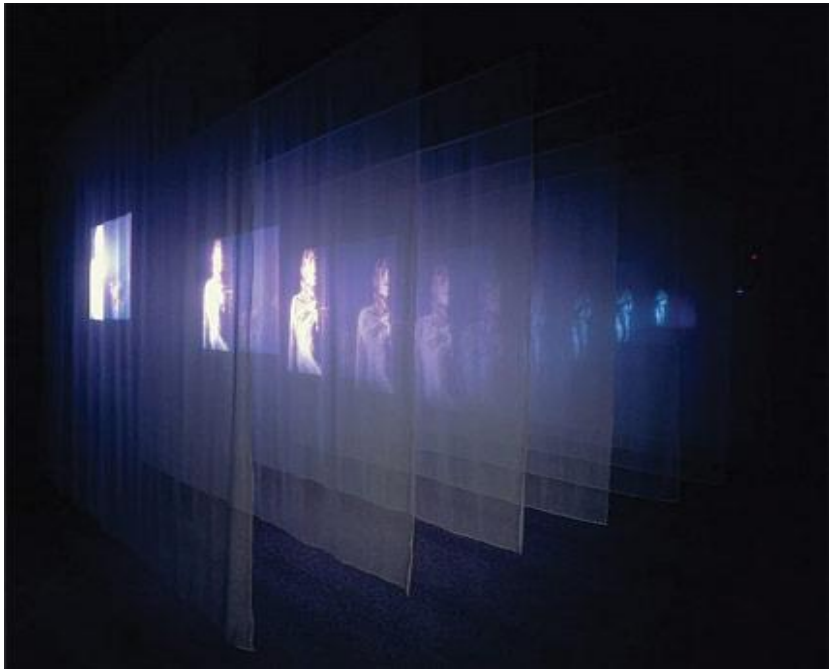


Figura 16- Olhar desdobrado. Bill Viola.. *O Véu*. Video instalação. (fonte: www.billviola.com. Acesso em 04.09.2011.)

-Sou essa potencialidade de mudar o entendimento do mundo, de formar o caminho que percorro. Não uma idéia, mas um corpo.

-O eu é o corpo? Estas tensões situadas em um corpo cada vez mais idealizado pela sociedade de consumo, confuso em meio a tantas imagens cujos modelos são espetacularizados, inseguro na projeção de uma dimensão do corpo que supervaloriza a forma e o prazer.

-Sou o corpo que vibra na contramão deste panorama de idealização.⁶⁷

-Não há um sujeito prévio, mas processos de subjetivação, fazer-se diferente, escapar aos poderes e saberes constituídos. Produção de um modo de existência. A subjetivação não tem a ver com identidade, mas

⁶⁷ CANTON, K. 2009, p. 25.

com um processo de individuação, que caracteriza um acontecimento. É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. Singularidade pré-individual, nômade, não mais aprisionada na individualidade fixa do Ser infinito, nem nos limites do sujeito finito. Algo nem individual, nem pessoal, mas singular, intensidade que retorna a si mesma através de todas as outras intensidades.⁶⁸ Existir, não como um sujeito, mas como uma obra de arte.⁶⁹

-A questão do sujeito não é uma questão de ‘substância’, mas de um projeto, a capacidade de receber sentido, produzir sentido, dar sentido, fazer com que seja, cada vez, um sentido novo.⁷⁰

-Minha vida é feita de fragmentos. O que está escrito aqui, são restos de uma demolição de alma, são cortes laterais de uma realidade que me foge continuamente.⁷¹

-Encontramo-nos no instante da aparição das coisas. O fragmento mantém uma relação estreita com a fratura... Passa-se algo na falha das coisas, na brecha e, portanto, em sua aparição. Diante de tal aparição, deixa de haver o distanciamento do juízo. Durante um lapso de tempo bastante breve, tornamo-nos essa coisa, esse objeto ou esse instante e, em seguida, reinstala-se a dimensão da continuidade. Durante esse breve período, há descontinuidade e metamorfose... Devir que é algo diferente da mudança e se acompanha da perda de identidade.⁷²

-Nos perdemos, nos encontramos. Pomo-nos em relação, imaginamos, criamos imagens. A imagem é, ela própria, pôr em relação.⁷³

-Refletimos sobre o que somos, nos posicionamos como objeto de nossas interrogações e na medida em que somos capazes de nos colocar como objetos de estudo é que os outros se tornam possíveis como outros.⁷⁴

-Somos cada um de nós e somos também as alteridades, tudo aquilo com o que nos relacionamos.⁷⁵

⁶⁸ DELEUZE, G. 2009, p. 110.

⁶⁹ DELEUZE, G. 1992, p 124, 127.

⁷⁰ CASTORIADIS, in PENA-VEGA & NASCIMENTO.1999. p. 35.

⁷¹ LISPECTOR, C. 1978. p 20.

⁷² BAUDRILLARD 1997, p. 32.

⁷³ Idem, p. 41. ⁷³ BAUDRILLARD 1997, p. 32.

⁷³ Idem, p

⁷⁴ Idem, p. 45.

⁷⁵ CANTON, K. 2009, p 16.

-Sou vários caminhos, inclusive o fatal beco sem saída.⁷⁶

-Qual o meu nome?

-Dizer dizer algo em nome não é quando nos tomamos por um eu, é, ao contrário, ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando nos abrimos às multiplicidades que nos atravessam de ponta a ponta, às intensidades que nos percorrem. Uma despersonalização de amor e não de submissão. Falamos do fundo daquilo que não sabemos, do fundo de nosso próprio subdesenvolvimento.⁷⁷

-Somos acontecimentos num plano de imanência... O sujeito é um *habitus*, um hábito, apenas um hábito num campo de imanência, o hábito de dizer Eu...⁷⁸

-Adquirimos hábitos contemplando, e contraindo o que contemplamos. O hábito é criador. Nós somos todos contemplações, hábitos. O conceito é um hábito. Há conceito em toda parte onde há hábito, e os hábitos se fundem e se desfazem sobre o plano de imanência da experiência: são convenções.⁷⁹

- Somos convenções?

-.?

-Criamos o que somos. Não mais cópias, nem modelos a reproduzir, não mais realidades a representar, não mais sombras de uma idéia perfeita.

-Os modelos de ser, pintar, ensinar, aprender são nossos interlocutores, mas não certezas ou verdades. Como pinceladas num papel, são ficções...

-Sou como a água, um ser em vertigem, morro a cada minuto, alguma coisa em mim desmorona constantemente. Vivo a cada minuto.⁸⁰

-Certeza? Era como um solo firme e seguro e, ao perdê-lo, nos sentimos cair no vazio, pois desapareceu tudo aquilo que era sólido e ao qual nos podíamos agarrar. Mas o vazio também é o nome da possibilidade.

⁷⁶ LISPECTOR, C. 1978. p. 29.

⁷⁷ DELEUZE, G. 1992, p.15.

⁷⁸ DELEUZE, G & GUATTARI, F. 1992, p. 66.

⁷⁹ Idem, p 137.

⁸⁰ BACHELARD, 2002, p. 7.

-Percebemos que estas perdas nos propiciam a criação de novos possíveis.

-E para nós o possível se tornou mais necessário que o real porque o real, embora nos mantivesse seguros havia começado a nos asfixiar.⁸¹

-Nosso ato criador constrói e destrói terras poetizando e qualificando a existência humana.

-Somos um constante despertar...

-Acordar... ou voltar a dormir?

⁸¹ LARROSA, J. 2010. p. 164.

Em que espelhos me olhar? Conversas com um espelho.

Não haverá nunca uma porta. Estás dentro e o alcácer abarca o universo. E não tem anverso nem reverso. Nem externo muro nem secreto centro. Não esperes que o rigor de teu caminho que teimosamente se bifurca em outro,tenha fim.
Jorge Luis Borges

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios. As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis. Elas desejam ser olhadas de azul – que nem uma criança que você olha de ave.
Manoel de Barros

-Bom dia espelho!

-Bom dia...

-Não dá para você me refletir uma cara melhor hoje?!

-Os espelhos são vazios e abertos. Não retêm o que refletem. Não elegem, nem recusam...

-De onde estou olhando? Com que olhos? Não sei...

-Houve até muitas pessoas que se afogaram num espelho...⁸²

-Olho. Se pensar que sei, não verei. Para ver, me afasto do conhecido... Não sei.... Não tenho respostas... Mas “este não sei não é resultado da ignorância, do ceticismo, nem do niilismo, nem de obscurantismo. Esse não-conhecimento é uma condição necessária para que alguma coisa aconteça, para que seja assumida uma responsabilidade, para que uma decisão seja tomada.”⁸³

-“Ver supõe a distância, a decisão separadora, o poder de não estar em contato e de evitar no contato a confusão. Ver significa que essa separação tornou-se, porém, reencontro.

⁸² GOMES DE LA SERNA, apud BACHELARD, G. 2002, p.21.

⁸³ DERRIDA, J. apud SKLIAR, 2008, p.21.

-Mas o que acontece quando o que se vê, ainda que à distância, parece tocar-nos mediante um contato empolgante, quando a maneira de ver é uma espécie de toque, quando ver é um contato à distância?⁸⁴



Figura 17 - Olhar em múltiplas molduras. Tim Diederichsen. Fotografia, 2011.

-Quando o que é visto impõe-se ao olhar, com se este fosse capturado, tocado, posto em contato com a aparência?⁸⁵ Manter uma certa distância?

-Estar, simultaneamente, perto e longe, num local determinado e em outro tempo, outro lugar?

⁸⁴ BLANCHOT, 1987, p. 22-26

⁸⁵ Idem, p. 23

-Os lugares só podem ser tocados por procedimentos que os deslocalizam, o tempo só pode ser pensado por meio do anacronismo.⁸⁶

-Não existe *fato* em si?

-O que acontece é um grupo de fenômenos escolhidos e agrupados por um ser que os pensa, os interpreta...⁸⁷

-As palavras como breves ecos se espalham e desaparecem.

-Para que as palavras durem dizendo cada vez coisas distintas, para que se abra um intervalo entre cada um de seus passos, para que o devir do que é o mesmo seja, de uma riqueza infinita, para que o porvir seja lido como o que não foi ainda escrito....há que se dar as palavras.⁸⁸

-Generosidade... Não se pôr no lugar das grandes *epistemes* que são como a verdade, mas em um lugar vigilante, guardando a linguagem para que não caia em dogmatismos, arrogâncias, em Últimos significados.⁸⁹

-Um saber pluralizado, continuamente levado a multiplicar-se.

-O seu novo lugar é a ficção.

-Interromper o que já sabemos, dar uma palavra a ler como se ainda não soubéssemos lê-la. Devolver às palavras esta ilegibilidade que lhes é própria e que perderam ao se inserir demasiado comodamente em nosso sentido comum. Problematizar o evidente, criar estranhamentos, devolver certa obscuridade ao que parece claro, abrir uma distancia entre o saber e o pensar.⁹⁰

-Espera aí... O conhecimento exige uma certa clareza, uma certa lógica...

-Olha o sabiá ali em cima na figueira... “O tico-tico no saltitanteio, a safar-se de surpresa em surpresa, tico-te-tico no levitar preciso. A manhã se trança de perfumes e o orvalho é um pintalgamento lúcido. O tempo não voa. Todo galhozinho é uma ponte. Tudo é sério demais, como num brinquedo. Um passarinho que faz seu ninho tem mãos a medir?”⁹¹

-A lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e abalos.

-Pensava-se estar no porto, e de novo se é lançado ao alto mar!⁹²

⁸⁶ CHEREM, R. 2010, p.257.

⁸⁷ NIETZSCHE, F. apud BARTHES, R. 2004, p.305.

⁸⁸ LARROSA, J. 2004, p. 15.

⁸⁹ BARTHES, R. 2004, p. 226.

⁹⁰ LARROSA, J. 2004, p. 16.

⁹¹ GUIMARÃES ROSA, 1970, p. 46- 47.

⁹² DELEUZE, G. 1992. p.122.

-Conhecer e desconhecer... Ao mesmo tempo acolher e criar. Uma receptiva atividade.

-Receptivo e ativo? Parece contraditório...

-Uma experiência diferente daquela que e rege por um pensar entronizado, governado pelo entendimento.

-Quem está sem entender sou eu...

-Digo receptiva atividade, pois procuro pensar o conhecimento como uma atividade agudamente atenta a sua própria abertura, a sua própria suscetibilidade, a seu próprio poder de ser afetada pelas ondulações do campo problemático em que ela compõe suas veredas, suas andanças, suas passagens, seus intervalos. O conceito de cognição é intensificado e expandido pela criação, que lhe confere dinamismo, potências de devir, gera movimentos, problematiza o que se encontra instituído, expande e surpreende, dobra, redobra e desdobra realidades.⁹³

-Invenção, cognição, criatividade... Ouço falar sobre isso desde 1950... Capacidade comum a todos indivíduos...Técnicas com vistas a solução de problemas e maximização de desempenhos originais, empregadas em diversas instituições, empresas, escolas... Criatividade, habilidade, desempenho, competência... *Bah!*

-Não é disso que falo quando digo criação. Sob esta perspectiva instrumental, que você se refere como criatividade, a margem de liberdade de criação é restrita, pois submetida aos interesses de um grupo, confinada à um propósito estabelecido a priori... A criação é por natureza imprevisível... e a cognição, provisória...

- Provisória... Mas... E os sistemas científicos de pensamento?

-“Você não iria conhecer nada por conceitos se você não os tivesse, de início, criado, isto é, construído numa intuição que lhes é própria: um campo, um plano, um solo, que não se confunde com eles, mas que abriga seus germes e os personagens que os cultivam.”⁹⁴

-Conceitos que sejam antes meteoritos do que mercadorias...⁹⁵

-Comprometidos com o projeto epistemológico da modernidade, os grandes sistemas de pensamento entendem a cognição como o espaço da representação. A formulação científica de um problema é feita através de um sistema regido por leis gerais que intermediam a relação entre o sujeito cognoscente e o objeto que se dá a conhecer. Pensar, porém, não é

⁹³ ORLANDI apud KASTRUP, V. 2007, p. 12-13.

⁹⁴ DELEUZE, G. & GUATARRI, F. 1992, p. 15

⁹⁵ Idem, p. 20.

interpretar nem representar, não é buscar uma adequação a uma suposta realidade objetiva.



Figura 18- Olhar comedido. Man Ray. (fonte: ARGAN, G. *Arte Moderna*. SP: Cia das letras. 1992.)

-Nada muito certo... chão instável...balançando...acho que vou enjoar...

-Ilusões envolvem o conhecimento. Miragens do pensamento. Explicam-se pelo peso do nosso cérebro, pela circulação estereotipada das opiniões dominantes, e porque não podemos suportar esses movimentos infinitos. Há, de início a ilusão de transcendência, que talvez preceda todas as outras. Depois a ilusão dos universais. Depois ainda, a

ilusão do eterno, quando esquecemos que estes são apenas conceitos e, que foram em algum momento criados.⁹⁶

-A ciência moderna estabeleceu um modelo de conhecimento arbóreo, buscando raízes ou ancestrais, situando a chave da existência em um solo de verdade, uma origem, em uma causa, um fundamento.

-Este modelo destina o pensamento a uma progressão linear de princípio, desenvolvimento e fim/consequência, gerando trajetos repetitivos em uma paisagem fechada e fixa, uma sala fechada.

-Um beco sem saída!



Figura 19 - Olhares avoados. Jean-Michel Folon. *Mala*. 1999. Instalação. 640x478cm. (fonte: www.maboiteaimages@skynet.be. acesso em 04.09.2011.

-Que tédio... Assim, tendo o conhecimento como invariante, distante de imprevistos e surpresas, a invenção torna-se uma questão inexistente...

⁹⁶ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 1992, p. 67.

-Conhecimento arbóreo... Sem vida... saber sem sabor... Mas esta estabilidade, felizmente, não passa também de uma ilusão... “Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofreremos muito. Ao contrário, nada é belo, nada é amoroso, nada é político a não ser que sejam arbustos subterrâneos e as raízes aéreas, o adventício e o rizoma. Os paradigmas arborizados dão lugar a figuras rizomáticas, sistemas acentrados, estados caóticos. Sem dúvida, este caos está escondido pelo esforço das facilitações geradoras de opinião, sob a ação dos hábitos ou dos modelos de reconhecimento; mas ele se tornará tanto mais sensível, se considerarmos, ao contrário, processos criadores e as bifurcações que implicam.”⁹⁷

-Nada de ponto de origem ou de princípio primordial comandando o pensamento?

-Encontro imprevisível, reavaliação do conjunto a partir de um ângulo inédito.⁹⁸

-Mas como agir diante destas diferenças sem fim, destas invisibilidades e possibilidades sem eira nem beira???

-...

-Talvez experimentando... Mesmo sendo todo encontro possível, nem todo é escolhido, pois nem todo encontro é acontecimento, criação, transformação, nem toda diferença é fecunda.

-Um conhecimento fecundado pela criação... A importância do papel da criação na cognição está sendo pesquisada pela física de Ilya Prigogine, que, investigando certas dimensões da realidade ignoradas pela ciência moderna, encontra uma natureza criadora de estruturas ativas e proliferantes.⁹⁹

-Uma boa parte da ciência clássica construiu, na verdade, conhecimentos sobre a base do passado, sobre o que já foi, que ela denomina realidade física e objetiva. Ao passo que a física quântica dedica-se ao futuro, uma vez que tudo é composto de ondas de probabilidades.

-Que curioso...

-Quando estive no Tibete, ano passado, nos textos filosóficos tibetanos do século VIII, encontrei a palavra *srid pa*, que designa

⁹⁷ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 2000, I. p. 25

⁹⁸ ZOURABICHVILI, F. 2010, p. 7.

⁹⁹ KASTROUP, V. 2007, p. 16.

mundo, ao pé da letra significa “processo de vir a ser”, “devir”...¹⁰⁰ Estes pensadores afirmavam que nenhum fenômeno tem existência intrínseca, tudo é interdependente... Não há sujeito, nem objeto... Mas indeterminação, potencialidades... As aparências têm uma natureza ilusória, como num sonho.

-Interessante! A mecânica quântica trabalha com a indeterminação, desenvolvendo a tese de que a evidência empírica por si só não é suficiente para provar a verdade de uma teoria.¹⁰¹ Niels Bohr afirma que qualquer investigação implica em uma interferência no curso dos fenômenos observados e requer uma renúncia à idéia clássica de causalidade, uma mudança radical em nossa relação ao problema da realidade. Para ele, o propósito de delinear teorias científicas, não é desvendar a essência real dos fenômenos, mas sim, criar significações, evidenciar relações entre os múltiplos aspectos de nossa experiência.¹⁰²

-Parece que o mais importante mesmo são as relações... Os significados não são entidades fixadas para a eternidade mas requerem um arranjo, uma ação, requerem o ato cultural do homem. Eles reluzem nas obras dos poetas e dos artistas, mas reluzem “ de modos diversos nos diversos artistas de uma mesma cultura e se exprimem diversamente nas culturas diversas.”¹⁰³

-A diversidade de visadas não é o indício de possíveis erros, mas a cintilação da inesgotável riqueza do uni(multi)verso.

-“O inteligível não é concebível fora do devir que o sugere.”¹⁰⁴

-A Teoria quântica mostrou que as partículas subatômicas não são grãos isolados de matéria, mas moldes de probabilidades, interconexões numa inseparável teia cósmica que inclui o ser humano e sua consciência. A teoria da relatividade fez com que a teia cósmica adquirisse vida, por assim dizer, ao mostrar que sua atividade é a própria essência de seu ser.

¹⁰⁰ WALLACE, A. 2009, p. 125.

¹⁰¹ Idem, p. 106.

¹⁰² BOHR, N. 1963, p. 3.

¹⁰³ LÈVINAS, E. 1993, p. 32.

¹⁰⁴ Idem, ibidem.

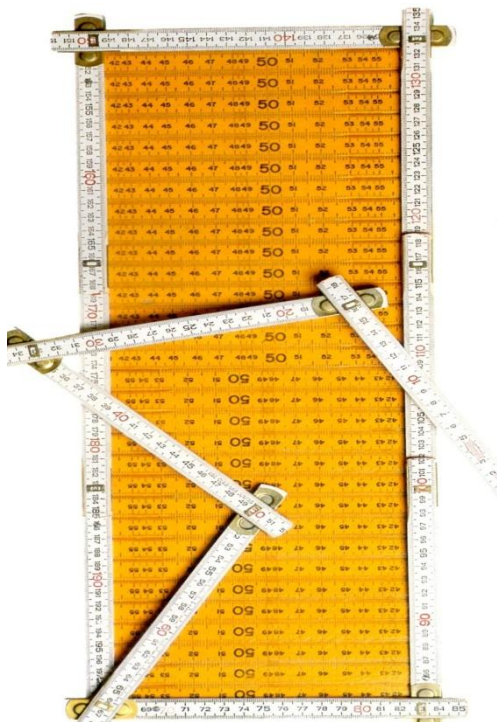


Figura 20 - Olhar exato. Cildo Meirelles. *Trenas*. 1992. (fonte: A Metrópole e a arte. São Paulo: Prêmio, 1992.)

-A imagem do universo como uma máquina foi superada por uma visão dele como um acontecimento dinâmico e indivisível. As inter-relações e interações entre as partes são, também, de acordo com esta perspectiva, mais fundamentais que as próprias partes. Há movimento, mas não existe, em última análise, objetos moventes; há atividade mas não existem atores; não há dançarinos, somente a dança.¹⁰⁵

-Como? Não há dançarinos? Quem dança então?

-Escuta ...a música... Vem dançar!

¹⁰⁵ CAPRA, F. 1986, p. 138.

Primeiro descolamento

Visto que não há fenômenos
que não ocorram de modo interdependente,
não há fenômenos que não sejam vazios.
Em um estado de repouso, em qualquer situação,
somos como o fluxo de um rio.
Sem cultivar quietude ou movimento,
mantemos a percepção:
quando ocorre a quietude,
quando ocorre o movimento,
é a própria face da vacuidade,
sabedoria.¹⁰⁶

¹⁰⁶ GYATSU, T. 2006, p. 188.

(3). O frescor da manhã. Saindo de casa: a busca do outro.

No ônibus - Linguagem e hospitalidade.

Não uma maiêutica, esta me revelaria apenas aquilo de que já sou capaz. Abordar o outro no discurso é acolher sua expressão em que se ultrapassa em todo instante a idéia que se poderia ter dele. É então receber do Outro para além da capacidade do eu; o que significa exatamente: ter a idéia do infinito. Porém isto significa também ser ensinado. A relação do outro com o discurso é uma relação não alérgica, uma relação ética, porém este discurso acolhido é um ensinamento. Porém o ensinamento não retorna à maiêutica. Ele vem do exterior e me traz mais do que eu contengo Emmanuel Lèvinas

Então não se perguntará qual o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido. O acontecimento pertence essencialmente à linguagem, mantém uma relação essencial com a linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas. Gilles Deleuze

-(Saio de casa... Calçadas e ruas... Busco o outro. Desejo... Necessidade que não tem mais necessidades, que se reconhece na necessidade de um outro que é outrem, que não é nem meu inimigo, nem meu 'complemento'. Desejo que nasce em quem não carece de nada, para além de tudo que lhe pode faltar ou satisfazer. "A relação com o outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo, e não cessa de esvaziar-me, descobrindo-me possibilidades sempre novas. O desejável não preenche meu desejo, mas aprofunda-o, alimentando-me, de alguma forma, de novas formas."¹⁰⁷ Espero o ônibus. Uma vizinha também espera, com seus dois filhos. O menino é sorridente, tem o rosto sofrido. Já é grandinho, mas fala como um bebê. Ele sorri para mim. Sua mãe, não.

¹⁰⁷ LÈVINAS, E. 1993, p. 48

Ela, sempre muito séria. Nunca a vi sorrir, cada dia... Não está para brincadeiras! Ríspida com ele. O outro filho é um bebê. Nunca consegui ver de perto. Depois de muitos dias, certa vez, ela estava ali, com suas duas crias, guiando um homem cego, talvez o marido, o pai. Todos tensos... muita dor.... minha ou deles? O menino continua sorrindo. Saio de casa...saio de mim... mim?)

-O ônibus está chegando...

-É mesmo! Vamos subir... Bom dia...

-Não tem lugar para sentarmo-nos juntos... tem um lugar ali, olha...

-Está bem...

-...

-Vou me sentar aqui... Com licença... (Sento-me ao lado do outro... O outro. O inatual. O outro do atual. Não sua ignorância e negação, mas “sua corte de virtualidades que são potências.”¹⁰⁸ Quando o sujeito permanece em si, suas outras dimensões permanecem-lhe estranhas. O acolhimento do outro é um ato desmesurado, no qual se recebe para além da capacidade do eu. ¹⁰⁹ Busco o outro, não para colocar-me ao seu lado como um, numa síntese, mas como “um-para-o-outro, como um-responsável-pelo-outro,” e entre nós abre-se uma diferença sem fundo, uma não indiferença, que é a proximidade mesma do próximo.¹¹⁰ O outro é a não prioridade do mesmo, do mim mesmo, e de todas estas limitações. Eu? “Puro sinal feito a outrem; sinal feito da própria doação de sinal.”¹¹¹ “Outrem faz o mundo passar, e o ‘eu’ nada designa senão um mundo passado.”¹¹²)

-Ainda bem que parou de chover!

-É mesmo! Tudo fica mais bonito com a luz do sol!

-(Palavras...Este homem ao meu lado, que nunca vi, entende minhas palavras... Bom, pelo menos quando eu falo do sol...) O senhor não acha interessante que possamos conversar? Palavra... possibilidade de criar, pensar, compartilhar o que pensamos...

-É... Gosto de conversar... Até falo sozinho!!!

-Eu também... converso comigo mesma...em voz alta...

¹⁰⁸ LÈVINAS, E. 1993, p. 12.

¹⁰⁹ DERRIDA, J. 2008, p. 44.

¹¹⁰ Idem, p.14.

¹¹¹ LÈVINAS, E. 1993, p.17

¹¹² DELEUZE & GUATARRI, 1992, p. 30.

-Lá em casa é assim... Meu filho diz que não me entende e... não entendo bem o que ele diz... Eu digo *a* ele entende *b*... Diferentes gerações... Parece até que somos de mundos diferentes... Com meus alunos também acontecia isso...

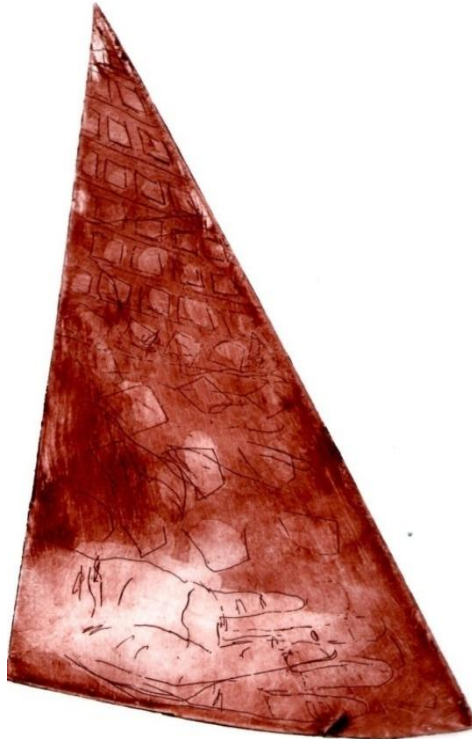


Figura 21- Colhendo olhares. Tim Diederichsen. Gravura em metal, 2003.

-A multiplicidade de linguagens permite colocar sob suspeita a homogeneidade dos significados.

-Como?

-O senhor é professor?

-Aposentado... Já há muitos anos...

-Eu também sou professora!

-Coincidência!... Acho que foi a partir de quando me aposentei que passei a falar sozinho... Dou até risada de mim mesmo... Gosto também do silêncio. As palavras nem sempre dizem... (e me deixam confuso...) Palavras... podem significar tantas coisas!!!

-Elas não têm significações definidas, tais como figuram num dicionário, não remetem a conteúdos que designariam, mas, nos levam, lateralmente, a outras palavras.

-Parece que nos encontramos, nós e as palavras, na confluência de rios *semânticos* inumeráveis... As palavras não são “feitas de elementos isolados, alojados num espaço euclidiano, onde poderiam expor-se, cada um por si, significando a partir de si. Significam a partir do ‘mundo’ e da posição daquele que olha. As palavras remetem a mim, como a solidez remete à minha mão.”¹¹³

-Os conceitos estão em estado de sobrevôo, com relação a seus componentes. As relações no conceito não são nem de compreensão nem de extensão, mas de ordenação e seus componentes, variações ordenadas segundo sua vizinhança, não têm energia, mas somente intensidades. “O conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa.”¹¹⁴

-Não sei se entendi o que você disse... não escutei bem. Às vezes não escuto o que eu mesmo falo ...

-Oi querida, com licença...

-É o meu amigo! Vem sentar perto da gente! Agora tem lugar! Este senhor e eu estamos trocando palavrórios...

-E não palavrões... ainda bem...

-Bom dia!

-Estava dizendo que às vezes nem me dou conta do que estou pensando... ou falando... penso numa língua não muito inteligível... É tão estranho... Será a solidão? Ou caduquice? Sinto-me meio perdido... Quero entender!

-Não há o inteligível *a priori*... O inteligível não é concebível fora do devir que o sugere. Não existe significação em si, saltando por cima dos reflexos, deformantes ou fiéis, mas sensíveis, que conduzem a ela. “A significação não se separa do acesso que a ela conduz.”¹¹⁵

-A linguagem é parcial... incompleta...

¹¹³ LÉVINAS, E. 1993, p.24.

¹¹⁴ DELEUZE, G & GUATARRI, F. 1992, p.33.

¹¹⁵ LÉVINAS, E. 1993, p.35.

-“Minha linguagem existe como um pensamento que não se pensa, mas por fatalidade fui e sou impelida a precisar saber o que o pensamento pensa. Mas tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que não conhecia, e que, instantaneamente reconheço. A linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção é que obtenho o que ela não conseguiu.”¹¹⁶

Jenny Holzer (* 29. Juli 1958 in Gallipolis, Ohio) ist eine amerikanische Konzeptkünstlerin. Sie hat die Ohio University, die Rhode Island School of Design und das "Independent Study Program" am Whitney Museum of American Art betreut. Holzer war ursprünglich eine abstrakte Künstlerin, hauptsächlich mit Malereien und Drucken beschäftigt. Nachdem sie 1977 nach New York City gezogen ist hat sie angefangen mit Text als Kunst zu arbeiten. Der Mittelpunkt von Jenny Holzers Arbeit ist die Realisierung von Ideen im öffentlichen Raum. Straßenplakate sind ihr bevorzugtes Medium, wobei sie für ihre Arbeiten auch andere Medien benutzt, wie LED-Leuchtbänder, Sitzbänke, Aufkleber, T-Shirts und das WWW. In Deutschland wählte sie erstmals Anfang der 1990er Jahre in Nordhorn einen Garten als Medium zur Schaffung eines "Anti-Memorials" gegen Krieg und Nationalsozialismus im Rahmen des internationalen Landschaftskunst-Projekts Kunstwegen Nordhorn. Im Juni 2005 entschied sich das Stadtparlament von Wiesbaden mit den Stimmen von CDU, FDP und Republikanern, ein von Holzer entworfenes Mahmal für die Opfer des NS-Gesundheitslagers nicht aufzustellen. Arbeiten. Truisms (seit 1978) [1] ist weiterreichend wie bekannteste Arbeit. Jenny Holzer hat eine Serie von statements und Aphorismen ("truisms") zusammengestellt und diese auf verschiedene Arten veröffentlicht. Ausgestaltet auf Straßenschildern, in Telefenzellen, 1982 sogar auf einer der LED-Leuchtafeln des Times Square oder 1988 auf einem BMW V12-Rennwagen für Le Mans Inflammatory Essays (1978-79), wo sie Tode von Trezick, Hitler, Mao, Lenin und Emma Goldman verewichte. Living Series (frühe 1980er) Survival Series (1983-1985), mit militanteren Aphorismen. Under a Rock (1987) Child Text, ein Stück Mütterchaft für die 1988 Venice Biennale. Please Change Beliefs (1985) [2], erstelt für die internet art gallery a1aweb [3]. Black Garden/ Schwarzer Garten (erbaut 1982-1984) in Nordhorn (Niedersachsen) im Rahmen des Skulpturenprojekts "Kunstwegen" For Paula Modersohn-Becker (2005) im Paula Modersohn-Becker Museum, Bremen (Bauarbeiten) Literatur Jenny Holzer, Diane Waldman: Jenny Holzer. Stuttgart 1997. ISBN 3893220159 Jenny Holzer, Jenny Holzer, Neue Nationalgalerie Berlin. Ostfildern 2001 ISBN 3770158547 Jenny Holzer, Naomi Smolik: Kunst heute, Nr.9, Jenny Holzer. Köln 2002 ISBN 3462022970 Udo Weilaucher: In Garten. Profile aktueller Landschaftskunst. Landschaftskunst, Basel Berlin Boston 2005 ISBN 37087894X Rainer Stamm (Hg.), Jenny Holzer, "For Paula Modersohn-Becker". Kunstsammlungen Sächserstraße, Bremen 2005, ISBN 3980467791 Jenny holzer the work of jenny holzer has been shown world wide such as the guggenheim museum (new york), the american pavilion at the venice biennale (venice, italy), the institute of contemporary art london (london, england) at the centre pompidou (paris, france) however, the main focus of jenny holzer has been on the investigation of means to disseminate her ideas within public space. since the late seventies, she has

Figura 22 - Retrato falado. Jenny Holzer, 2004. (Fonte: www.e-flux.com/.../jenny-holzer-at-printed-matt.. Acesso em 05.03.12)

¹¹⁶ LISPECTOR, C. 1996, p 212-213.

-Gosto mesmo é de cantar... Dizer o que a palavra escondeu.

-Vamos ser objetivos!!!! Para mim, para muitas pessoas, a linguagem é um veículo neutro e transparente de representação da realidade. Há um elo natural entre as palavras e as coisas. Usamos a linguagem para objetivar e transmitir.

-É na linguagem que habitamos, nos construímos, nos fortalecemos, nos questionamos, nos comunicamos, criamos o mundo, nos inventamos.

-A realidade é uma coisa, a linguagem outra! A realidade é exterior à linguagem...

-Ela não é mero instrumento humano; é ela que constitui o homem.

-Sou eu que constituo a linguagem!

-...

-Quero renovar o que penso e falo.

-As línguas carregam uma história, trazem marcas que podem entravar renovações. Não basta, pois usar a linguagem com o intuito de comunicar sentidos novos, é preciso trabalhar sua forma, libertá-la do que ela tem de estereotipado.¹¹⁷

-Como na poesia...

-O caráter poético da linguagem supõe que os significados sejam sempre plurais e reversíveis.¹¹⁸ É preciso propor novos enlaces para as palavras.

-“Há que se encontrar pela primeira vez uma frase para poder ser poeta nela.”¹¹⁹

-“A linguagem é uma pele: fricciono minha linguagem contra o outro. Como se eu tivesse palavras à guisa de dedos, ou dedos na ponta de minhas palavras.”¹²⁰

-A poesia requer uma qualidade ética, um espaço em branco, uma abertura que possibilite sua re-criação pelo leitor. Uma ética de não se fazer soberano, mas suspender toda vontade de domínio, toda propriedade, todo poder. Uma força vinda da desapropriação de nós mesmos e da abertura à potência criadora do outro.

-Mas uma ética pressupõe valores... O que é certo, errado...

¹¹⁷ PERRONE-MOISÉS, in BARTHES, 2004, p. XVI.

¹¹⁸ PONTIERI, R.L. 2001, apud GONZÁLES, Y. 2006, p. 46

¹¹⁹ BARROS, M. 1990, p.312.

¹²⁰ BARTHES, R. 2007, p. 99.

-Não acredito em valores transcendentais que comparariam os diversos modos de existência, os selecionariam e decidiriam que um é melhor do que o outro. Ao contrário. Só há critérios imanentes e uma possibilidade de vida se avalia em si mesma pelos movimentos que traça e pelas intensidades que cria. Um modo de existência é bom ou mau, nobre ou vulgar, pleno ou vazio, independente do Bem e do Mal e de qualquer valor transcendente: o único critério é o teor da existência, a intensificação da vida.¹²¹

-Uma postura ética leva em consideração os modos de ser das forças vitais que definem o outro por sua potência, pelo que ele pode, pela sua intensidade.

-Bem dizia Deleuze que estar à altura do que nos acontece, é a ética essencial.

-É... quero estar a altura do que acontece entre mim e meus alunos. (É sendo a pessoa que escolhi ser que ensino de maneira mais efetiva... Como tenho sido?) Cada dia, busco perceber cada um deles em sua própria paisagem. Incentivar suas autorias, suas formas de sensibilidade. Lecionar comporta um ensinamento que já se desenha na receptividade mesma do aprender e a prolonga: consiste em receber a linguagem tão profundamente que esta se faz necessidade de dar-se ao outro: a linguagem não permanece na consciência de um só homem senão que explode em direção ao outro.¹²² *Epa!!!!* O tempo passou rápido demais!!! Temos que descer no próximo ponto... A conversa foi boa!!!

-Uma conversa rara, para um velho que nem eu... ainda mais no banco de um ônibus...

-O dia começou bem...

-Vocês me deram muito que pensar!!! Gracias! E prazer em conhecê-los!

-O prazer foi meu!

-Tchau! Um ótimo dia!

-Tchau!

¹²¹ DELEUZE, G & GUATARRI, F, 1992, p 137

¹²² LÈVINAS, E. 1982, p. 99

Caminhada

-Olá! Chegamos juntos!!!! Como passou a noite?

-Bom dia!

-Oi...Dormi bem... e vocês?

-Eu, mais ou menos... Estava ansiosa com a tua visita!

-Estou feliz de estar aqui...

-Veja quem vem chegando...

-Nosso amigo professor!

-Bom dia! Vamos caminhar até a escola?

-Bom dia a todos... Atrasei-me um pouco...

-Nós acabamos de chegar...

-Vamos, então?

-Faz anos que não piso em uma escola...

-Já nós, estamos lá quase todo dia...

-Tenho lido a respeito... Piso salarial, greve, Síndrome de *Burnot*, ou *Burned-out*? mal-estar docente, *bulling*, descaso, projetos, transdisciplinariedade, crises, transformações... Pergunto a vocês, que trabalham ali... para que a escola? Para quem?

-A quem serve a escola?

-Há muitas escolas... e não Uma Escola...

-A grande maioria delas opera num mesmo padrão, num mesmo sentido...

-Bom... Segundo Foucault a escola é uma “instituição de sequestro”...

-Sequestro... é uma designação forte... sequestro é crime...

-Através do disciplinamento cria corpos dóceis, manipuláveis, governáveis...¹²³

-...

-Acho que ela seqüestra, no mínimo, a vontade de aprender dos estudantes... A criança entra na escola com a mente aberta, cheia de curiosidade. Lá pelo 4º ano sua preocupação já é tirar nota boa. Esqueceu o quanto gostava de aprender...

-Ha, ha, ha... Sequestra a alegria do professor de ensinar!!!

-Minha alegria, cuidado, não vou perder... não vou deixar sequestrarem.... (pelo menos, por enquanto...) vou manter meu

¹²³ FOUCAULT, M. 1999, p.292.

entusiasmo... Não é fácil... Mas não dá para ficar sempre culpando alguém pelas limitações que vamos encontrando... Sigo semeando... Alegro-me perceber alguns alunos desabrochando, criando seus caminhos, seus fazeres, sua vida.

-E você, como se sente como professor?

-Alegrias e lamúrias... Quem não carrega seu *piano*? Sinto-me um pouco frustrado... Não acredito mais em mudanças...

-Há muitos educadores atuando na transformação da educação...

-É... Mas, cada vez mais, menos pessoas querem trabalhar como professores nas escolas, sabias?

-Muito desgaste...

-Exige-se do professor que seja um companheiro dos alunos, que se ofereça a eles como um apoio para seu desenvolvimento pessoal; mas, ao mesmo tempo, exige-se que ele “mantenha a ordem”, “tenha o domínio da turma”, faça avaliações, seleções, julgamentos, adote uma postura contraditória à anterior. Exige-se do professor que se ocupe do desenvolvimento individual de cada aluno, permitindo o nascimento e a evolução de sua própria autonomia: mas, ao mesmo tempo, pede-se que ele produza uma integração social, na qual cada indivíduo se acomode às regras do grupo. Muitas vezes o professor vive uma profunda ruptura com a instituição educacional em que trabalha, discordando da forma como esta atua ou dos valores que promove; mas, ao mesmo tempo, o professor aparece aos olhos do aluno como um representante da sociedade e da instituição.¹²⁴ E ainda por cima, um salário de miséria...

-Prevalece o controle... como num exército!

-...

-O poder disciplinar foi desenvolvido, na sociedade moderna, nas escolas e em diversas instituições, pelas instâncias de controle, como poder microscópico calcado nas práticas de vigilância. É uma sofisticada tecnologia cujo fim é imprimir nos sujeitos, o mais permanentemente possível, determinadas disposições sociais. Como a permanência na escola é diária e se estende ao longo de vários anos, os efeitos deste processo são efetivos... Um verdadeiro seqüestro...

-Vamos aos trancos e barrancos... Produzindo a possibilidade do novo... Rompendo alguns muros, tensionando os modelos da escola moderna, esta concepção de um espaço fechado destinado à educação.

¹²⁴ ESTEVE. 1999, p. 31, 32

- Fechado e obrigatório...
- Há alguns séculos...
- Faz tempo...



Figura 23- Vestígios de olhares. Lia Mena Barreto, *Jardim de Infância*- 1995. Instalação 32m² (fonte: Catálogo da 1^a. Bienal do Mercosul, 1997.)

-A educação escolar atravessou, pelos tempos, até hoje, paisagens que, alternadamente, enfatizaram disciplina, adestramento, controle, autonomia... Estes conceitos tem suas raízes na Maiêutica socrática, na Paidéia grega, no pensamento platônico que, ao dividir o mundo em idéias e aparências, apontou no homem uma incompletude e a

(des)coloriu com um não estar ainda vivendo o ideal, o perfeito, mas uma sombra. Haveria, para Platão, uma perfeição a priori, e caberia a nós, alcançá-la.

-Acho que se o pensamento platônico, por um lado, abriu espaços - estes percursos entre o que é e o que pode ser, por outro, fechou perspectivas, fixando idéias-verdade, destinos pré-traçados, negando a valor da criação e da experiência.

-É mesmo... Estas formas estão tão presentes ainda em nossa forma de perceber o mundo... Não é?

-Penso que sim... Elas foram reproduzidas no discurso moderno que reafirmava uma verdade única, objetiva, racional, determinada por causas identificáveis pela ciência, o novo deus, detentor da verdade...

-Muitas vezes é com este olhar que vejo a mim... Nunca sendo o que deveria ser, sendo menos...

-Eu também... Penso de um jeito, sinto de outro, e ajo ainda de uma terceira forma, quase sempre seguindo um padrão... Não sou como gostaria ... Nunca sou o ideal...

-Uma frustração...

-Nem sempre! A vida encontra tantas vezes em nós, um ser indisponível... O novo está brotando a cada segundo. Um salto! Ultrapassando fronteiras... Arte reverberando outros tons... Os obstáculos estão em nossa rigidez... nas certezas de nosso mundo. A arte fala de uma região outra, de onde nos vem uma força nova!¹²⁵

-Não é o Bukowski que diz que o problema é que, no mundo de hoje, as pessoas inteligentes estão cheias de dúvidas e as idiotas, cheias de certezas?

-Pois é.... Apesar de todos esses séculos de educação...

-E eu que pensava que conhecia, que era livre...

-A constituição de um sujeito “livre” e capaz de ação racional, universal, organizada por seu eu transcendental é o sentido máximo do projeto pedagógico da modernidade. Embora com variações, a maior parte das teorias pedagógicas centra-se em torno deste eixo, com a construção do homem consciente de si e responsável por seus atos.¹²⁶

-Kant fazia parte deste time... Configurou uma crítica da razão pela própria razão, uma crítica da moral pela própria moral, todo um categórico universal, servindo de critério para um juízo, confirmando os

¹²⁵ BLANCHOT, M. 1987, p. 12.

¹²⁶ PRESTES, N. 2008, p. 83.

antigos padrões e os fortalecendo por interiorização. Obedecer à razão, à consciência... Quando o homem adquire maioridade, deixando de obedecer ao rei, ou ao pai, ou ao amo, quando se emancipa da autoridade exterior, aparecem em cena a razão e a consciência que o obrigam a seguir obedecendo. O sujeito é o grande invento no qual o próprio sujeito assume a dupla tarefa de vigiar e ser vigiado, de dominar e ser dominado, de julgar e ser julgado, de castigar e ser castigado, de mandar e obedecer. O sujeito interioriza a lei como dever, numa confirmação dos valores estabelecidos, mantendo uma postura de debilidade e submissão.¹²⁷

-...

-As propostas iluministas de liberdade e *domínio da realidade* resultaram, no entanto, na preponderância dos interesses econômicos, na ambição desenfreada dos mercados, na ambição doentia capitalista, na quase destruição do planeta, na mediocridade padronizada da sociedade de consumo, no desenpoderamento dos seres humanos “comuns”, na constituição de uma escola que serve, menos à formação de cidadãos, do que aos interesses do sistema econômico.

-Nietzsche¹²⁸, há mais de um século, havia percebido no espírito socrático-teórico, um falso otimismo, um conjunto de *certezas* que precisam ser questionadas, pois em seu seio, a boa educação é aquela que afasta o ato de criar, visto como improdutivo e ineficiente.

-Há muitos Sócrates. Infinitos. E não só porque há testemunhos diferentes. Mesmo o Sócrates de Platão é bastante contraditório: em algumas passagens, ele nega o que afirma em outras. Não penso que Sócrates tenha construído uma teoria fechada, uma vez que afirmava não saber nada além de seu não saber...¹²⁹

-Para Nietzsche, a teoria socrática valorizava aspectos apolíneos do homem, como a moralização e a racionalização, em detrimento dos aspectos dionisíacos, artísticos, trágicos e exuberantes da vida.¹³⁰ A partir desta perspectiva, teria se desenvolvido uma *educação-adestramento*, que se coadunava aos interesses da Polis e, mais tarde, do Estado, das indústrias, do capitalismo: fazer que o jovem seja disciplinado, submisso,

¹²⁷ LARROSA, J. 2004, p. 232.

¹²⁸ NIETZSCHE, 1987, p.65.

¹²⁹ KOHAN, W. 2011, p. 9.

¹³⁰ NIETZSCHE, 1991, P.2

pronto para ser consumido em determinados nichos do mercado de trabalho.

-A escola tem exercido um papel de controle social fazendo a inserção do aluno na “máquina de produção”, dividindo o conhecimento em disciplinas, colocando o professor num papel autoritário, destruindo a curiosidade e a iniciativa do aluno e, sobretudo, a alegria de ensinar e aprender.

-Parece-me que na escola, somos colocados nesta “rede” disciplinar, uma rede que parece invisível, nos fazendo crer que o disciplinamento é natural...¹³¹

-É uma forma bastante sutil de poder, determinando formas de se estar no mundo, de conhecer o mundo, de se relacionar com os outros... Acho muito difícil lutar contra esse inimigo invisível...

-Acho que a arte pode ajudar a encontrar os fios dessa rede e... escancará-la... Podemos ir esgarçando cada fio que nos prende...

-Talvez como ratos, a irmos roendo, ou, como nuvens, atravessando-a...

-Estamos criando o mundo com nosso olhar...

-...

-Como assim? O mundo e o tempo estão bem aqui. Veja...

-O mundo não existe anteriormente a um olhar que lhe dê uma visada.

-Mas quando nosso olhar se enquadra num molde, numa fórmula, num hábito, ele se torna debilitado e o mundo parece fechado, despojado de mistério, de poesia, de potência, de vida.

-“Vivemos em um tempo onde a cultura se transformou profundamente, se tornou uma cultura-mundo, uma cultura do tecnocapitalismo planetário, das indústrias culturais, do consumismo total, das mídias e das redes digitais, diluindo fronteiras, reconfigurando o momento em que vivemos e a civilização por vir... Estamos conectados com todos... O local mais remoto está ligado ao global, há um encolhimento do espaço e também do tempo”¹³².

-Mas que forma conexão!? Quero o calor de um corpo... intensidade... o espaço de um silêncio, a intimidade de uma vela; transformar estas enxurradas de imagens, saberes e poderes num

¹³¹ VEIGA-NETO, 2011, p.70.

¹³² LIPOWETSKY, SERROY, 2011, p. 7.

caledoscópio... num tempo mais espaçoso...O tempo está encolhendo demais... atividades, ansiedades, falatórios...

-Pluralidade de vozes... “Multiplicam-se as hibridizações e a diversidade de valores.”¹³³

-E as banalidades... Nas sociedades do espetáculo, preponderam os sentimentos que prestam ao discurso midiático. Os sentimentos desprovidos de *glamour*, não tem reconhecimento, nem expressão.

-Tudo está virando mercadoria...

-Não creio nisso... Nem tudo... Há uma saída...

-Meu coração quase gela quando me deparo com os enormes e hostis olhos que transformam tudo em pedra, ou em ouro, ou em avenidas onde trafegam, indiferentes, cabeças e pés e suas vãs esperanças e medos; mãos esquerdas em gestos contidos de carinho; peitos num inaudível murmúrio; pernas correndo atrás de nomes e renomes, do pão de cada dia, sem ver o dia, esquecidos de que são também céu infinito, também montanha, também mãos vizinhas, dores vazias, também alegrias, também...

-Embora os *aparelhos* capitalistas capturem as afeições desejos que lhe são úteis, podemos provocar deslocamentos, criar proximidades, uma inocência prazerosa e atenta, gestos de acolhimento...

-“Depois de ter passado pela prova da insensibilidade política, se curvado às duras lógicas do produtivismo, às máscaras insanas da eficiência econômica, não estariam as sociedades redescobindo os encantos da distensão, da retomada do imaginário, de formas de ação que privilegiam a intuição, o sensível, a experiência, de reentrada da estética como possibilitadora da reinvenção da vida em bases mais felizes?”¹³⁴

-Talvez...

-Tomara!

-...

-Falamos também através de nossos espaços em branco, de nossas contradições...

-Quero perfurar a tela que coloniza nosso olhar e instala uma percepção homogenizadora e redutora aos valores deste capitalismo tardio e seu projeto de expansão global. A tela-imagem publicidade

¹³³ idem.

¹³⁴ MEIRA, M. 2003, p. 61.

gigantesca que o objeto faz de si mesmo, forçando nossa imaginação a apagar-se, nossas paixões a se extravasarem.¹³⁵



Figura 24 - Olhar devastado. Anselm Kiefer, *Zim zum* 1990. Acrílica, emulsão, crayon, cinzas sobre tela. 380x560cm. (fonte: <http://redclay.chattablogs.com/archives/2004/10/naked-as-we-came.html> Acesso em 17.04.12)

-Perfurar a tela de controle, espalhada em nossos olhos, negação do sensível, que faz do corpo mera aparência, da alteridade um deserto e do cotidiano, banalidade.

-Não há tela. O espaço é infinito.

-!

-Potencialidades, sempre presentes...

-As escolas estão sendo confrontadas com a necessidade de construir novas formas de criar e compartilhar conhecimentos, de aprender a lidar com suas dificuldades em transformar as formas de fazer

¹³⁵ BAUDRILLARD, J. 1997, p 30.

educação, tão ligadas à reprodução dos modelos de estratificação, competição, exclusão, controle, dominação, que caracterizam as práticas econômicas em nossa sociedade.

-Estamos fazendo por mudar... Propondo ações que mostrem as formas sutis de poder, que desterritorializem, levem a estranhamentos, e ao mesmo tempo, acolham, aconcheguem, fecundem afetos.



Figura 25 - Olhar encaixotado. Jacquelyne DuPrey, 2011. Fotografia.

-A gente tenta... Mas o tédio escolar prossegue... Desinteresse... Os alunos só querem saber de internet...

-As crianças aprendem também com as mídias...

-É claro!!! As mídias chegam a fazer parte de suas vidas, como uma forma de extensão através da qual constroem relações, conhecimentos, seus mundos.¹³⁶

¹³⁶ FANTIN, M. & RIVOLTELLA, C. 2010, p 100.

-Elas têm, ao mesmo tempo, um caráter multiplicador e uniformizador, manipulando as opiniões, infantilizando-as, desarticulando significações, abrindo um leque tão amplo de imagens que podem gerar apenas confusão, desorientação e sentimentos de impotência.

-Os ambientes tecnológicos também podem excluir, ativando novas estratégias de segregação social, impondo uma lógica eficientista, qualidade sacralizada pelo neo-liberalismo, “implantando mecanismos de controle muito sutis ao redefinir as noções de tempo e espaço em termos de representação, ao implementar uma cultura tecnocrática e uma gestão do conhecimento com objetivo de gerar vantagens competitivas.”¹³⁷

-Como viver sem meu *leptop*???



Figura 26 – Olhar neon. Jenny Holzer, *Proteja-me do que quero*. Instalação na Times Square, NY. 1985. Fonte: www.e-flux.com/.../jenny-holzer-at-printed-matt.. Acesso em 05.03.12

¹³⁷ MARTIN, apud HERNANDEZ, 2006, p.122.

-Quais seriam os valores indispensáveis para nós, neste momento?

-... ?

-Quem sabe o ar, a água, a natureza...

-Quem sabe a delicadeza... solidariedade...

-Ou uma inteligência que ultrapasse os condicionamentos, que saiba pensar, também, o *fora*..

-Não é fácil... Nós professores estamos sendo sacudidos por todos os lados... Estamos sendo desafiados a lidar com todas estas questões, a questionar o senso pedagógico comum, ultrapassar estereótipos, fazer escolhas, redesenhar trajetórias, abrir nossos horizontes e nossos modelos de formação cultural, a atender à ampliação do campo de interesses dos estudantes desencadeada pela cultura digital, a aprender a ensinar utilizando as novas tecnologias (que estão continua e rapidamente se renovando), a trabalhar com os recursos que dispomos, tantas vezes quase inexistentes ou pouco adequados.

-O que mais me mobiliza, me traz ânimo (diante destes desafios quase monstruosos) é perceber que existe, sempre, apesar de tudo, a possibilidade de, não apenas instrumentalizar e capacitar as crianças, mas também empoderá-las, de qualificar suas situações de aprendizagem, de autoria e participação em contextos formais e informais. Trabalhar suas relações com as tecnologias, com os saberes, utilizando as possíveis condições precárias, justamente para provocar reflexões, desconstruir e descondicionar essas relações.¹³⁸

-Afinal, a aprendizagem é um processo sobre o qual não se pode exercer controle: nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender – que amores tornam alguém bom em arte, por meio de que encontros, se é músico, ou geógrafo, em que dicionários se aprende a pensar..¹³⁹

-Abrir, deslocar, possibilitar... ao invés de controlar... Bom... Cá estamos... Vamos entrar?

¹³⁸ FANTIN, M & RIVOLTELLA, C. 2010, p. 96.

¹³⁹ DELEUZE, G . 2009, p. 237.

Bom dia! Arte, poética e cotidiano

O papel da arte é retirar as sensações do fisiologismo biológico, psicológico e social. Abrir as asas da mente e dos saberes do corpo, para imantar e contaminar energeticamente um contexto facilitador aos atos de criação.

Marly Meira

O que é a realidade sem a energia deslocadora da poesia?

René Char

-Viemos de longe... Cruzamos o meticuloso espaço úmido entre os segundos, sem molhar o sapato. Junto à porta aberta, atingiram-nos gritos estridentes, olhares desconfiados. Então, entramos.¹⁴⁰

-Olhamos de volta com olhos mais abertos...

-Olhares cotidianos. Sementes que continuamente plantamos e colhemos em paisagens.

-Faz mesmo muito tempo... Anos e anos que não visitava uma escola...

-Vamos dar uma volta, temos uns 15 minutinhos antes da primeira aula...Podemos olhar as obras dos alunos ali no pátio...

-Nesta escola não temos uma sala de artes... Temos, ainda, é que abrir espaço para a arte nas escolas...

-Abrir espaço para acontecimentos que não tem lugar neste lugar.

-Como não vivemos em tempos de grandes e universais ações, parto, de meu pequeno campo de atuação, o cotidiano, a sala de aula, das relações que ali estabelecemos, eu e os alunos, com a arte, com a escola, conosco mesmos, com o mundo. Quando penso, ensino, falo ou escrevo, busco provocar um des-centramento, um abandono declarado de todo centro, toda referencia privilegiada.¹⁴¹

-Pensar é estar doente do olhos, já dizia Fernando Pessoa..

¹⁴⁰ HARO, R. 2011, p.39.

¹⁴¹ GONZALES, Y. p. 6.

-Depende...“O pensamento parece uma coisa a toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar.”¹⁴²

-Bem atrás do pensamento tenho um fundo musical. Mas ainda atrás, há o coração batendo. Assim o mais profundo pensamento é o coração batendo.¹⁴³



Figura 27 - A luz coloriu o dia e o olhar virou música! Cícero Dias. *Moça no Barco*. 1980. 73x60cm. (fonte: www.itaucultural.org.br. acesso em 06.11.2012)

¹⁴²Lupicínio Rodrigues, *Felicidade*. Fonte www.vagalume.com.br acesso em 06.11.2012.

¹⁴³LISPECTOR, C. 1998 a, p.27.

-Fazer arte é levar a linguagem até o limite, até o ponto em que se gagueja,¹⁴⁴ em que se perde a referência de eu.

-Quando crio, não sou mais apenas eu... as palavras que penso, falo, desenho e escrevo, vem de longe, trazem as vivências dos que já pensaram, falaram, desenharam, escreveram antes de mim... Sou e não sou autora de minha linguagem...

-Linguagem sem autor?



Figura 28 - Olhar e seu duplo.. Frida Kahlo, *As duas Fridas*. 1939, óleo sobre tela. (fonte: www.museofridakahlo.org.mx. Acesso em 06.11.2012)

-A vida é algo mais do que eu. Não faço arte para falar de mim. Não escrevo para vasculhar meus arquivos pessoais, meus dramazinhos passageiros. Acho que criar arte é um dever alguma coisa. Não se desenha pelo simples fato de desenhar. Acho que se desenha porque algo da vida

¹⁴⁴DELEUZE, G. 2009, p. 22.

se passa em nós. Desenha-se para a vida... Desenhar é devir, devir o que bem entender.¹⁴⁵

-Eu pinto para me livrar da carga difícil de uma pessoa ser ela mesma. Em cada pincelada pulsa um coração. Cada mudança, cada projeto novo, causa espanto: meu coração está espantado. É por isso que toda a minha pintura tem um coração onde circula sangue.”¹⁴⁶

-Eu trabalho com o inesperado... Desenhar é uma indagação... procura de vida.

-Vida que me perturba e me deixa trêmulo com seus desafios que parecem necessários ao meu amadurecimento.... Desenho para aprender.¹⁴⁷

- Aprender a viver e conviver com esse tempo tecido com citações de mil povos e, como cada momento fugaz da vida, propor sentidos para depois evaporá-los.¹⁴⁸ Entoar melodias em meio às horas, dançar coreografias em meio aos afazeres, abrigar bem-te-vis em meio as obrigações, deslocamentos poéticos que possibilitem o acolhimento do mundo.¹⁴⁹

-Uma dança caótica e ritmada, sustentando um olhar sensível sobre os fatos, descobrindo a força da vida presente, nossa obra de arte...

-A arte só se oferece a quem conquista o seu acesso...¹⁵⁰

-A arte se aproxima e se confunde com a vida, com o cotidiano, fecundando as terras incertas, onde o virtual e o real se interpenetram, diferentes olhares se cruzam, múltiplos discursos se tocam e se transformam, recriando o mundo.

-...

-Não sou assim tão forte... Permaneço, boa parte do tempo, em paisagens mais conhecidas e confortáveis, em realidades instituídas, em opiniões generalizadas, longe dos riscos.

-É assim que sou também como professora de arte. Às vezes me arrisco, e caminho com os alunos por novas terras, às vezes, habitamos prisões. Não sei explicar como, mas sigo aprendendo...

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ LISPECTOR, C. 1978, p. 17.

¹⁴⁷ Idem, p. 16, 19.

¹⁴⁸ Idem, p. 63.

¹⁴⁹ LOPES, D. 2007, p. 57.

¹⁵⁰ PAREYSON, L. 1997, p.73

-Penso que aprendemos com a arte porque ela nos põe diante de um impasse, diante do absolutamente outro, uma aprendizagem pela “não-aprendizagem”, se quisermos comparar com tudo o que sabemos do que seja aprender. Aprender, no senso comum, é segurar, agarrar, mas aqui, é justamente ver escorregar das mãos todas as possibilidades de agarrar. Estar diante do “abismo”. Um desafio.¹⁵¹

-Inútil agarrar... a água escorre entre os dedos... Apenas experienciar.



Figura 29 – Olhar sublime do banal. Vincent van Gogh . *Natureza morta ao redor de um prato com cebolas*. 1889. Museu Kröller-Müller. (fonte: www.vangoghgallery.com acesso em 06.11.2012).

¹⁵¹ KONESKI, A. 2009, p. 76.

-A experiência tem por função retirar o sujeito de si, fazer com que ele não seja mais o mesmo. Ela acontece, migra, possibilita outras vivências.¹⁵²

-Como fazer acontecer a experiência viva na sala de aula? Na escola, tão cheia de nós, fôrmas e deformações?

-É possível?

-As experiências são brechas abertas em sistemas demasiadamente acabados, fechados, liberdades do caminho, de infidelidades teóricas, deslocamentos institucionais, derivas existenciais, encontros inesperados.¹⁵³

-Mesmo sendo a escola, como a cultura, um âmbito da regra, onde somos moldados a ver, agir, participar, relacionarmos-nos com o outro e a comportarmos-nos de determinada maneira, como dizia Jean-Luc Godard quando fazemos arte, criamos o âmbito da exceção.

-Nem sempre...

-A experimentação poética metamorfoseia aquilo que não cabia nos lugares da cultura. Abre fissuras no campo fechado da escola. Faz caber coisas no mundo que antes não cabiam, fazendo-nos ver coisas que não conseguíamos perceber.

-Alguns dizem que nós artistas somos muito ingênuos... que vivemos num mundo fantasioso, alienados. Que temos que enfrentar a realidade...

-Vão mudar o mundo com poesia? Poesia não é uma arma eficiente. Como fica nosso embate com os poderes que perpetuam desigualdades, injustiças e a destruição do planeta e da humanidade?

-...

-Você faz arte engajada?

-Estou menos interessado na arte que comenta a política do que na arte que, por ela mesma, pelo efeito que ela produz em nós, nos move e transforma. Todos já tivemos experiências dessas na vida: ouvir uma música, ver um filme ou um quadro, que nos marca de uma maneira irreversível, algo muda, algo se quebra, algo se abre. É nesse sentido que a arte é política. É menos uma arte sobre política e mais a idéia de uma política da arte.

¹⁵² LOPES, D. 2007, p. 26.

¹⁵³ Idem, p.27.

-O ato criador produz uma política de leveza, pois desarma a solidez da realidade, cria brechas, desvios, liberdades.

-Leveza... Não dá para ser leve o tempo todo, a insustentável leveza...



Figura 30 - olhar/ escuta. *O grito da árvore.* Escultura realizada pelos alunos da 7ª série EEBM M. C. Nunes. 2010.

-A arte revela e oculta, voa e afunda, ilumina e obscurece, tem espaços de luz e de sombra.

-A arte contemporânea me parece pesada, muito pesada, abjeta... Veja a obra do Bacon, do Kiefer...dos ingleses do Sensation... obras que se negam a dialogar conosco, são o acontecimento do próprio obscurecimento, uma invasão da sombra.¹⁵⁴ Elas parecem negar-se a nos mostrar o mundo pelos moldes tradicionais. Parecem nos provocar estranhamentos, nos falar mais de ausências que de levezas...

-A leveza da arte vem de sua abertura, da fecundidade de campos arados por deslocamentos que desmontam nossos hábitos e nos colocam diante de nossa própria amplidão.

-Diante de nosso próprio abandono...

-Também... A obra de arte, porém, não nos deixa abandonados num lugar desolado, traz sempre um olhar, algo que nos olha, nos envolve - um pêlo, uma pétala, uma poeira, uma terra, um dedo, um dia... uma palavra com quem conversar.

-O olhar abre meus olhos, mas não entendo o que vejo...

-Na arte contemporânea abrir já não é ver, mas ouvir o ruído de um “aberto” que se instaura através do diferente, do estranhamento. E se ela enriquece nossa vida, não é porque nos oferece saídas, mas, ao contrário, porque problematiza nossa relação com a realidade e apresenta muito mais perguntas do que respostas.¹⁵⁵

-Aberto? Me sinto devassado!!!! De perguntas e problemas... Banalidades, consumos, injustiças, ansiedades, violências...

-Num cotidiano onde a velocidade varre a presença, o olhar poético atravessa a dimensão utilitária e unívoca da realidade e cria intervalos, pausas, silêncios, repousos.

-Não dá mesmo para esperar um tempo perfeito... A experiência artística propicia enxergarmos o sublime no banal, no pequeno, no brilho de uma gota de chuva, ou de uma pedra no asfalto. Não mais no absolutamente grande.

-À medida que, cada vez mais, o grandioso pode ser associado à arte dos vencedores, dos impérios, desde a arte nazista aos épicos

¹⁵⁴ KONESKI, A. 2009, p.69.

¹⁵⁵ Idem, p.75.

hollywoodianos, é justamente no cotidiano, no detalhe, no incidente, no menor, que reside o espaço da diferença.¹⁵⁶

-Para mim a experiência artística é o provisório absoluto, uma exigência de deslocamento, uma violação da linguagem. Não há tempo para parar e entender de todo.

-Uma forma de resistência.

-Acho que algo *menos*...ou *mais*... uma concepção estética fundada num quietismo quase oriental, no silêncio, na não ação.¹⁵⁷ Perceber-se infinito. *Ahimsa*... não violência, não resistência. Uma opção pela experiência mínima, cotidiana, não gloriosa de cada dia, um desejo de dissolução no universo.¹⁵⁸

-Mas temos que encarar a realidade!

-Vejo a experiência artística como antídoto contra o retorno do real, possibilidade de criação de outros reais.

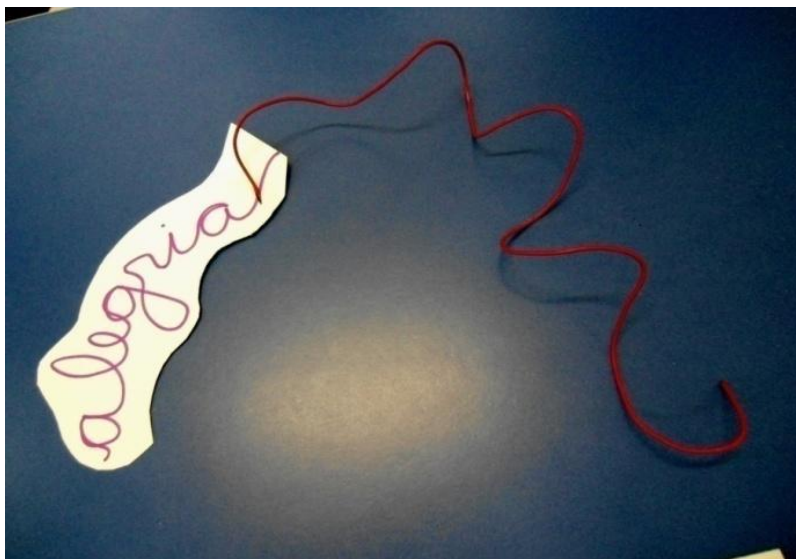


Figura 31 - Linha de fuga ou fuga da linha? Tim Diederichsen, 2011.

¹⁵⁶ Lopes, D. 2009, p.41.

¹⁵⁷ Idem, p. 15.

¹⁵⁸ Idem, p.42.

-Acho que vocês são todos uns românticos... Desde que Andy Warhol declarou “Sou um artista comercial”, ao confundir as fronteiras da arte, da moda, da publicidade, a situação mudou. Integrados, de maneira ostensiva, nos sistemas midiático-mercantis, os artistas contemporâneos aspiram a um objetivo claramente definido: ganhar dinheiro e ser célebres. O valor de uma obra não está mais em sua condição estética, mas em seu preço de mercado. As exposições de museu passam a ser concebidas como produtos, vendidas no mundo inteiro, precisam assegurar um montante de negócios, passa-se para a era da mercantilização globalizada da arte. Vivemos na era dos museus-espetáculos elevados à categoria de destino turístico de massa.¹⁵⁹

-Você está observando apenas um lado da questão. Eu, como artista, penso que o interessante, como já disse, é perceber que a arte, apropria-se do aparato mercadológico e tecnológico criando diferenças e desvios nas narrativas dominantes. Ela transforma as tecnologias e as relações de mercado, em instrumentos desviantes, potenciais de criação, formas de ampliação de campos perceptivos, de elaboração de linguagens próprias e interativas, potencializadoras da vida. Talvez até se possa dizer que um dos papéis mais importantes da arte numa sociedade tecnocrática seja justamente a recusa de submeter-se à lógica do projeto social das máquinas semióticas, reinventando, em contrapartida, suas funções e finalidades. Longe de deixar-se escravizar por uma norma, por um modo estandardizado de comunicar, as experiências artísticas reinventam a maneira de se apropriar de suas linguagens.¹⁶⁰

-...

-Vocês estão superestimando o poder da arte... Vivemos em um mundo sob risco de desaparecimento, em uma crise ambiental aguda, somos uma humanidade beirando sua autodestruição, se lançando numa espécie de abismo, num espaço desconhecido

-Mas é esse mesmo outro espaço desconhecido e não contaminado com os poderes e suas hostilidades, que pode vir a ser o terreno da hospitalidade e do compartilhamento, como supunha Derrida¹⁶¹.

¹⁵⁹ LIPOVETSKY, G & SERROY, J. 2011, p. 87- 90.

¹⁶⁰ MACHADO, A. 2004, p.5.

¹⁶¹ DERRIDA, J. 2004

-A criação artística não se deixa capturar nas malhas da cultura nem se conter na estreita armadura da lógica. Capta a vida, o instante em um frescor para além dos conceitos, um instante nunca antes vivido. Toca a abertura, qualidade básica da existência, anterior à dimensão cultural. Abertura não como um domínio superior, mas como aquilo que dá lugar ao mundo.

-As experiências estéticas produzem afectos que transbordam as afecções e percepções ordinárias, do mesmo modo que os conceitos podem transbordar as opiniões correntes.¹⁶²

-Isto não seria uma *arte filosófica*?

-“A arte não pensa menos que a filosofia, mas pensa por afectos e perceptos.”¹⁶³

-Também na escola, nas aulas de arte, o ato criador, inventa fagulhas, linhas de fuga, diferentes maneiras de se relacionar com as realidades instituídas. A perspectiva artística é certamente a mais desviante, ela se afasta em tal intensidade dos estreitamentos habituais das praticas escolares que equivale a uma completa reinvenção dos meios.



Figura 32 - Borda(do) olhar. Arthur Bispo do Rosário. *Manto de apresentação*. Década de 1960 (fonte: www.itaucultural.org.br acesso em 06.11.2012)

¹⁶² DELEUZE, G & GUATTARI, F. 1992, p.88.

¹⁶³ Idem.

-No ensino da arte, nos deparamos com o apaixonante desafio: abrimo-nos a novas formas de viver e pensar o presente, evitando que nossas propostas resultem simplesmente num endosso dos modelos de produtividade, eficiência e competitividade da sociedade neo-liberal. O trabalho com arte pode ser uns dos mais poderosos instrumentos críticos de que dispomos hoje para ver além das bordas, para pensar e transformar o modo como as sociedades contemporâneas se constituem, se reproduzem e se mantêm.¹⁶⁴

-Penso que a arte provoca, instiga e reaviva nossos sentidos, descondicionando-os, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo.¹⁶⁵

-Arte é o exercício experimental da liberdade.¹⁶⁶

¹⁶⁴ MACHADO, A. 2004, p.6.

¹⁶⁵ CANTON, K. 2009, p 12.

¹⁶⁶ PEDROSA, M, apud CANTON, K. 2009, p. 11.

Manhã... A margem de cá - o estado de coisas

*Perdi a força sagrada, vivificante, com a qual
criava mundos ao meu redor.* Goethe

*O poder de divisão da escola: a educação torna-se
um não-mundo e o mundo torna-se não educativo.*
Ivan Illich

*Estabelecer relações nas quais, no lugar de
dominação, se exercem composições entre os seres;
estas, nem adequações harmoniosas entre
diferenças, nem fusões totalitárias fadadas a tornar
os seres similares. Criar relações nas quais os
seres envolvidos mantêm singularidades,
diferenças, do começo ao fim da relação: a
composição entre eles realça tais diferenças, sem
degradar qualquer uma delas em proveito de outra.*
Denise B. de Sant'Anna

-Os muros continuam altos... Parece estranho separar as crianças do mundo para educá-las...

-Como educar para a liberdade, dentro de muros?

-Os muros continuam lá fora...

-Muros feitos com tijolos de misérias... *another brick in the wall...*¹⁶⁷

-Misérias econômicas?

-Sim... E misérias outras... sociais, culturais, éticas, de valores, de sensibilidade...

-“Tendo a sociedade transformado as necessidades básicas em demandas por mercadorias cientificamente produzidas, define-se a pobreza por padrões que os tecnocratas podem mudar ao bel prazer. A pobreza se aplica àqueles que ficaram aquém de algum ideal de consumo

¹⁶⁷ *Another Brick in the Wall* (outro tijolo no muro) Parte 2. Pink Floyd. Roger Waters, 1979, album The Wall.

propagandizado. Os pobres ficam, ainda, socialmente impotentes. A crescente confiança nos cuidados institucionais adiciona uma nova dimensão à sua impotência: impotência psicológica, incapacidade de defender-se. A pobreza combina a falta de poder sobre as circunstâncias com a perda de força pessoal. Esta modernização da pobreza está na raiz... Tornamo-nos dependentes, incapazes de organizar nossas próprias vidas, a partir de nossas experiências e recursos, dentro de nossas próprias comunidades.”¹⁶⁸



Figura 33 – Não mais olhar. Joseph Beyus, *O final do século XX*. 1968. Instalação, Bienal de Veneza. (fonte: www.artthrob.co.za. Acesso em 06.11.2012.

-“A falta é um coração roubado, o espoliamento infinito, a indigência, o tédio, a separação, a infelicidade.”¹⁶⁹

¹⁶⁸ ILLICH, I. 1977. p. 24,25

¹⁶⁹ BLANCHOT, M. 2010, v. 3. p. 18.

-Desse mundo, com sua espessura de concretude e seu cortejo de crueldades, como abrir saídas inventivas e espaços de acolhimento?

-Talvez tornando-nos capazes de viver as misérias do mundo, de identificar formas de exploração, dominação, sofrimento, e, a partir delas, agenciar a possibilidade do novo¹⁷⁰...



Figura 34 - Olhar nuvem. Ivan Freitas. *Paisagem Urbana*. 1984. Escola Nacional de Música. Rio de Janeiro. (fonte: *A metrópole e a arte*. São Paulo: Prêmio, 1992.)

-Meu olhar não está preso dentro dos muros...

¹⁷⁰ GALLO, S. 2008, p. 61.

-Sim?

-Nem o meu... “Se olhares os muros manchados ou feitos de diferentes tipos de pedras, verás aí variadas paisagens, montanhas, rios, rochedos, árvores, planícies, grandes vales e diversos tipos de colinas. Descobrirás também, combates e figuras de movimentos rápidos, estranhas visagens e costumes exóticos e uma infinidade de coisas. Esses muros vem a ser como o som de sinos cujas badaladas evocam o nome ou o vocábulo que imaginas.”¹⁷¹

-O olhar não se refere ao vivido, “mas consiste, por sua própria criação, em erigir um acontecimento que sobrevoe todo o vivido, bem como qualquer estado de coisas. Cada conceito corta o acontecimento e o recorta a sua maneira.” A grandeza de um olhar “avalia-se pela natureza dos acontecimentos aos quais seus conceitos nos convocam.”¹⁷²

-Os conceitos também podem se tornar prisões...

-É mesmo... Quando se pretendem universais... e eternos... Porém, são provisórios como uma miragem...

-Todavia ressoam...

-Os conceitos são criações. E cortam o espaço aberto infinito e fecundo da vida.

-É... Mas eles partem de algum contexto...

-Os conceitos são sempre relativos, temporais. Mas o espaço... é um “plano de imanência, não é um conceito, nem o conceito de todos os conceitos. Se estes fossem confundidos, nada impediria os conceitos de se unificarem, ou de se tornarem universais e de perderem sua singularidade.”¹⁷³ O espaço é abertura, não se pode fechá-lo!

-Espaço...

-“Os conceitos são como vagas múltiplas que se erguem e se abaixam, o plano de imanência é a vaga única que os enrola e desenrola.”¹⁷⁴

-Abertura... desenrola... na escola?

-Mesmo dentro dos muros...

-Será possível?

-Conte para nós... Como... O que você está vendo?

¹⁷¹ DA VINCI, L. apud DIAS, K. 2010, p.147-148.

¹⁷² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1992, p.47.

¹⁷³ Idem, p. 51.

¹⁷⁴ Idem.

-Paradoxos... Ao lado dos altos muros, das carteiras enfileiradas, do cansaço dos professores, da agitação e do tédio dos alunos, do olhar ausente dos vigias nos corredores, das viseiras do conhecimento fragmentado aqui reproduzido, da estreiteza ou ausência de horizontes, enxergo lampejos de liberdade e vida: nos olhos vívidos daquele guri meio carequinha, no pé que dança inquieto da menina de blusa azul, na curiosidade do rapaz escutando seu colega ali no pátio, na vontade de fazer melhor daquela professora esta manhã, no sorriso ancho da merendeira, na poesia de João Cabral colada no mural, nas incertezas e desejos se movimentando nas mentes de cada um, no espaço entre os átomos que formam tudo.

-(Trans)formam... dando forma às nossas paisagens ficcionais. Se a rotina da escola nos pressiona, dia após dia, nos impõe o peso de determinada maneira de viver, a experiência da paisagem pode ser a transfiguração, a suspensão, o intervalo. “Se o cotidiano torna mais opaca a nossa relação com o espaço que nos circunda, transformando-se numa espécie de resistência que nos impede de ver além de sua platitude, ter o *olhar-em-paisagem* é provocar a fissura que transforma o muro em nuvem.”¹⁷⁵

-Uma mudança de hábitos, um devir outro... dirigir o olhar para aquilo que nos escapa.

-A atitude é que é importante!

-É... e a maneira como percebemos... Somos condicionados historicamente...

-Podemos parar de nos agarrar ao caminho condicionado e aprender a abrir-nos ao caminho não-condicionado. Os nossos problemas vêm de agarrarmo-nos ao eu... à nossa identidade: memórias, opiniões, julgamentos, esperanças, medos. Canoa furada... conversa fiada!

-Uma conversa incessante...

-Tudo gira à volta deste eu, eu, eu, meu. Acreditamos que esse eu é realmente uma entidade sólida e imutável que nos separa de todas as outras entidades lá fora. Isto cria a idéia de um eu permanente no centro do nosso ser, que temos de satisfazer e proteger... Mas, tão breve quanto palavras escritas sobre a água, é uma ilusão... com suas couraças, defesas, competição, domínio... traz muita dor e medo.

-Separa-nos do fluxo da vida!

¹⁷⁵ DIAS, K. 2010, p. 154.

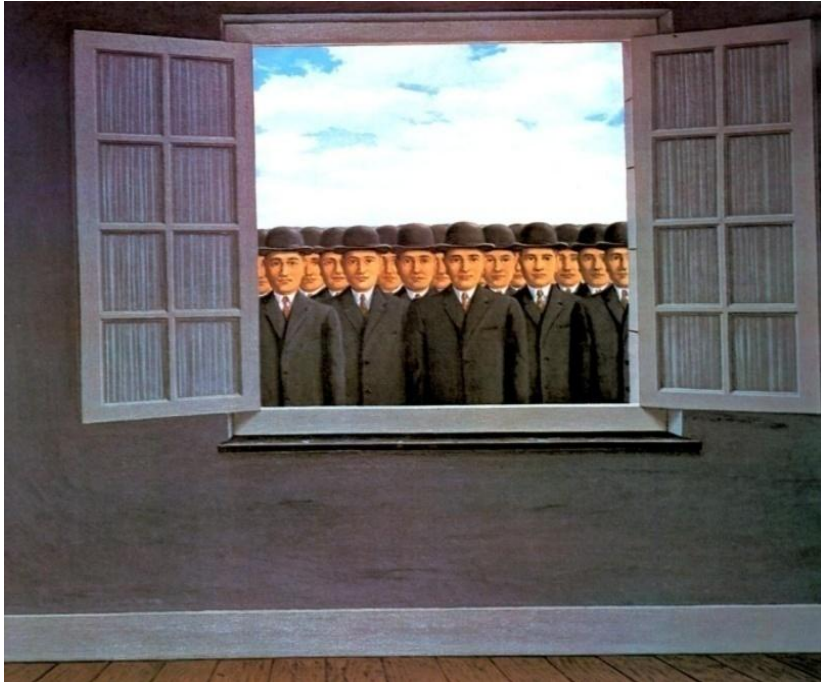


Figura 35 - Mesmos olhares. René Magritte. *O mês de vindima*. 1959. (fonte *René Magritte*. RJ, Civilização Brasileira, 1985)

-Penso que, de forma geral, as escolas reproduzem essa cultura fundada num forte sentido de eu, que a sociedade toma como verdade, e que, acredito, é a base do capitalismo com suas ambições, territorialismos, guerras, exclusões e fomes.

-É realmente o que a cultura hegemônica encoraja, postulando que quando mais ambiciosos, poderosos e assertivos formos, mais felizes seremos. As pessoas andam muito confusas... o eu é apenas condicionamento...

-O eu é como uma prisão... A liberdade está no fora...

-...

-Os condicionamentos nos prendem...

-Nós mesmos que nos prendemos... nos deixamos aprisionar... seguimos anestesiados em nossas identidadezinhas confortáveis...

-Desconfortáveis!!!!

-O ato artístico possibilita desdobrar nossas identidades... substituir a intimidade do eu pelo *fora* que a arte possibilita!¹⁷⁶

-Encoraja-nos a mudar, a viver. Ninguém pode fazer o trabalho por nós, cabe a nós fazê-lo ou não. Exige esforço e determinação, mas, é uma prática leve, sustentada pela poesia...

-Demora muito...

-Lamento, não há uma transformação rápida. Mas afinal, é a única coisa que vale a pena. A chave é a prática poética diária. A poesia. Mas não a situamos no inatingível: pegamos as chaves, abrimos as portas, saímos da prisão. Diariamente...

-Eu bem que gostaria de...

-Oi, *Profe!* O que vamos fazer hoje?

-Bom dia, Carlos! Esses são meus amigos...

-Bom dia!

-Estou pensando em convidá-los para participar da nossa aula hoje. Que te parece?

-Legal... Bom dia... O que vamos fazer hoje?

-Que tal continuarmos nossos desenhos da escola?

-Vamos, outra vez, trabalhar no corredor? Minha pintura está descolando da parede... Olha só...

-E se formos hoje para o jardim?

-*Maneiro*... Sair da sala de aula é legal... diferente...

-Vamos conversar com a turma... Nos encontramos na sala, daqui a pouco?

-*Valeu*... Até já, *profe*...

-Até, querido.

-Vocês querem assistir essa minha aula?

-Claro!

-Para isso viemos...

-E você, colega, tem o horário da primeira aula livre?

-Sim... Hoje estou correndo com o conteúdo, preparando as provas... Tenho que fechar as notas... Mas acho que vai ser proveitoso irmos todos à sua aula.

-E então, vamos?

-Como artista, acho que pode ser bem interessante ver como as crianças interagem com a arte...

¹⁷⁶ LEVY, T. 2011, p.30.

-Ótimo! Fiquem a vontade para contribuírem com o que quiserem... Para dar uns toques... Um olhar de fora...

- Vamos então, nós quatro, é a turma do 3º. Ano...

-Vocês estão desenhando a escola?

-Sim... Diria que estamos cartografando a escola... Conhecendo, com outros olhos, seus espaços... seus cantos... seus dizeres... e não dizeres...

-Que interessante! Mas como?

-De várias formas... Um longo percurso... Estamos trabalhando há alguns meses... Começamos, no início do semestre, conversando:

-Ah, profe, que pena que as férias acabaram...

-Eu tava curtindo tanto ficar em casa... Tão legal...

-Tava com saudades dos amigos... Mas a escola é chata.

-Também fiquei com saudades de vocês! E... podemos fazer as aulas serem legais...

-Fala sério...

-Faltam quantos meses para as próximas férias?

-Quatro.

-Tudo isso? Que saco!

-Até que tem umas aulas legais... Mas a maioria...

-A escola podia ser diferente....

-É claro!

-É muito chato...

-O que é mais chato?

-As provas!

-Análise sintática.

-O mau humor do professor na segunda feira...

-A hora que toca o sinal.

-A gente não poder conversar!

-As aulas serem sem graça... sem diversão...

-A aula de arte é legal... às vezes...

-Não acho nem uma aula legal... Não tem nada a ver...

-É um idiota... Num enche o saco! Não se interessa por nada...

-Só por comida! Nem joga bola! Tira sempre 5 ou 6... Eu tirei 10 na prova de ciências!

-João! Isso é jeito de falares com teu colega! Tu agires assim, com grosserias, só demonstra que não és melhor que ninguém...

-Você se acha, né? Por isso que ninguém quer ser seu amigo!

*-Mas ele é muito burro, professora!
-Ninguém sabe tudo... Nem eu... Estamos aqui aprendendo juntos...
Você gosta quando te ofendem?
-...*



Figura 36 - Olhar Bulling. Luis Henrique Schwanke. *Linguarudo*. Década de 1980. (fonte: www.schwanke.org. acesso em 06.11.2012.)

*-Agora ele fica aí com essa cara de bunda, profe..
-Foi mau, professora.
-Diga a ele, não a mim.
-Foi mau, cara, desculpa...

-Profe, a conversa tá chata... vamos desenhar?
-Já, já... Sabem.... eu também acho algumas coisas muito chatas
nesta escola?
-Sério?
-Uma delas é essa falta de afeto, de respeito, entre vocês... Entre
nós...
-Isso não é nada, profe, Ontem um guri do 9º. Ano encheu o
Jairzinho do 6º. Ano, de porrada. Veio até ambulância...
-É... que triste... Mas podemos fazer diferente...*

-Claro! Fazer diferente... Uns guris do ensino médio quebraram as carteiras da sala do fim do corredor!

-Também estas carteiras jurássicas...

-Precisamos aprender a cuidar... De nós, da escola, do mundo...

-Quem vai cuidar de nossa sala? Olha o teto, está quase caindo ali no canto...

-Tem tanta coisa caindo...

-Profe, você acha que o mundo vai acabar?

-????????? Ihhhh! Crianças! Como será que podemos criar a escola que queremos? E... o mundo que queremos?

-Ah profe, será que vai dar?

-Ela é uma viajona....

-Eh! Cara, se liga! Não ia ser legal?

-Eu acho/

-Eu queria dizer que ro/

-Que saco! /

-Você/

-Eu não posso fa/...

-Gente... Deu! Se falarmos todos ao mesmo tempo... Quem vai escutar?

-Profe, eu posso anotar os nomes das pessoas que querem falar e ir chamando, como fizemos na assembléia.

-Bom idéia, Jorge! ... Será que podemos descobrir outras formas de conviver, de aprender, de inventar nossa escola?

-Inventar nossa escola????

-Porque não?

-???????

-Doidera!!!!!!

-Eu quero uma escola que tenha muitos bichos no jardim... Cavalos, coelhos, galinhas...

-E peixes!!! Para estudarmos os peixes!

-Eu quero uma escola que deixem a gente brincar... que deixem a gente levantar da carteira...

-Quero revirar o tempo... Dar cambalhotas... Fazer aventuras!!!

-Isso mesmo!

-Vocês topam, neste semestre, a gente fazer um projeto, nas aulas de arte, talvez em outras disciplinas, olhando para nossa escola e... inventando uma escola?

-Como assim?

-Vamos visitar vários espaços da escola... Os banheiros, os corredores, a biblioteca... E desenhar o que vemos...

-Não tem graça... A gente passa no corredor todo dia!!! Prefiro, que nem quando mechemos na argila, desmanchar esta escola e fazer uma outra...

-Será que já olhamos para o corredor? Para cada canto, cada detalhe?

-Vamos desenhar tudo que vemos na escola?

-Para quê?

-Para percebermos coisas, formas, cores, que normalmente não percebemos... e também imaginar como podem ser diferentes...

-Os meninos vão entrar no banheiro das meninas?

-Se combinarmos... Podemos fazer desenhos, pinturas, instalações, em cada ambiente...

-Desenhar nas paredes?

-Vamos ver...

-Eu vou pintar esta sua cara de bobo para ver se você fica mais bonito...

-E a gentileza... Vai fazer parte da nossa escola?

-Sim...

-Depende...

-Quem de vocês já reparou neste chão?

-...

-O chão está limpo hoje, profe...

-O chão desta sala é igual ao da biblioteca?

-Não sei...

-São diferentes, profe... Aqui é de madeira, lá é azulejo...

-O daqui é mais quente.

-Acho que neste chão tem uma música...

-O que?

-Um ritmo.

-Eu tô escutando...

-Podemos sentir com a mão... a textura...

-Acho que ele está cantando...

-E o chão da rua? Do jardim? Da praça?
-A praça não fica na escola, profe...
-É mesmo... Mas podemos também ir até lá...
-Profe, vamos desenhar logo!
-Que tal começarmos colhendo texturas?
-Textos? Outra vez!
-Também... Texturas... Como fizemos no ano passado com as diversas folhas de árvore que encontrávamos durante nosso dia...
-Foi legal! Eu encontrei um monte de folhas diferentes! Meu trabalho ficou o bicho!
-O meu ficou mais legal!
-Os meninos são muito metidos, né profe?
-O legal é saber, também, apreciar o trabalho dos amigos... Mas então... Pensei em buscarmos as texturas de nossa escola... De vários locais... Sala, pátio, quadras... Vamos levar alguns papéis e gizes de cera e fazer muitas frotagens...
-Eu quero trabalhar com argila!
-Podemos também... Pensei em hoje descermos e fazermos a aula lá no jardim...
-Legal!
-Mas vocês precisam se comportar... Não dá para ficar correndo cada um para um lado, combinado?
-Tá bom!!!
-Eba!!!

-Antes quero lhes mostrar algumas imagens... Vocês lembram-se do Krajcberg?
-...?
-Eu lembro, aquele que mora em uma casa em cima da árvore!
-Este mesmo. Ele fez muitas esculturas, tenho aqui umas fotos...
Essa! O que vocês estão vendo?
-Parecem uns defuntos...
-Uns fantasmas!!
-É triste..
-Eu lembro! Ele defende a natureza! A profe tinha passado um vídeo dele mostrando as queimadas na Amazônia!
-Eu também vi! As árvores chorando...
-Que feio!!!

-É mesmo, profe, não é bonito. Minha pintura da semana passada é mais bonita do que isso daí...

-Agora... esta pintura de um jardim... Nós já vimos antes... É de um pintor francês... Quem lembra?

-Maneta!

-Manet! Profe.

-Quase... Monet...

-O que há de semelhante e de diferente nestes trabalhos?

-Essa é linda, pro.

-Eu acho muito feia, não dá nem para ver as flores direito, tá tudo borrado...

-O que é bonito para um é feio para o outro... Cada um vê de um jeito... Como pode?

-A gente é diferente!

-É que tem uns com um baita mau gosto!

-E você tem bom gosto, Joana? Como é este tal de bom gosto?

-É o bonito, minha mãe é que diz isso...

-O que faz alguma coisa ser bonita e o feia?

-... (me acho tão feia...)

-Então, vamos descer até o jardim... Cada um vai escolher alguma coisa para desenhar...

-E a argila?

-Podemos levar também! Quem quiser pode modelar na argila... Depois vamos montar um jardim artístico na área coberta!

(...)

-Profe, olha aquela nuvem! Parece um navio! Ôôôôôô...

-É mesmo, Jonas, navegando no céu!!!

-E aquela outra! É um coelho!!!

-Eu estou vendo um caminhão! Redondo...

-Crianças, que tal deitarmos todos na grama e olharmos, juntos, as nuvens? Podemos deixar as frotagens para a próxima aula...

-Dá para sentir a textura da nuvem!

-Nosso olhar toca as nuvens, né, Maria?

-Minha mão não chega lá! Que pena!

-Estou vendo um cachimbo!

-Isto não é um cachimbo!

(...)

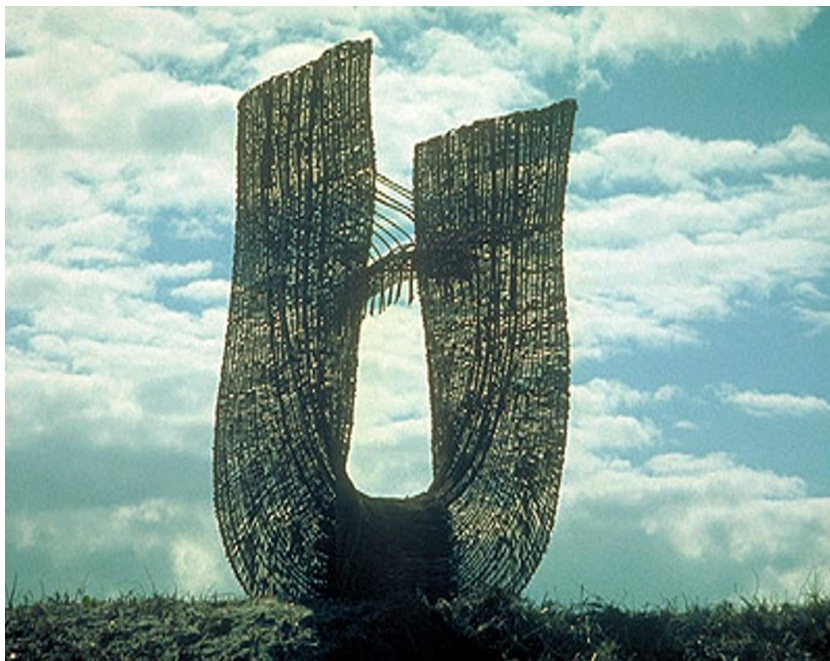


Figura 37 - olhar transparente. Franz Krajcberg. (fonte: franzkrajcberg.blogspot.com.br acesso em 06.11.2012)

-Foi assim que começamos... Com o desejo de desconstruir e reconstruir nossa escola...

-Uma visão crítica...

-Desconstruir seria também um método?

-Nem um método, nem um pensamento, nem sequer uma crítica, mas um acontecimento, uma prática.

-Não uma crítica?

-“A desconstrução não é uma crítica e sim um ato de justiça.”¹⁷⁷

Justiça com o aluno... outra vez o outro... ou comigo mesma como outro...

-Penso na amorosidade necessária para realizar esta desconstrução em parceria com os alunos... E na habilidade...

¹⁷⁷ SKLIAR, C. 2008, p.20.

-Sim... aprender a estarmos juntos, a acolher e escutar as questões dos alunos... Propiciar que eles coloquem suas questões, e como elas me questionam!

-Manter-se aberto quando se é questionado não é fácil...

-Exige que eu me abra para o desconhecido... Que abra espaço para o aluno, que eu lhe ceda lugar, que o deixe tomar seu lugar. Um acolhimento que ofereço sem expectativas de reciprocidade.¹⁷⁸

-Mas as crianças também te acolhem...

-É verdade!!! Algumas delas são muito carinhosas. Procuramos então, juntos, acolher a escola. É o que estamos tentando fazer neste projeto... Acolhemos o espaço, colhemos texturas. Desenhamos a sala de aula, os colegas, as janelas, os banheiros, os corredores... Fizemos pequenas maquetes... Estamos juntando os trabalhos, montando uma visão multifacetada... Muitas descobertas...

-E as crianças estão gostando?

-Muito! Estão percebendo cada coisa! Discutindo porque as coisas são do jeito que são... e imaginando como poderiam ser...

-Gostaria de ver os trabalhos...

-Professora!

-Bom dia, diretor!

-Soube que a senhora levou os meninos no banheiro das meninas... O que a senhora está incentivando, já se deu conta?

-É que ...

-Desculpe, mas não tem cabimento!!! O que os pais vão dizer disso?

-Estamos desenvolvendo aquele projeto... As crianças estão animadas! Estamos visitando todos os lugares da escola... Gostaríamos também de ir à diretoria...

-Vamos pensar sobre isso... Mas misturar meninos e meninas no banheiro não! Nos vemos na hora do recreio.

-Até lá então... Às vezes dá vontade de sumir... ou de morrer...

-O mundo dos mortos é aqui, quando sucumbimos à opinião generalizada.¹⁷⁹

-E eu não sucumbi.

¹⁷⁸ DERRIDA, J. 2003, p. 25.

¹⁷⁹ GALLO, S. 2008, p.59.

-As potencialidades revelam sua presença em cada *situ-ação*. Para vê-las é preciso distanciar-se do habitual, retomar a “fresta que aponta para longe, para outra margem que nos fará ver o (in)comum que está tão perto. Envolvidos pelo espaço, redesenhamos suas fronteiras.”¹⁸⁰

¹⁸⁰ DIAS, K. 2010, p. 146.

Manhã... A margem de lá- utopias

*Não gosto de me explicar.
Prefiro a penumbra do não-saber.
Clarice Lispector*

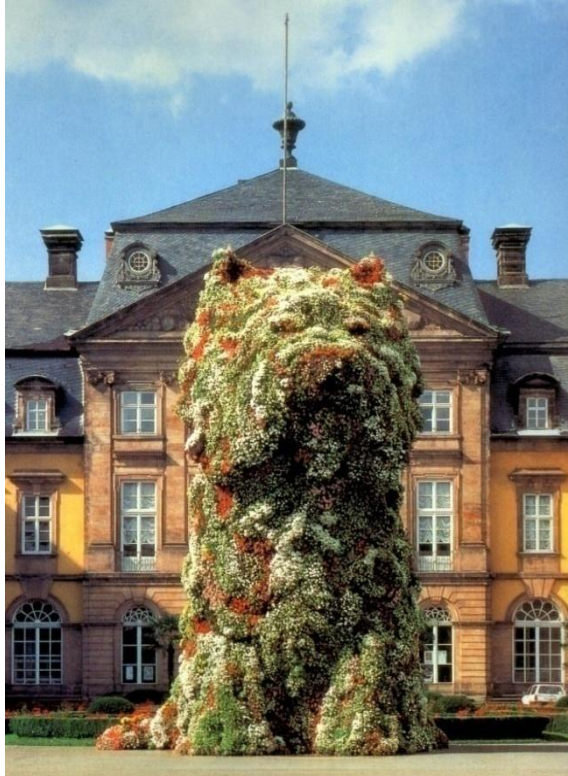


Figura 38- Olhar lúdico. Jeff Koons, *Puppy*, 1992. Instalação 11,5 m de altura. Temporariamente em exposição no Schloos Arolsen, Alemanha. (fonte: Renshaw. *O livro de arte para criança*, POA: Artmed, 2006)

-Escuta!
-As crianças gritando?

-Outras vozes constroem a escola e insistem em serem ouvidas. Vozes híbridas, vindas de cá, de lá, dos vários cantos do mundo, conhecidas e desconhecidas, distantes e próximas. Vozes contemporâneas, traçando rotas desviantes, imprevisíveis. Vozes/arte que transformam as tessituras ordinárias da vida cotidiana escolar, provocando diferenças, estranhamentos e acolhimentos. Vozes silenciosas que nos libertam das palavras que já não nos dizem.

-Vozes utópicas...

-Solitárias...

-Nem sempre... Vozes que tocam o outro, “pois não pode haver utopia solipsista.”¹⁸¹

-Alienação...

-É com a utopia que a educação torna-se política, e leva ao mais alto ponto a crítica de sua época. “A utopia não se separa do movimento infinito: ela designa etimologicamente a desterritorialização absoluta, mas sempre no ponto crítico em que esta se conecta com o meio relativo presente e, sobretudo, com as forças abafadas neste meio.”¹⁸²

-Meros sonhos... Como o socialismo utópico. Ideais sempre traídos... Nunca vamos realizá-los... O capitalismo está aí... Bem forte... devorando tudo.

-A utopia não é algo que não se realiza, ou só se realiza traindo-se. É eleger a revolução, a transformação, como plano de imanência, como *solo da vida*. Um “movimento infinito, sobrevôo absoluto, e quando estes traços se conectam com o real, o aqui e agora, na luta contra o capitalismo, relançam novas lutas sempre que a precedente é traída.”¹⁸³

-Revolução? Ainda? Não será uma ingenuidade?

-Micro-revoluções, micro-políticas, dia a dia...

-Trabalho de formiguinha!

-O conceito de revolução não está na maneira como esta pode ser conduzida, mas no ‘entusiasmo’ com a qual ela é pensada, um entusiasmo imanente, que nada, nos estados de coisas ou no vivido, pode destruir.

-Bom... Podemos tentar...

-Podemos aprender...

-A aprendizagem é resultado do ensino?

¹⁸¹ BARTHES, R. 2003 a, p.88.

¹⁸² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1992, p.130.

¹⁸³ Idem.

-... ?

-Também, acho...

-Antes, da vontade de aprender a cada momento.

-Aprendemos com a arte.

-Até a arte moderna, consigo dizer que aprendemos. Mas com a contemporânea, tenho dificuldade...

-A arte contemporânea com seus silêncios e estranhamentos nos “ensina” pela não-relação, pela descontinuidade que instaura com nossa maneira comum de perceber, com a herança que recebemos e seus antigos conceitos.

-Estás sugerindo que devemos então esquecer a história e os conceitos elaborados no passado?

-Não estou desvalorizando o passado, não se trata disso. O que pretendo dizer é que a arte nos ensina porque nos coloca frente a um ensinamento “outro”, de outro “modo de ser”, diante de uma experiência com o que nos ultrapassa, diante do infinito, uma experiência em que o ser do objeto se nega a vir à luz, e, ao negar-se, leva-nos ao encontro do seu “ruído”, dos vestígios dessa riqueza inominável.¹⁸⁴

-Isso é realmente diferente da preocupação de procurar respostas coerentes, nos moldes tradicionais, que nossa carga histórica impõe. Como criar uma relação com a tradição que nos liberte e não nos aprisione?

-Pois não há como romper completamente ou ser totalmente virgem no olhar... um certo conhecimento é necessário... Um repertório amplo...

-...

-Não busco uma ruptura, mas um deslocamento... Entendo a dificuldade de relacionar-se com a tradição desta maneira, pois implica libertar-se de suas seguranças e, paradoxalmente, ter um bom conhecimento dela para poder descartá-la. Implica ainda, poder, no confronto com ela, perceber a fecundidade de descartá-la (paradoxalmente conservando-a) e de acolher outros modos de ser.¹⁸⁵

-O passado não é uma página virada, não cessa de se instalar no presente e de ser reinstalado por ele.

¹⁸⁴ KONESKI, 2007, p. 100.

¹⁸⁵ Idem, p. 101.



Figura 39 - Olhar expandido- Guto Lacaz. *Auditório para questões delicadas*. Instalação flutuante. 1989. Parque do Ibirapuera, São Paulo. (fonte: A Metrópole e a arte. SP, Editora Prêmio, 1992.)

-Vejo a “arte contemporânea, não mais como uma tensão dialética entre tradição e originalidade, ou cópia e criação, mas como a irredutível presença da singularidade.”¹⁸⁶. Mesmo na sala de aula, percebemos em cada aluno personagens únicas de abundâncias e fertilidades. Abrimos mais e mais. Trabalhamos nas fissuras que abrimos nos horizontes, buscamos acolher o incabível, o desequilibrado, o estranho, o esquecido, novas abordagens estéticas.

-Como?

-Possibilitando experiências artísticas que desafiam concepções instituídas. Na medida em que interior e exterior, sujeito e objeto, real e virtual se confundem numa interconexidade, nos afastamos de definições precisas e mergulhamos no campo da multiplicidade, da transitoriedade.

¹⁸⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1992, p. 19.



Figura 40 - Olhar navegante. Sandra Cinto, *a Ilha*. Instalação, 2008. (fonte: www.casatriangulo.com. Acesso em 08.11.2012.)

-Mas as situações são como são... têm sempre limites... e definições necessárias... São atuais, não virtuais...

-Mas “não se pode separar um estado de coisas do potencial através do qual ele opera, e sem o qual não haveria atividade ou evolução. É através deste potencial que ele pode enfrentar acidentes, estender singularidades até vizinhanças, ou seguir bifurcações que o transformam, ou, sobretudo, individuar corpos no campo que ele forma com o potencial. A passagem de um estado de coisa a um corpo, representa um momento essencial. É o que se chama o Acontecimento. O acontecimento não é o estado de coisas, ele se atualiza num estado de coisas, num corpo, num vivido, mas ele tem uma parte sombria e secreta que não pára de se subtrair ou de se acrescentar à sua atualização: contrariamente ao estado de coisas, ele não começa nem acaba, mas ganhou ou guardou o

movimento infinito, ao qual dá consistência. O acontecimento é imaterial, incorporeal, invivível: pura reserva.”¹⁸⁷

-Transformamos nossas mentes... Adentramos nossa natureza ilimitada. Enfatizamos devires. O devir, por desfazer normas e crenças, leva-nos a compreender a existência apenas como experiência, como ponte, passagem. O que há de grande no homem é ser ponte, e não meta. O que pode amar-se no homem, é ser uma transição e um acaso.¹⁸⁸

-A questão é como trabalhar nesta perspectiva com meus alunos... Será possível explicar, interpretar, mediar um conteúdo tão fugidío?

-Abordar, talvez, a arte de outra maneira... Tentando nos posicionar diante do ruído desta arte, diante da sua problematização, de seu vazio que esvanece qualquer palavra que se intentaria pronunciar a respeito dela. Talvez, possamos provocar nos alunos a percepção da fecundidade do ruído que a arte contemporânea aponta, desse estar para mais além do que podemos pensar, ou desse “muito próximo” que nos tira o sentido do compreender. Isso significa estar distante das leituras de obras de arte que se reduzem a um formalismo ou a um conteudismo. A arte é um conhecimento que não se resolve em interpretações, em explicações.¹⁸⁹

-Não interpretar?

-Interpretar Mallarmé não seria traí-lo? Interpretá-lo não seria suprimi-lo? Dizer claramente o que ele disse de modo obscuro não seria revelar e destruir o mistério de sua fala obscura?¹⁹⁰

-...

-Fala, pensamento e conhecimento obscuros, vazios, então a arte não oferece nada?

-Não se trata de dizer que a arte nada nos oferece, mas de dizer que o que ela nos oferece não é mais, aquilo que, por determinação de nossos velhos hábitos, esperamos dela. Ou, não se trata de dizer que a arte nada “diz”, mas de afirmar que ela diz o inefável, esse ruído indizível, que se faz vestígio, que acumula questionamentos. Neste estranhamento que ela nos causa está a sua profundidade, pois desmonta a pretensão do saber,

¹⁸⁷ Idem, p. 199-202.

¹⁸⁸ NIETZSCHE, F. 1998, p. 31.

¹⁸⁹ KONESKI, A. 2007, p. 100.

¹⁹⁰ LÈVINAS, E. 1994, p. 44

esse ato que, segundo Lèvinas, se impõe mediante uma violência e problematiza nossa pretensão de pensarmos que a arte está sempre disponível para vir à luz. A metáfora da luz é a da luminosidade, do arrancar o ser da obscuridade, quando sua profundidade, relembro Blanchot, está, justamente, na obscuridade.¹⁹¹

-A perda das estruturas estáveis e dos fundamentos unívocos apontou brechas na tela do conhecimento, trouxe para e educação tantos desafios!

-Desafios apaixonantes! Como caminhar por terras nunca antes pisadas!

-Não será por demais inseguro? Estamos lidando com a formação de sujeitos... com a emancipação... com a busca da verdade... Seria conveniente estabelecer, ao menos, um método...

-Não há a possibilidade de se fixar um método seguro para se chegar à verdade. Não há uma verdade, nem um caminho traçado de antemão que nos leve à liberdade. Não existe um itinerário a ser descoberto, mas a ser inventado.

-A arte contemporânea é nossa aliada nesta empreitada, pois diante da sua qualidade de estranhamento perdemos as referências. Não somos mais os dominadores. Estas obras impõem-se, não se deixam ler, há uma rebeldia na sua presença.¹⁹² Elas nos desnudam, pois problematizam nossa relação com a realidade. Apontam nossos espaços desabitados, as potencialidades não atualizadas em mundos, as ausências advindas dos buracos que as padronizações escavaram em nossos corpos.

-Há quem queira estabelecer regras de leitura...

-Mais do que ler imagens nos relacionamos com elas como um lugar de uma experiência da ordem do virtual. A imagem não é fixa, assim como o sujeito que a cria e o que a vê, está sempre em fluxo...

-“A arte é um paradoxo que nenhuma lei pode conter. Leis implantadas podem ser sempre violadas. Ela é criada pela imaginação do homem em relação com seu tempo. Quando a arte existe, ela se torna tradição. Quando ela é criada, é uma unidade que não existia antes.”¹⁹³

¹⁹¹ KONESKI, A. 2007, p. 101.

¹⁹² Idem, p. 95.

¹⁹³ SMITH, D. In STILES, K. & SELS, 1996. P. p. 37. (Tradução livre minha). “*Art is a paradox that has no laws to bind it. Laws set can always be violated. That confuses the pragmatic mind. It is created by man’s*

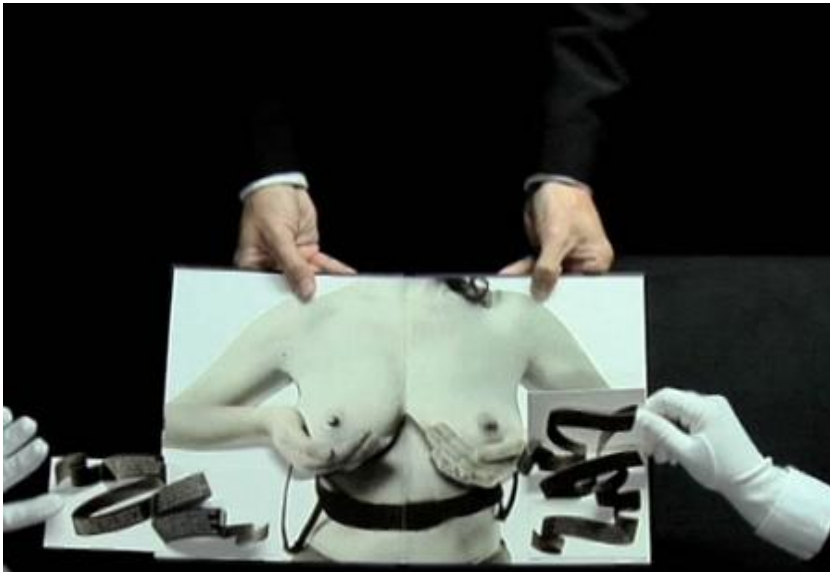


Figura 41 – Olhar despido. Sophie Calle, foto. 2009. (fonte: www.fotoclubef508.wordpress.com acesso em 08.11.2012)

-A leitura é também um esvaziar-se. Começa com o que vê e descobre, assim, a força de um começo. É acolhimento e não o poder de decifrar, de analisar, ou de retornar a quem desnudando. Ela não compreende. É ignorante... Inocência. Simplicidade que toma a imagem tal qual se oferece, sem passado, sem certezas.¹⁹⁴

-Ignorante?

-Sim... Um transpassamento de nossos hábitos de percepção e pensamento, possibilitando um ato poético súbito. “O poeta nasce da figura que recebe, cada vez, a primeira vez, ele se renova nesta breve novidade que introduz um intervalo na duração e inaugura um outro tempo.”¹⁹⁵

imagination in relation to his time. When art exists, it becomes a tradition. When it is created, it represents a unity that did not exist before.”

¹⁹⁴ BLANCHOT, M. 2010, p. 58.

¹⁹⁵ Idem, p. 59.

-Na arte não dizemos o que temos a dizer, mas algo completamente imprevisto.¹⁹⁶

-O valor do ato artístico, não reside somente naquilo que ele mostra, mas principalmente naquilo que nele fica em potência. O ato da criação não é um processo que caminha da potência para o ato para nele se esgotar, pois ressoa em sua forma, um ato de descrição, algo que desfaz o que está dado. Este ato de descrição é a vida da obra.¹⁹⁷

-Uma tentativa de atingir um certo ponto da vida que seja mais próximo do invivível, do ilimitado, uma experiência que requer um máximo de intensidade e, ao mesmo tempo, de impossibilidade. Criação de uma imagem, de um mundo. Tirar o sujeito de si, fazer com que ele não seja mais o mesmo.

-Impossibilidade? Busco o possível... É através de nosso repertório cultural que se dá a possibilidade de entrarmos em contato com a obra de arte... A partir, também, de um interesse... A imagem é também um enigma, uma pergunta, solicita toda nossa aptidão a responder, fazendo valer as garantias de nossa cultura e os interesses de nossa sensibilidade.

-Mas ela é, também, resposta, e repercute em nós como aquilo que extraí de nós a resposta que ela nos exorta a ser. Este desdobramento parece ser sua natureza... não apenas signo e significado, mas figura do não figurável, forma do informal, reanimando em nós a multiplicidade em que nos dividimos e nos juntamos indefinidamente. A imagem treme, estremece daquilo que oscila e vacila, escapando constantemente de si própria, pois não há nada onde ela seja ela própria, sempre já fora de si própria e sempre interior desse exterior.¹⁹⁸ Acesso à realidade própria do irreal e ao mesmo tempo, recriadora do real.

-Nos aproximamos, pela imagem, do próprio espaço da imagem, desse exterior que é sua intimidade, esse dentro e fora que é seu verdadeiro espaço.¹⁹⁹ O mundo se dobra e se redobra. A dobra é o acontecimento, surgimento de multiplicidades que sempre poderiam ser dobradas de outra maneira.²⁰⁰

-“A imagem segundo a análise comum, está depois do objeto: ela é sua continuação; vemos, depois imaginamos. Depois do objeto viria a

¹⁹⁶ KLEIN, K. 2011, p. 83.

¹⁹⁷ idem, p.91.

¹⁹⁸ BLANCHOT, M. 2010, p. 66.

¹⁹⁹ Idem, p.64.

²⁰⁰ DELEUZE, G. 1998, p.38.

imagem. Depois significa que cumpre, em primeiro lugar, que a coisa se distancie para deixar-se recapturar... A coisa estava aí, que nós apreenderíamos no movimento vivo de uma ação compreensiva e, tornada imagem.

-Ei-la instantaneamente convertida no inapreensível, inatural, impassível, não a mesma coisa distanciada, mas essa coisa como distanciamento, a coisa presente em sua ausência...²⁰¹ “A intensidade da imagem é proporcional à sua descontinuidade e à sua abstração máxima, ou seja, a da decisão de denegação do real. Criar uma imagem consiste em ir retirando do objeto todas as suas dimensões, uma a uma: o peso, o relevo, o perfume, a profundidade, o tempo, a continuidade e, é claro, o sentido. A custo dessa desencarnação, desse exorcismo, a imagem ganha esse fascínio a mais, essa intensidade, torna-se transparente a uma forma de sedução mais sutil.”²⁰²

-Viver um evento em imagem não é desligar-se desse evento ou desinteressar-se dele, como queriam a versão estética da imagem e o ideal sereno da arte clássica, mas tampouco é envolver-se nele por uma decisão livre: é passar da região do real, onde nos mantemos a distância das coisas a fim de melhor dispor delas, para essa outra região onde a distância nos detém, essa distância que é então profundidade indisponível, um fora, lonjura inapreciável que se torna como que a potência soberana e derradeira das coisas.²⁰³

- A obra faz aparecer o que desaparece no objeto.²⁰⁴ A realidade não é captável senão quando nossa identidade nela se perde.²⁰⁵ Quando habitamos este espaço do fora.

-Utopias brotam da experiência do fora, abrindo a possibilidade de outras subjetividades, restabelecendo nosso vínculo com o mundo; não um mundo além do mundo, mas o nosso mundo, o melhor dos mundos...²⁰⁶

²⁰¹ BLANCHOT, M 1987, p. 257.

²⁰² BAUDRILLARD, J. 1997, p. 32.

²⁰³ BLANCHOT, M. 1987, p. 262.

²⁰⁴ Idem, p. 224

²⁰⁵ BAUDRILLARD, J. 1997, p 17.

²⁰⁶ LEVY, T. 2011, p. 100.

Travessia

A ponte pende com leveza e força sobre o rio. A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia das pontes que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria, uma frente à outra.
Heidegger

-“Andemos... Nós nos deslocamos – de transgressão em transgressão, mas também de digressão em digressão. De dificuldade em dificuldade. Melhor ou pior, e mais gravemente: de impossibilidade em impossibilidade.”²⁰⁷

-Estamos buscando transformar as estruturas administrativas e as práticas escolares que fomentam a homogeneidade de olhares e métodos, os currículos que apresentem conhecimentos fechados, compartimentados, desproblematizados e desligados da vida. Transformar a pedagogia *arbórea* enraizada na univocidade de uma narrativa dominante, propondo práticas múltiplas, coletivas, rizomáticas, que atualizem uma pedagogia da diferença, possibilitem experimentações e saibam utilizar desregulamentações como forma de aflorar criações e alegrias. Buscamos, no ensino da arte, uma reversão do platonismo, em que o simulacro adquire um valor de diferença, libertando a linguagem dos significados transcendentais.

-Isso não levaria a um niilismo?

-A decepção de um significado não é um capricho niilista, mas a criação de uma pedagogia da dúvida frente a um conjunto de significados naturalizados. A arte move-se no seu plano de imanência, onde as “verdades” são abaladas pelo ato artístico criador, “e seu movimento envolve um conhecimento por vir e um prazer.”²⁰⁸

-Interessante... Uma violência a menos...

²⁰⁷ DERRIDA, J. 2003, p. 67.

²⁰⁸ GARCIA, W. 2012, p. 137.

-Estamos buscando incentivar, conjuntamente, nossas frágeis predisposições à solidariedade, para que o potencial de acolhimento torne-se definidor dos sonhos de felicidade individual e social.²⁰⁹

-O potencial para compartilhar não se equaciona bem sob comandos e imposições.

-Nem com o abandono num caos...

-Podemos aprender a estar no mundo sem perder a infinitude do caos no qual estamos mergulhados, já que é esse infinito o que permite a criação, aprender a flexibilidade às situações cotidianas, na sala de aula, no próprio processo de ensinar, junto aos estudantes, pois ensinar é aprender, é construir uma postura de entrega, de se colocar junto, de pensar e sentir de formas diversas, pois cada um de nós somos vários. Utilizar tudo o que pode nos aproximar, chegar ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer eu.²¹⁰

-Desenvolver uma prática pedagógica, não mais centrada nos professores e em conteúdos pré-estabelecidos, mas num processo de empoderamento e agenciamento, negociado nas relações de ensino, aprendizagem e pesquisa.²¹¹

-A percepção de nossa capacidade criadora e poetizadora de mundos, de nos fazermos *projetos em construção* é que nos confere potência.

-“Toda criação é singular.”²¹² Ao entrecruzarmos, nossas vivências e a maneira como as percebemos com o fazer artístico, despertando nosso olhar anestesiado e construindo nosso projeto-de-ser estamos possibilitando um movimento *auto-poiético*.²¹³ O que é criado, do ser vivo à obra de arte, desfruta de um caráter autopoietico, se põe em si mesmo.²¹⁴

-Poiética?

-A palavra poiética foi reconceituada por Paul Valéry, partindo da poética no sentido conferido por Aristóteles e propondo-se a estudar a gênese do poema. O objeto de estudo de Valéry é a obra *se fazendo*.²¹⁵

²⁰⁹ ASSMANN, H. 2003, p. 28.

²¹⁰ DELEUZE, G & GUATTARI, F. 2000, p. 11.

²¹¹ TOURINHO, I in. SILVA, M.C. , MAKOWIECKI, S. 2009. p.54

²¹² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1992, p.15.

²¹³ MATURANA, H. 2005, p. 21.

²¹⁴ DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.20.

²¹⁵ REY, S. 1993, p.83.

-A construção “auto-poética” me possibilita não ceder diante da intimidação, assumir meu próprio pensamento. Dizer o que tenho a dizer e não o que *deve* ser dito.



Figura 42 – Olhar camuflado. Ana Mandieta. *Corpo terra*. 1984. (fonte: www.frieze.com acesso em 08.11.2012.)

-Meu próprio pensamento? Penso tantas coisas ao mesmo tempo, tantos pensamentos me atravessam... Como o vento...

-A poética convida-nos a estabelecer um diálogo entre as nossas múltiplas personalidades que se ignoram. Faz com que exercitemos o diálogo com nossos mitos e nossas idéias, sem que nos deixemos possuir inapelavelmente por eles. Lembra-nos que a interpretação está sempre

presente no que nos parece objetivo e/ou nos ensina a desconfiar de nossos olhos.²¹⁶

-O caminho auto-poiético é *inventado*, de maneira singular e percorre paisagens descontínuas e sinuosas... Implica ser criador do próprio pensamento da própria vida, formar trajetos nos quais se possa percorrer e refazer o mundo.

-Implica, também, reconhecer-se em contato com os outros... ser parte de uma rede, estar aberto para o que nos circunda...

-Pertencer a um momento histórico.

-Adaptarmo-nos?

-Mais do que adaptarmo-nos ao nosso nicho-universo, sermos seus produtores.

-Desejo procurar maneiras criar estas experiências no coletivo da sala de aula. Buscar superar os conceitos empobrecedores e reducionistas que nos estreitam a visão e abrir caminhos que adentrem a sensibilidade dos estudantes, propiciando movimentos de despertar potencialidades adormecidas, trazendo à tona desejos e conflitos... Trabalhar com o que acontece...

-O presente é tudo que temos, e não nos larga...²¹⁷

-Produzir um outro tipo de subjetividade. Aberta... parceira... uma inter-subjetividade...

-Isso! Você está vendo este papel? “Se olhar bem, verá claramente nele uma nuvem. Se não existir a nuvem, a chuva não cai. Se não cair a chuva, a árvore não cresce. Se não cresce a árvore, não se faz papel. O papel e a nuvem se encontram em interexistência. Se observarmos mais profundamente o papel, veremos nele a luz do sol, sem ele as plantas não crescem. Se continuarmos observando, veremos o trabalhador que cortou a árvore posteriormente levada à fábrica de papel. Não posso citar nada que não esteja nele... Se removermos todos os elementos ‘que não sejam papel’, o papel deixará de existir.”²¹⁸

-A criação então seria uma intercriação?

²¹⁶ MORIN, E. 2005, p. 97.

²¹⁷ DELEUZE, G. & GUATARRI, F. 1992, p. 28.

²¹⁸ NHAT HANH, T. 2001, p. 164.



Figura 43 – Olhar entranhas. Henrique Oliveira. *A origem do terceiro mundo.* Instalação. 29a. Bienal de São Paulo. 2010. (fonte alicut.blogspot.com acesso em 08.11.2012)

-Acredito que sim. O fenômeno da criação é considerado a partir de uma perspectiva nômade. As tramas de permanência do mundo, dos conceitos, das idéias, rasgam-se a partir da transitoriedade de todos os fenômenos. Cada instante devora o precedente, cada nascimento é a morte de incontáveis seres. Gerar, viver e morrer são uma unidade.²¹⁹ Criação e destruição apresentam-se de forma justaposta. Para criar é necessário, por assim dizer, também morrer. Morte ampla, metafórica e parcial. Morte de nossas cascas, de nossas prisões.

-“A educação tem a ver com o nascimento, com o fato de que, constantemente nascem seres humanos no mundo.”²²⁰ Se queremos um mundo novo, a aprendizagem não é o começo de um processo mais ou menos antecipável, não é colocarmos a criança em uma continuidade

²¹⁹ NIETZSCHE, F. 1988, p. 45.

²²⁰ ARENDT, H. apud LARROSA, J. 2010, p. 186.

conosco, para que se converta em um de nós e se introduza em nosso mundo, mas a possibilidade de uma descontinuidade, de que algo que não sabemos e que não somos, inaugure um novo início. Educar é acolher o que nasce, o nascimento, é criar um lugar, abrir um espaço em que aquele que vem possa habitar.

-Talvez a pior tentação a que sucumbiu a pedagogia tenha sido aquela que lhe oferecia ser a dona do futuro e a construtora do mundo. Para tal, a pedagogia teria que dominar pelo saber e pelo poder as crianças que encarnavam o futuro por vir. Frente, à insaciável avidez de conhecer, de prever e de controlar e à arrogância dos que dizem saber o que são as crianças e o que se tem que fazer com elas.²²¹ Talvez só nos reste a difícil aprendizagem de abirmos mão de nossos egoísmos e nos colocarmos à escuta das imagens que os que nascem nos trazem.

-“Só na espera tranqüila do que não sabemos e na acolhida serena do que não temos, podemos habitar a proximidade enigmática da infância e nos deixar transformar pela potencia que cada nascimento trás consigo.”²²²

-Tenho que ficar pisando em ovos e aprender a pensar do ponto de vista de uma geração mais jovem, uma geração que não é a minha, tendo que me parir num outro século, num novo clima, num outro tempo...²²³

-Quero trabalhar sobre mim mesma. Dissolver os egoísmos reinantes. Nomeá-los, delimitá-los, dizer que eles existem. Desenraizá-los. Desaprendê-los. *Criançar*.

-Travessias. Viver as três metamorfoses cantadas por Zaratustra,²²⁴ infinitas mortes e renascimentos. A primeira, o camelo, espírito de suportação, para além de pesadíssimas cargas, carrega os fardos de um tipo de moral que requer o cumprimento de deveres.

-Ai! Acho que já fui assim...

-Mas a marcha no próprio deserto, uma tal solitude, engenha o espaço necessário à transformação. O deserto, vazio e desterro, pode inspirar uma salutar confrontação consigo mesmo.

-Começamos camelando...

²²¹ LARROSA, J. 2010, p. 196.

²²² Idem.

²²³ LOPES, D. 2007, p. 12.

²²⁴ NIETZSCHE, F. 1987, p.31

-A segunda metamorfose, leão. Necessidade de lutar pela liberdade. Uma luta que requer força selvagem. não carrega fardos, é livre como vontade.

-A liberdade de novas criações, talvez seja um exercício e uma luta diária.

-O leão é o espírito rebelde que opõe um “eu quero” ao “tu deves” inscrito em cada escama do dragão-amor; um herói negativo, sua força ainda é reativa, figura de um espírito ressentido. É o espírito aventureiro que toma a si próprio como experiência limite na qual coincidem a destruição e a criação, possibilitando a aparição de algo novo, que só se dá ao preço do sacrifício do que já se é.

-Mas o leão gosta de subjugar os outros animais... é o rei da floresta...

-Sim... Por isso a terceira metamorfose: a criança. Para que a criança nasça, o leão deve morrer e deixar um espaço de incerteza.²²⁵ A criança é esvanecimento, inocência, jogo, início. A criança abre um devir, um espaço sem garantias. Não se sustenta sobre nada, inaugura um começo, uma abertura não tocada por nosso poder, nosso saber, pelo que somos, é a própria vida se reinventando. A criança é um outro, aquilo que sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossas saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abismam as referências de nossas instituições.

-A infância nos fascina porque é o momento da fascinação, ela própria está fascinada, parece banhada numa luz esplêndida, irrevelada, reflexo puro, raio que ainda não é mais do que brilho de uma imagem.²²⁶

-Como professores, nos tornamos crianças.

-Agora, vamos para a sala de arte? Temos uma oficina com alguns alunos do 8º, do 2º e do 5º ano.

-Várias turmas juntas?

-Os que se interessaram pelo tema... *Imaginação em movimento, aulas-acontecimento*.

-Deve ser mesmo interessante trabalhar com várias faixas etárias.

-Muitas escolas trabalham assim... É bem legal! E os alunos também podem escolher entre diferentes oficinas...

²²⁵ LARROSA, 2004, p 230.

²²⁶ BLANCHOT, M. 1987, p.24.



Figura 44- Olhar no ar. Jacquelyne DuPrey. Fotografia. 2011

-Você disse que estão trabalhando o surrealismo, sonho e vigília...

-Em outra oficina, nas terças e quintas... Estamos, com esta turma, desenvolvendo um trabalho inspirado na vanguarda brasileira. Anos 60... Estudando a obra da Lygia Clark e do Hélio Oiticica. Uma parceria com o professor de literatura e o de consciência corporal.

-Estudando o Neoconcretismo?

-Nada como a visita de um artista... As crianças se encantaram com os parangolés! Cada um está inventando o seu.

-Vamos indo?

-Que lindas pinturas neste corredor!

-Esta me dá uma sensação estranha... Como se estivesse tudo girando...

-São interferências sobre fotografias que os estudantes tiraram da cidade... Estamos construindo também um enorme parangolé, para colocar na estatua do General Bicudo, na praça!

-Hilário!
 -Chegamos... Entrem...
 -*Uuuuu!* Movimentado mesmo, hein!!!
 -Uma arte ação!
 -Boa tarde turma!
 -Oi *Pro!* Temos novos colegas?
 -Boa tarde, *profe!* Eles vieram trabalhar com a gente?
 -Oi, galera... viemos sim, tudo bem?
 -Claro!
 -Estou achando incríveis seus trabalhos!
 -Sim! Muito alegres! São parangolés?
 -Parangolé picolé!
 -Cafuné!
 -Parangolé chulé! Pra espantar baixaria...
 -Parangolé rodapé rodopia pia pia...
 -A Marina e a Sandra ainda não chegaram, *profe!* elas avisaram que vão atrasar.
 -Está bem... E você... está começando a pintar sua oca?
 -Sim... Mas não consegui ainda firmar as paredes... Podes me dar uma força?
 -Quem sabe você convida meu amigo artista... Acho que ele vai ter uma boa idéia...
 -É claro, deixa dar uma olhada...
 -Esse lado fica caindo...
 -Que tal um pouco de resina?
 -Vamos misturar?
 -*Pro!* posso filmar hoje?
 -Ninguém mais quer?
 -Eles querem continuar trabalhando...
 -Pode ser, então. Vamos pegar a câmera no armário...
 -Vamos mandar o vídeo para a exposição no museu?
 -Se vocês quiserem... Acho ótima idéia!
 -Estão mesmo bem empolgados...
 -Sim. Alguns estão, agora, pintando seus parangolés.
 -Outros vestindo e dançando com eles!!!!
 -É... O parangolé parece uma capa à toa, mas como é que a gente voa...
 -Foi um ato revolucionário do Oiticica... transfigurou os conceitos e o exercício da arte... Transformou o quadro, numa “tela móvel”, uma

mistura de: suporte, estandarte, tenda, abrigo, roupa, e o que mais pudermos inventar. Uma tela que só acontece quando é vestida, movimentada, pelo, não mais espectador, mas realizador.

-Não representação de uma realidade mas apresentação de um mundo...²²⁷ Invenção...

-O parangolé é cheio de vida!!!

-Integra obra, autor e público, sujeito e objeto, tempo e espaço, forma e expressão... Até a Maria Joaquina, que muito raramente se engaja em uma atividade, está curtindo!

-Mais espaço para o improviso...

-Que bom que vocês estão conseguindo fazer um trabalho alegre, envolvente...

-É o que o Helio chamava *antiarte* – o artista (e o professor!) não mais um criador para a contemplação, mas um provocador para a criação.²²⁸

-É também o que busco...

-A vontade do Oiticica, de estar em meio ao povo e de retomar a condição mítica da arte, que o levou ao parangolé, se coaduna maravilhosamente bem com o movimento de criação artística na escola. A criação, o corpo, o pensamento, a imaginação encontrando espaço para se soltarem de si mesmos.

-Formas soltas se movimentando, nos acariciando a pele como leves e breves brisas do mar.²²⁹

-Estamos *bolando* uma performance com os parangolés, uma surpresa para as outras turmas, apresentaremos no mês que vem, acho, na hora do recreio. Talvez no centro comunitário do bairro...

-Pode ser mesmo muito interessante... Vão sacudir a energia da escola... Estou louco para ver!

-Vocês querem, também, criar os seus?

-Vamos lá!

-Bom dia *profe*!

-Bom dia crianças! Antes tarde do que nunca... Como vocês estão?

-Eu estava com dor de barriga, minha mãe me levou ao médico, por isso atrasamos...

²²⁷ OITICICA, H. 1986, p 61, 68.

²²⁸ Idem, p 77.

²²⁹ SKLIAR, C. 2008, p. 38.

-Uééé... quem são estes aí?

-São meus amigos... Eles estão participando da nossa oficina... o que vocês acham?

-Tá bem...

-Eles trouxeram doce?

-Vocês estão fazendo estágio?

-Não vê que eles são muito velhos! ...*oppps*, desculpe, quero dizer idosos...

-Pior a emenda que o soneto!

-Olha *profe*, ele está me empurrando...

-*Que saco!* Dá aqui minha caneta!

-E aí galera... vamos continuar nossos trabalhos...

-Não consigo pintar!

-Podemos descobrir muitas maneiras de pintar. Não há uma única maneira correta.

-Não sei pintar! Não sei! Todo mundo me diz!

-Quem é que diz? Vai dar ouvidos a uma voz que diz que não você não é capaz? Vamos experimentar... que tal este pincel mais fino... Sinta como é gostoso...

-Legal...

-Vamos olhar aquele galho de árvore? ´

-Olha só a casca! Está cheia de formiga! A formiguinha é vermelha! Vou pintar as formigas!

-E eu, o chapéu de guizos do bobo da corte! Meu parangolé é do bobo!!!

-Quando desenho, vejo novas linhas brotando do papel... de mim? Cada traço forma uma nova realidade.

-Veja *profe!* O João pegou aquele tufo de capim e está colando no filó... E agora está pintando... com todas as cores... A grama é verde, João! *cê* não sabe?

-Uma grama arco-íris, João?

-Ah *profe!* Aquí, nessa folhinha mora um monte de vida! Aqui mora a vida! Na minha pintura também! Quis por a vida aqui dentro... Dá pra ver?

-Dá sim... vejo... a vida... inteirinha... aí dentro...

A terceira margem

Mesmo dentro da sala, continuo, de algum modo, do lado de fora, como se ali não houvesse suficiente espaço para me caber e deixasse pedaços no corredor. Eu não caibo Clarice Lispector

-A terceira margem é uma margem sem margens. Fantasia. Imaginação. Recreio.

-Sem o recreio eu não suportaria um dia de aula!

-Escapando dos pátios, as risadas vão criando asas, levantam vôo, sobrevoam prédios, limitações e amarguras. Sobrevoam os discursos moralizantes e o tom sério das pedagogias. Vestem o chapéu de guizos do bobo da corte.

-É o baile da máscaras?

-Ou será carnaval?

-Hora do recreio...

-Todo instante pode ser recreio, uma vez que sempre, pode ser o último.

-Visto o chapéu de guizos quando o mundo se faz demasiadamente compacto e minha subjetividade, demasiadamente consistente.²³⁰

-As risadas esvanecem nossas máscaras do conveniente, do aceitável, do aprovável, nos tornando etéreos. Criam proximidades e distâncias infinitas, riem de nós mesmos, de nossos medos, nossas vaidades, nossos desejos intermináveis, nossas pretensões.

-Vestimos o chapéu, agora somos os bobos. Brincamos. Agora éramos, ora eu, ora ele, ora mãe, ora filho, ora pai, bandido, mocinho, fada e bruxa, chuva que cai, bob esponja, sapo cheio, chico bento, pato feio, furacão e vento, surfista e onda, macaco, banana, professor, amarelinha, pegador, esconde-esconde, serpentina, confete, água e fonte, espaçonave, andorinha, e... já não somos.

-Agora somos bobos e podemos falar o que não tem sentido, o que ninguém entende.

-Vestimos a máscara do bobo. Desmascaramos o convencionalismo das relações. Nossa risada desnuda os clichês,

²³⁰ LARROSA, J. 2010, p.174.

desenha-os com apenas um traço e os coloca a distância. “Transporta a suspeita de que toda vestimenta, inclusive a pele, é máscara.”²³¹

-O chapéu de guizos põe a nu que o rosto é máscara, impedindo que esta, crente de si mesma, se solidifique e se resseque. O bobo se faz livre. Esta é sua contribuição para o aprender: reconhecer o caráter de máscara e impedir que se grude completamente, possibilitar sobrevôos, para que a mente continue fazendo piruetas, e o baile de máscaras, converta-se em uma dança alegre.”²³²



Figura 45 - Olhar pirueta. Joan Miró. *Circo*, 1934. (fonte: Joan Miró, Werben. Monique, Taschen, 1993).

²³¹ Idem, p. 178.

²³² Idem, p. 180.

Segundo descolamento – mais leve

Aprender a parar de sermos somente nós mesmos
É aí que começa, e tudo o mais continua deste ponto.
Respirar até o vazio dentro de nosso corpo se tornar mais leve
que o ar ao nosso redor.
Aos poucos começamos a pesar menos que o nada.
Abrimos os braços, evaporamos.²³³

²³³ AUSTER, P. 1994, p. 284.

(4). Antes de tarde do que nunca: O baú de miudezas

Bondade

-Talvez o mais importante no processo da educação, na contemporaneidade, seja incentivar bondades, abrir este baú de miudezas, de pequenos tesouros!

-Que coisa mais piegas! Bem dizia Nietzsche²³⁴, a bondade é impotência dos fracos.

-Ao contrário! é potência dos fortes... A indiferença sim, é a (falta de) atitude de quem vai seguindo a onda deste capitalismo tardio, que embora já tão tarde, não se despede, não se vai...

-O capitalismo segue... Continua, ele sim, forte, capturando tudo... Vejam os partidos políticos... corrupção deslavada...

-Há outras potências... A luta pelo bem comum é um ato político radical e continua a acontecer, agora, talvez em outros âmbitos, de outras formas... na possibilidade de cooperação, entre grupos, entre indivíduos, entre sensações, pensamentos, entre cérebros.

-Uma cooperação das subjetividades na criação de mundos! Mais amigáveis... A percepção de que existimos de forma interdependente...

-A cooperação pode ser revolucionária... Uma visão não utilitária do outro, uma postura de compartilhamento, de não exploração, de não dominação, pode se construir e se expressar como uma atitude política, colocando novas questões, trazendo novas respostas.

-Contra o poderio econômico-nuclear globalizado e a mercantilização de tudo e de todos???!!!

-É no processo de construção e expressão da cooperação, e não na simples denúncia da mercantilização, que podemos inventar dispositivos concretos que permitirão transformar a mentalidade individualista que gera a apropriação privada da riqueza produzida pela população.²³⁵

-Quem quer ainda cooperar? O individualismo impera... o comodismo...

-Nas sociedades de controle são-nos oferecidas possibilidades de vida tão ignóbeis... Estamos *de saco cheio!* Creio que não é tão difícil

²³⁴ NIETZSCHE, F. 2003, p. 43.

²³⁵ LAZZARATO, M. 2006, p. 142.

encontrar pessoas que, para não ver destruídas as potências de criação e solidariedade, estão buscando outras possibilidades de relação e de constituição de mundos.

-A partir do que? Os modos de vida do capitalismo produzem a homogeneização e não a singularização das individualidades. “O capitalismo como produção de modos de vida, como captura da proliferação de mundos possíveis, revela-se uma força de antiprodução, de destruição da cooperação entre as subjetividades e de suas condições – incluindo as biológicas – de existência.”²³⁶



Figura 46 - Olhar entrelaçado- Touhami Ennadre. *As mãos do mundo*. Fotografia. 1982. (fonte: *Os Limites da Consciência*. Emanuela Belloni (coord). Milão: Charta, 1998.)

²³⁶ Idem, p.150.

-Quero ir até o outro. A vontade de compartilhar, de sair de si mesmo, de ir em direção ao outro, é um dispositivo capaz de fazer acontecer outras formas de vivermos juntos.

-Será que conseguimos fazer prevalecer estas outras formas? As mídias subordinam a constituição dos desejos aos imperativos econômicos, produzindo uma subjetividade sempre carente, uma falta onipresente, uma necessidade sem fim, um empobrecimento. Desarticula os afetos, as sensibilidades, a fecundidade da vida.

-A invenção vem do *fora*, da indestrutível potência de criação e amor que ressoa ininterruptamente no espaço. O desejo do outro é um desejo sem falta, sem necessidade.

-Sem necessidade???

-A necessidade é o retorno da ansiedade do eu por si, egoísmo, forma de assimilação do mundo em vista da própria satisfação.²³⁷ No desejo o eu põe-se em movimento para o outro, comprometendo a soberana identificação consigo mesmo. O desejo do outro, que vivemos na mais banal experiência social, é um movimento fundamental, uma orientação absoluta da linguagem e da vida... Outrem, o “absolutamente outro”, o interlocutor, para quem a expressão exprime. As significações hegemônicas encontram-se estorvadas, transtornadas por essa outra presença, não integrada ao *meu* mundo.

-Como seria esta abertura à entrada do “absolutamente outro”?

-O rosto do outro me visita, entra em meu mundo a partir de uma esfera absolutamente estranha, apresenta-se a mim sem que eu possa permanecer surdo a seu apelo. Dissolve minha própria prioridade.²³⁸

-Trás à consciência a existência, o questionamento do outro?

-“O ‘absolutamente outro’ não se reflete na consciência. Resiste-lhe a tal ponto que mesmo sua resistência não se converte em conteúdo de consciência. A visitação consiste em desordenar o próprio egoísmo do Eu que sustenta esta conversão. O Eu perde sua soberana coincidência consigo, sua identificação em que a consciência retorna triunfante a si mesma.”²³⁹ Esta dissolução da soberania de si é precisamente o acolhimento do outro.

²³⁷ LEVINAS, E. 1993, p. 48.

²³⁸ Idem, p. 49-51.

²³⁹ Idem, p. 52.

-A perda de si... do eu? Como agir sem uma identidade? Perdemos-nos no universo?

-...

-Ser eu significa, a partir daí, não se furtar à responsabilidade, pois a criação dos mundos repousa sobre meus ombros. A responsabilidade que esvazia o eu de seu imperialismo e de seu egoísmo, porém, não o transforma em momento da ordem universal, mas confirma a unicidade do eu, o fato de que ninguém pode responder em meu lugar.²⁴⁰

-Neste despojamento, surpreendo, no fundo do eu, uma sinceridade e uma bondade sem equívocos, que nenhum poder saberia corromper ou absorver.

-Sem equívocos, sem erros? Que pretensão! Estar sempre certo...

-O poder é que quer sempre estar certo. Rígido em sua versão dos fatos... O *eu-império* quer estar certo, quer endireitar as coisas de acordo com seus padrões. Toda esta história de certo e errado nos fecha em nossos “princípios”. Isto não tem nada a ver com bondade. Somente no espaço aberto, vazio, na ausência de julgamentos, onde não estamos ocupados com a nossa própria versão da realidade, podemos perceber os outros, e também, surpreendentemente, a nós mesmos... Abrimos mão de nos sentirmos certos, de provarmos que *estarmos com a razão*, de assegurarmos nosso território, renunciamos a toda forma de violência.

-Estamos sempre querendo nos proteger da dor.

-Ao abrirmos mão de nossas proteções, dissolvemos nossas cascas protetoras, nos permitimos ser tocados. Nos permitimos tocar o outro. Expondo-nos à possibilidade da dor, nos libertamos da estreiteza de nossa zona de conforto, nos sensibilizamos, tocamos a alegria, o pulsar da vida, nos conectamos ao infinito, a uma percepção mais ampla, mais suave e instável, passamos a ouvir as palavras, a enxergar o rosto, a com-sentir a presença do outro.

-Quando me desapego torno-me mais espaçoso. Um calor suave, cordial, hospitaleiro me permeia, passo a ser epifania, generosidade, expansão, sem *para mim* ou *para o outro*, apenas abundância... Como uma semente brotando... a entrega é sua natureza... Aprendi a confiar... não preciso garantir meu território, posso correr o risco de estar aberta. Já não olho o outro, o mundo, como separados de mim, pois me tornei a dança da vida.²⁴¹

²⁴⁰ Idem. p. 53.

²⁴¹ TRUNGPA, C. 2002, p. 98.

-Será uma postura por demais romântica? Esta “entrega” toda...

-Não... A abertura, não se dá somente ao belo, ao alegre, mas também ao que fere, incomoda, irrita. Uma abertura ao que é. Não ficamos tentando defender a luz contra a escuridão, não há um eu a defender, mas pura abertura. Não sentimos amor; *acontecemos* amorosamente, *somos* o acontecimento, uma energia extremamente hábil e precisa.²⁴²



Figura 47 - Olhar medroso. Joan Miró. *A defesa*. 1975. (fonte: Joan Miró. Erben. Monique: Taschen, 1993.)

²⁴² Idem, p. 195.

-Me parece tão insípida esta dissolução do eu... esta neutralidade...

-Talvez... De qualquer maneira, uma condição mais ampla se apresenta ao sairmos dos mundinhos protegidos, das clausuras, das carências e ressentimentos em que nos fechamos.

-Sim... A esta abundância que flui, insaciavelmente, em sua expressão de dádiva, na vida cotidiana, podemos dar o nome, bondade.

beleza

Isso passou. Hoje sei saudar a beleza. Rimbaud

As pessoas podem deixar meus concertos pensando que ouviram barulho, mas passarão a ouvir belezas inesperadas na vida cotidiana. John Cage

-Ah, *Profe...* A Joana me acha feio... Ela falou... As pessoas gostam do belo e rejeitam o feio... *Meleca!*

-Este preconceito é que me parece feio...

-As pessoas acreditam que existem objetos bonitos e objetos feios, pessoas bonitas e pessoas feias, lugares bonitos e lugares feios e assim por diante. Eu não... Considero esta noção de beleza completamente estreita e falsa. Recuso-me a concordar com a idéia de que há pessoas feias e objetos feios. Esta idéia é para mim sufocante e revoltante.

-Talvez os gregos tenham sido os primeiros a alegar que certos objetos são mais bonitos do que outros.²⁴³ Um engano... A estabelecerem normas, padrões, racionalmente estipulados, proporções, simetrias, ideais... E nós, pobres mortais, como ficamos?

-Eu fico *na pior...*

-Para Platão, era preciso que as coisas se desdobrassem no belo, se inspirassem no bem para que se atingisse o verdadeiro. Era preciso levar a percepção até a beleza do percebido e a afecção até a prova do bem para atingir a opinião verdadeira, que não seria mais, então, mutável e arbitrária, mas uma opinião originária. O belo nos reconduziria à transcendência.²⁴⁴ Penso, como já disse, que um modo de existência é belo ou feio, independente de todo valor transcendente: não outro critério senão o teor da existência, a intensificação da vida.²⁴⁵

-Beleza... outra vez...

-Uma outra abordagem da beleza: fazer com que o mundo dê um salto para além do ressentimento.

²⁴³ DUBUFFET, J, in STILES, K & SELZ, P. 1996, p. 195.

²⁴⁴ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1992, p.192.

²⁴⁵ Idem, p. 98.

-Como os olhos da Joana...

-É pela beleza que acontece esta oportunidade, por breve que seja, de se estar no mundo; trata-se mesmo mais de uma 'intensidade' do que de uma 'elevação'.²⁴⁶

-Uma intensidade... *Manero!*



Figura 48 - Potência do olhar -Tomie Ohtake. *Tapeçaria em quatro cores*. 1990. Memorial da América Latina, São Paulo. (fonte: A metrópole e a arte. São Paulo: Prêmio, 1992.)

-Uma estética da conduta, possibilidade de existência performativa, definida por uma questão ética: como intervir no mundo?²⁴⁷
Um desanestesiamento da percepção...

-Como um artista quando cria... Eu sou artista?

²⁴⁶ LOPES, D. 2007, p. 38.

²⁴⁷ Idem, p. 23.

-Lembra do conceito ampliado de arte do Beuys? Arte como criação da vida, em todos seus âmbitos. Escultura social, escultura como prática que pode intensificar todos os campos da vida, transformando...

-Não sei se entendo...

-Como um musicista que escuta música, não apenas quando está tocando, mas nos talheres que tilintam no restaurante, na porta se fechando, no espirro do moço, ao seu lado. Criamos beleza, a cada movimento, a cada gesto, na maneira como percebemos, como andamos, sorrimos, comemos, como conversamos...

-Como quando vemos o nascer do sol... O mundo é que nasce! Um momento especial, forte... Mas normalmente, minha vida é cheia de banalidades e coisas sem graça, sem importância...

-Não ficamos esperando o momento especial, permanecemos extremamente sensíveis e despertos, apreciamos o especial de cada momento,²⁴⁸ a singularidade de cada experiência. Levamos a beleza no olhar. Onde quer que estejamos.

-Difícil...

-É um treinamento, vamos desobstruindo nossos fluxos de percepção e criação. Nos pomos a olhar... Tornamos belo aquilo que poderia simplesmente ser... Insistimos... Criamos beleza para não morrer, incansavelmente, como o mar...

-“Do outro lado da rua e de mim, o mar deságua em si mesmo.”²⁴⁹

-...O Mar, quando quebra na praia... é bonito... é bonito... é bonito.²⁵⁰

²⁴⁸ TRUNGPA, C. 1996, p. 5, 36.

²⁴⁹ BRITO, A. 2012, p. 13.

²⁵⁰ Caymmi, D. *O mar*. Saudades da Bahia, LP. 1959.

delicadeza

-“Delicadeza: distância e cuidado, ausência de peso na relação, e, entretanto, calor intenso desta relação. O princípio seria: lidar com o outro, com os outros, não manipulá-los.”²⁵¹ Uma opção ética e política, recolhimento e discrição em meio a uma cultura invasiva e devassadora.

-Uma bondade que nada tem de benevolência enternecida, desdenhosa e doce. Comoção, reconhecimento do desejo, ancoragem no corpo e distância, garantia de não esmagar o outro sob uma exigência pegajosa, de não lhe fazer nenhuma chantagem, um *Eros* bem conduzido, comedido, reservado.²⁵²

-A delicadeza tem por base alguma coisa que é como “um estado amoroso afastado do querer-agarrar.”²⁵³ Seu pé é alado, toca suavemente...

-“Toda vez que, em meu prazer, meu desejo ou minha tristeza, sou reduzido pela fala do outro (muitas vezes bem intencionada, inocente) a um caso que se enquadra normalmente numa explicação ou numa classificação geral, sinto que há violação do princípio de delicadeza. Darei à recusa não-violenta da redução, à esquiva da generalidade por meio de condutas inventivas, inesperadas, não paradigmaticáveis, à fuga elegante e discreta diante do dogmatismo, em suma, ao princípio de delicadeza, darei em última instância o nome: brandura.”²⁵⁴

-Recusa dos julgamentos, de tudo que poderia cristalizar uma imagem estereotipada...

-Leveza...

-“Sem muito desespero, que é inútil, sem pieguice, que é meio de mau gosto, sem cinismo, porque já basta a desrazão, mas com suave ironia, para poder suportar o peso.”²⁵⁵

-Superfície da pele. Afeto, detalhe, escuta.

-Nem verdadeiro, nem falso. Sem imposições de sentido.

-Coreografia em câmara-lenta. Realidade vista de perto.

-Ou de longe...

²⁵¹ BARTHES, R. 2003, p. 260.

²⁵² BARTHES, R. 2003a, p. 36.

²⁵³ Idem, p.79.

²⁵⁴ Idem, p.81

²⁵⁵ CHIARA, A, apud LOPES, D. 2007, p. 43.

-Caminhada na beira do mar por entre as rendas brancas da água se dissolvendo na areia.

-Tom menor, sétima sensível...

-Você primeiro.

-Nenhum movimento em direção à posse.

-Nada a não ser a rua e o passo a ser dado. Traços, vestígios, melodias.

-Desta vez deu certo! Não nos atropelamos!

amizade

A que distancia dos outros devo manter-me, para construir com eles uma sociabilidade sem alienação, uma solidão sem exílio? Claude Coste

-Como viver juntos?

-...

-O que vale na escola são os amigos!

-Se não fossem meus amigos, eu nem sei... Minha/ (minha mãe... muito ausente... “menino, eu não esquecia... dias intermináveis, dias abandonados, em que minha mãe trabalhava longe; eu ia, à noite, esperar sua volta no ponto de ônibus; os ônibus passavam, um após o outro ela não estava em nenhum...”)²⁵⁶

-Eu sento no fundão... com a galera... gente boa! (Boa mesmo é a Marília... Tô afinzão dela)

-Vocês são caras legais... meio diferentes... quem não é?

-Mas, quando a pessoa é muito diferente, fica difícil da gente se entender...

-É disso que eu mais gosto! Ser igual não tem graça!

-Tem gente que é sem noção... não dá nem pra rolar uma conversa...

-Quando a pessoa é muito idiota não dá... Não suporto a Joana!

-Até parece que você é melhor que ela...

-A gente aprende um monte com as diferenças... A Jandira, que veio de Manaus, conta altas histórias! Ela morava na aldeia indígena!!!

-É mesmo... Uma coisa que eu gostaria mesmo, era passar um tempo morando com os índios... As gurias todas peladas... Sós no meio da mata... É o bicho...

-Você só pensa nisso!!! Fala sério!!!!

-...

-Sabe, eu também ia achar muito irado, ir lá pro Amazonas... Dar um tempo nesta neura daqui... Viver no coletivo, com a galera dos índios... Curtir o rio, os pássaros, a mata...

²⁵⁶ BARTHES, R. 2007, p. 37.

-Enquanto tiver mata... E reserva indígena... Estão acabando com tudo... A semana passada mataram uns dez índios... Na televisão disseram que eles tinham invadido uma fazenda... A *profe* disse que a tal fazenda é que ficava na área da Reserva...

-Que mal, *né*? Como pode?

-...

-Aqui na escola também... O João foi tão grosso, *pisou na bola* feio comigo... *Cara*, ele é muito esquisito... Ele *se acha*...

-Ele *se passa* mesmo, às vezes... Ele está na *pior*... Mas foi legal ontem... Me deu uma força no trabalho de Geografia... Ele é gente fina comigo... Todo mundo é meio besta de vez em quando...

-Besta é tu!

-Ele é meu amigo...

-Eu acho que um amigo de verdade não é falso, nem fofoqueiro...

-Relaxa... Os perfeitos? ... Melhor deixar de lado aqueles que não existem em lugar nenhum.²⁵⁷ Não dá para ficar esperando... É no dia a dia que a gente se torna amigo... Você nunca pisa na bola?

-(...)

-A gente fica vendo os defeitos dos outros, mas os nossos *passam batido*...

-Você é que é amigo, cara... *Tá* do meu lado nas horas difíceis...

-Pois o João está numa fase *punk*... O pai dele *tá* na cadeia...

-Que mal...

-Você também é um amigo bem legal, sabe? Ontem eu dei uma chegada lá no costão, no Morro das Pedras... *Tava demais, cara*, aquele marzão... O azul tomando conta de tudo... *Cara*, queria que você estivesse lá comigo!

-É legal ter com quem compartilhar... Também sinto isso...

-Só a minha *mina* não, ninguém tasca!

-Será?

-Qual é?

-Relaxa... Brincadeira... Que ciúmeira!!!!

-Me sinto idiota de ser ciumento...

-É uma dorzinha *sacana*, o ciúmes...

-Me sinto idiota quatro vezes. Por que sou ciumento, porque não gosto de ser, por que meu ciúme sufoca quem eu gosto, e por que me deixo levar por toda esta estupidez...

²⁵⁷ CÍCERO, T. 2006, p.37.

-Você sofre por que tem namorada e ciúmes dela... eu, por que estou sem a gurria que eu gosto... a Marília é demais... *Tô amarradão...*

-meio interesseira...

-Fico *cabreiro*... Ela fica *puxando o saco* do Pedro, só por que o pai dele tem carro.

-E o do João por que ele é *CDF*... Só tira 10...

-Nas férias fiquei meio na *nóia*... Não tinha ninguém *prá* trocar uma idéia... Foi ficando tudo longe... Parecia até outro planeta... uma terra estrangeira... como se tudo a minha volta estivesse atrás de um vidro...

-...

-Escuta o sinal... *Bosta! Tá* na hora da aula...

-A gente se encontra no recreio!

-Falou!

-*Vazei*...

(...)

-Oi... ah! A turma do quinto ano está impossível, hoje... Saí de lá com o coração apertado... às vezes a sala de aula parece um campo de batalha, uma terra inóspita, e a escola, o reflexo do abandono...

-Quando percebo o tamanho do descaso, me dá até vergonha de ser um homem...

-E a vergonha, não a experimentamos somente em situações extremas, “mas nas condições insignificantes... ante a baixaza e a vulgaridade que impregnam estes modos de existência, ante o pensamento-para-o-mercado contaminando as relações, ante os valores, os ideais e opiniões de nossa época. Não nos sentimos fora de nossa época, ao contrário, não cessamos de estabelecer com ela compromissos vergonhosos.”²⁵⁸

-Pois estabelecamos então, outros compromissos... Sermos amigos, por exemplo... Intercessores com quem podemos reinventar a vida... Com quem podemos compartilhá-la.

-Estava lendo Derrida²⁵⁹ encontrei estas palavras (de Aristóteles) *Oh, meus amigos, não há nenhum amigo. Nenhum?!*

-Sua amizade ajuda a não me curvar à mesquinhaaria de cumprir certos ritos escolares através dos quais eu obteria o reconhecimento dos colegas ou da direção... a não me enredar nesses jogos triviais de

²⁵⁸ DERRIDA, J. 1994, p. 140.

²⁵⁹ Idem, p.17.

aprovação e repúdio... a me sentir feliz simplesmente por existir, como um pássaro, uma nuvem, um rio...

-“Nessa sensação de existir existe uma outra sensação, especificamente humana, que tem a forma de um com-sentir, a existência do amigo. A amizade é instância desse com-sentimento da existência do amigo no sentimento da existência própria. Mas isto significa que a amizade tem um estatuto ontológico e, ao mesmo tempo político. A sensação de ser é, de fato, já sempre com-dividida e a amizade nomeia esta divisão.”²⁶⁰



Figura 49- Tim Diederichsen, fotografia. 2011.

-O amigo não é um outro eu, mas um tornar-se outro do mesmo.

-Mas as violências contaminam as amizades, e nós, que antes convivíamos com um ideal de uma comunidade democrática de amigos,

²⁶⁰ AGAMBEM, G. 2009, p. 88-89

“não podemos mais olhar um ao outro, ou cada um a si mesmo, sem uma ‘fadiga’, talvez uma desconfiança.”²⁶¹

-Cada um de nós “tem fantasias de Viver-Junto. Fabricamos então um Viver-Junto fantasmático, escolhendo os parceiros na rede de pessoas que conhecemos. Ora, o interessante, nessa elaboração fantástica, não é ver quem escolhemos, mas quem eliminamos: pois os critérios de eliminação não recobrem forçosamente os imperativos do afeto. Critérios que exigem, muitas vezes, uma análise sutil.”²⁶²

-Parece um paradoxo... o eliminado é integrado conservando seu status de eliminado... o pária... “rejeitado e integrado, muito diferentes; integrado como dejetto. Talvez não haja comunidades sem dejetto integrado. Vejam o mundo de hoje: vários tipos de sociedade e provavelmente nenhuma delas, sem dejetto incorporado. Toda sociedade guarda ciosamente seus dejetos, impede que eles saiam.”²⁶³

-Talvez possamos perceber uma outra classe de fundação comunitária, nem *clubista*, nem exclusiva, nem país, nem língua, nem ideologia, mas a própria condição de existência.

-Uma relação afetuosa...

-“A amizade não é uma relação entre sujeitos, mas uma des-subjetivação no coração mesmo da sensação mais íntima de si. Os amigos não *comdividem* algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são com-divididos pela experiência da amizade. A amizade é a divisibilidade que precede toda divisão porque o que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria condição de existência, a própria vida.”²⁶⁴

-O que é de fato, a amizade senão uma proximidade tal que dela não é possível fazer nem uma representação, nem um conceito?

-“Reconhecer alguém como amigo significa não poder reconhecê-lo como ‘algo’. A amizade não é uma propriedade ou uma qualidade de um sujeito.”²⁶⁵

-Somos uma multiplicidade de relações que se expressam em agenciamentos coletivos.²⁶⁶ Nossos pensamentos são construídos nas trocas.

²⁶¹ DELEUZE, G & GUATTARI, F.1992, p.139.

²⁶² BARTHES, R. 2003, p. 158.

²⁶³ Idem.

²⁶⁴ Idem, p. 92

²⁶⁵ Idem, p. 85.

-O pensamento exige que o pensador seja um amigo, para que o pensamento seja partilhado e possa se exercer. É o pensamento mesmo que exige esta partilha de pensamento entre amigos. Intercessores são cristais ou germes do pensamento.²⁶⁷

-Te ofereço minha amizade. Deixo-te vir sem pedir reciprocidade, sem te interrogar. Falarás, se quiseres, o que quiseres. Emprestarei minha voz para falares o que te é insuportável.



Figura 50- Fausto Ivan. *Pés dados*. Fotografia. 1977.

-“Afastamo-nos um pouco. Realizamos o aprendizado de uma certa distância.”²⁶⁸ O cuidado de não homogeneizar ou neutralizar nossas diferenças ou de impedir nossos movimentos delirantes.

-Delirante... fora da casinha?

²⁶⁶ LAZZARATO, M. 2006, p. 17.

²⁶⁷ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1992, p. 92.

²⁶⁸ BARTHES, R. 2007, p. 72.

-Talvez... “Delirante como um delírio que permita associações imprevistas, sair dos trilhos do estabelecido, sair dos sulcos que determinam um caminho pelo qual todos já passaram.”²⁶⁹

-Para que criemos, nos transformemos, sem que percamos, com isso, nossas feições singulares.

-Criar em conjunto... “Expôr os signos no heterogêneo, multiplicar suas ressonâncias, pluralizar seus sentidos.”²⁷⁰

-Envolvemo-nos numa bondade mútua nos fortalecendo um ao outro. Uma descoberta progressiva de afinidades, diferenças, passeios pelos parques, pelas palavras, pelos afetos... Encontros...

-E desencontros! Comunidade dos que tem em comum o espaço que faz possível suas diferenças, ainda que não deixem de ressoar juntos.²⁷¹

-Ainda bem...

-Ser amigos é viver em paz?

-É claro que brigamos... Trazemos as contradições e antagonismos que existem no mundo.

-...

-Vamos pintar juntos!

-agora? Sentemos em volta do papel...

-Recolhimento, interiorização, espera. No silêncio, o pensamento pode desenrolar, o devaneio se expandir, pode se estabelecer o vazio, que é sempre algo mais que o vazio.

- Há amigos com os quais trocamos silêncios.

²⁶⁹ KLEIN, K. 2011, p. 25.

²⁷⁰ LARROSA, J.2010, p.142.

²⁷¹ Idem, p.144.

silêncio

Estou pronta para o grande silêncio da morte...
Clarice Lispector

-Está escrito: no início era o Verbo.

-Era? Ou a verba...

-Ou seria antes o silêncio? *Silere*: ausência de movimento e ruído, “uma virgindade intemporal das coisas, antes de nascerem ou depois de desaparecerem (*silentes* = os mortos).”²⁷² Um silêncio que recusa a fala sistemática, dogmática, a tagarelice, “um silêncio que desmonta as falas.”²⁷³ O silêncio de uma despersonalização... Visto que sujeito é linguagem (fala), de cabo a rabo, o silêncio é evocado numa zona-limite da experiência humana, em que o sujeito joga com sua morte como sujeito.²⁷⁴

-Em algumas obras de arte, ou mesmo em algumas vivências, o que dá a medida de sua grandeza, é a sua capacidade para criar silêncios. Um silêncio que não é “nem o calar intimidado que se produz quando o poder é o único que fala, nem o calar da mudez, da confusão, do medo, da incapacidade para a palavra.”²⁷⁵ Começa com uma concentração e repousa para além dos hábitos, das rotinas, da agitação da mente. Recolhimento, acolhimento, escuta.

-Minha mente é muito barulhenta! Usualmente, nos mantemos numa cadeia de pensamentos ininterrupta, que nos mantém encarcerados em seus contínuos círculos repetitivos.

-O silêncio que pulsa na arte nos possibilita reencontrar o que já experienciamos, o que nos pertence de mais peculiar, mas que as rotinas da vida e da linguagem nos impediram de perceber, de prestar atenção, o que ficou na penumbra, privado de consciência e de linguagem, ou ocultado pela consciência e pela linguagem. O ato artístico abriga uma escuta, um vazio e um silêncio, que possibilitam o espaço da liberdade. Todos nós sentimos, em algum momento, a força deste calar.

²⁷² BARTHES, R. 2003 a, p. 49.

²⁷³ Idem, p. 58.

²⁷⁴ Idem, p. 63.

²⁷⁵ LARROSA, J. 2010, p. 47.

Experimentamos um máximo desprendimento de nós mesmos, numa atenção retesada até quase o limite que, paradoxalmente, coincide com uma máxima intimidade com nós mesmos.²⁷⁶



Figura 51 - Pausa do olhar. Joan Miró. *Silêncio*. 1968. (Fonte: Joan Miró. Erben. Monique: Taschen, 1993.)

-Quando nos deixamos envolver com a “arrogância desta instituição social chamada ‘eu’, com suas modalidades de respostas mecânicas e repetitivas cuja função principal é produzir e reproduzir esta outra instituição agressiva e arrogante chamada ‘mundo verdadeiro’,²⁷⁷ anulamos o silêncio, nos apequenamos em nossos hábitos, distantes do vivo.

²⁷⁶ LARROSA, J. 2010, p. 48.

²⁷⁷ Idem.

-Acredito que essa “anulação do silêncio é também um efeito do poder. O poder não funciona apenas intimidando e fazendo calar, está também neste burburinho que não nos deixa respirar.”²⁷⁸

-Muitas vezes o poder está nas incitações que nos fazem falar, mas do modo como está ordenado, segundo certos critérios de legitimidade.²⁷⁹

-O silêncio não está povoado pelas manipulações e hábitos da história pessoal e coletiva, é a plena disponibilidade, a possibilidade absoluta.²⁸⁰ Mais do que uma espera, na qual dois interlocutores medem seu direito a comunicar-se,²⁸¹ um acesso silencioso a um grau zero em que a palavra parece poder escapar às formas estereotipadas.

-Uma pausa, interrupção da linguagem.

-Há uns dias atrás, saí de madrugada, fui pintar na avenida deserta. Aquelas ruas, tão familiares durante o dia, me pareciam, então, estrangeiras, misteriosas... Senti, então, de repente, que me desprendera das regras que havia assimilado. A paisagem era minha companheira, de igual para igual. Não mais temia o vazio ao redor, minha tentativa de transpô-lo para a tela de algum modo o internalizara. Sentia que o vazio me constituía, assim como constituía o poderoso silêncio daquele espaço vastíssimo. Enquanto pintava, eu e a paisagem íamos sumindo diante dos meus olhos.²⁸²

-A arte silencia e fala...

-(Durante toda a vida tenho vivido este vai-e-vem: preso entre a exaltação da linguagem, prazer em sua pulsão donde: escrevo, falo, em correspondência com meu ser social, pois publico e ensino, e o desejo, o grande desejo do repouso da linguagem, de uma suspensão, de uma isenção.)²⁸³

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ Idem.

²⁸⁰ Idem, p.58.

²⁸¹ BARTHES, R. 2003 a, p.192.

²⁸² SOLNITT, R. apud LOPES, D. 2007, p.159.

²⁸³ Idem, p. 193.

entre-linhas

O melhor está nas entrelinhas.
Clarice Lispector

*Estou aqui, estou acolá? Minhas margens
costumeiras mudam de um lado e de outro e me
deixam errante.* Supervielle

- Deixamos as ancoragens dos pontos fixos e passamos a habitar num entre.

-Fui parar num lugar entre o vazio de tudo e o cheio de espanto, a paisagem se rompeu, sob o toque do susto, parei por um momento, por um sem tempo, extasiado.

-Entre dois instantes, por mais próximos que sejam, há sempre tempo. Entre duas palavras, uma dúvida. Acho que entre nós também... Nunca estamos completamente juntos... Isso me dá uma enorme sensação de estar tão só...

-É a fenda do entre que torna o próprio jogo do diálogo desejável.²⁸⁴

-...

-Pertencemos ao nosso tempo, à contemporaneidade.

-Estamos no tempo. Sermos contemporâneos, porém, implica em não coincidirmos perfeitamente com ele, e é exatamente através deste deslocamento que nos fazemos capazes de perceber e apreender nosso tempo. “A contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e dele toma distâncias”, o acolhe através de uma dissociação e um anacronismo. “Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, não conseguem vê-la.”²⁸⁵

-“He’s a real nowhere man, sitting in his nowhere land, making all his nowhere plans for nobody.”²⁸⁶

²⁸⁴ KLEIN, K. 2011, p. 15.

²⁸⁵ AGAMBEM, G. 2011, p. 73.

²⁸⁶ LENNON & Mc CARTNEY, *Nowhere Man*. Álbum Submarino

-Lugar nenhum?

-O entre ao qual me refiro, não é um lugar-nunhum, nem um lugar geográfico a meio caminho entre um ponto e outro, mas um entre-lugar, um lugar híbrido, de mediações, capaz de tecer novas relações, em que nossas estratégias de reconhecimento são constantemente rompidas, nos abrindo para o poético.



Figura 52- Entre-ver. Giorgio de Chirico. *As musas inquietantes* (detalhe), 1916. (fonte: Argan, *Arte Moderna*. São Paulo, Cia das Letras, 1992.

-Como enxergar, se nossos moldes de leitura e percepção da realidade estão estremecidos?

-O entre-tempo que se pode entrever no presente, é, como a poesia, um retorno, uma faísca do infinito.

-Retorno à uma origem? À maneira platônica?

-Estamos entre as coisas do mundo, como o mato que cresce entre as pedras. Movemo-nos entre as coisas. Sem início, sem fim, entre. A poesia é um retorno que não é nostalgia ou busca por uma origem; “é um caminhar, mas não um simples marchar para frente, um passo suspenso. Suspender o passo, entrever um limiar inapreensível entre um ainda não e um não mais.”²⁸⁷ Tencionar a relação entre virtual e atual, possibilitar uma coexistência entre passado e presente, próximo e distante, entre realidades múltiplas e indiscerníveis. Um espaço que se apresenta como alternativa à supremacia monocular instaurada pelo modelo perspectivista renascentista que posicionou o sujeito como figura central.

-O entre desestabiliza nossas posições confortáveis, automáticas, autoritárias... nossa capacidade de ver é questionada e nossos olhos desconfiam...²⁸⁸

-“Não é mais o tempo que está entre dois instantes, é o acontecimento, um entre-tempo,” nem eterno, nem temporal: devir. Uma intensidade que coexiste com o instante, uma imensidade onde nada se passa, mas tudo se torna.²⁸⁹ Quando nos voltamos para o estado de potencialidade, descobrimos uma realidade inteiramente diferente, onde não temos mais de cuidar do que ocorre de um ponto a outro, de um instante a outro, por que ela transborda toda função possível.

²⁸⁷ AGAMBEM, G. p. 20.

²⁸⁸ DIAS, K. 2010, p. 188.

²⁸⁹ DELEUZE, G & GUATTARI, F. 1992, p. 203, 204.

(5). Crepúsculo: de volta para casa.

*Era no fundo de si mesmo que ele levava a
obscuridade, o refugio e a tranqüilidade de uma
casa.* Rilke



Figura 53 - Olhar úmido- Gregório Gruber. *Praça Julio Mesquita*. 1989.
(fonte: A metrópole e a arte. São Paulo: Prêmio, 1992.)

-Acolho intensamente o momento, compreendo a luz amarela e densa do crepúsculo, as casas passam, os prédios, as crianças com suas mochilas, o falatório dos adolescentes, risadas, silêncios... Escuto o murmúrio que quase soa em cada rosto, em cada corpo, em cada esquina, o tom mudo no qual o mundo se prolonga para além da rua...

-Finalmente de volta para casa... Ninho num mundo estrangeiro. A volta à casa não é a volta de uma derrotada frente ao mundo, mas a percepção serena de meus limites. Não é o fracasso da viagem ou do filho pródigo que retorna arrependido, nem prisão cotidiana, não é fuga do presente, nem nostalgia da infância, mas um gesto de construção de um lugar, uma possibilidade de encontro.²⁹⁰ Que bom... vieste comigo...

-Fico feliz em voltar para esta outra casa, à qual posso novamente pertencer.

-A casa, mais do que um edifício é um estado de alma.²⁹¹ “Casa: determinação que não é apenas funcional (abrigar-se das intempéries), mas também simbólica.”²⁹²

-Lugar de fantasias, na medida em que é protegida, que é subtraída à vigilância.²⁹³ “A casa abriga o devaneio, protege o sonhador, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades, é o seu primeiro mundo, um grande berço.”²⁹⁴

-“A casa lutava bravamente. A princípio ela se queixava. Quando começou a tempestade, ventos mal-humorados, dedicaram-se a atacar o telhado. Tentaram arrancá-lo, partir-lhe os rins, fazê-lo em pedaços, aspirá-lo. Mas ele curvou o dorso e agarrou-se ao velho vigamento. Então outros ventos vieram e arremessando-se rente ao solo, arremeteram contra as muralhas. Tudo se vergou sob o choque impetuoso; mas a casa, flexível, tendo-se curvado, resistiu. Suas finas paredes de pau-a-pique e madeira tinham uma força sobrenatural. A casa apertou-se contra mim, como uma loba, e por momentos senti seu cheiro descer maternalmente até meu coração. Naquela noite, ela foi realmente minha mãe.”²⁹⁵

-Intimidade...

-“Vamos entregarmo-nos ao poder de atração das regiões de intimidade.”²⁹⁶ Abrigos, aposentos, repousos...

-Mas o que é a intimidade sob as mil formas de devassamento? A minha casa está uma bagunça!²⁹⁷

²⁹⁰ LOPES, D. 2007, p. 126.

²⁹¹ BACHELARD, G. 2003, p. 84.

²⁹² BARTHES, R. 2003, p. 96.

²⁹³ Idem, p. 103

²⁹⁴ BACHELARD, G. 1993, p.24.

²⁹⁵ HUGO, V, apud BACHELARD, G. 1993, p. 61.

²⁹⁶ Idem, p. 31.

-É na minha bagunça que traço minha arte... Preciso deste espaço de recolhimento para criar.

-Acho que a arte surge, na história da humanidade, quando surge a casa, a caverna...

-A arte começa talvez com o animal, quando ele recorta um território e faz uma casa, um *habitat*.

-Imagina!!! A arte é uma atividade essencialmente humana!

-Com o sistema território-casa, muitas funções orgânicas se transformam, sexualidade, procriação, alimentação, mas não é esta transformação que explica o surgimento da casa; seria antes o inverso: a casa implica na emergência de qualidades sensíveis puras, sensibilidades que deixam de ser unicamente funcionais e se tornam expressão. “Sem dúvida esta expressividade já está difundida na vida, e pode dizer-se que o simples lírio dos campos celebra a glória dos céus.”²⁹⁸ Mas é com o território e a casa que ela se torna construtiva e celebra a existência antes de tirar dela causalidades e finalidades.

-Da casa ao universo. É que a casa não se limita a isolar e juntar, ela abre para forças cósmicas e torna sensíveis seus efeitos sobre o habitante. “se a natureza é como a arte, é porque ela conjuga, de todas as maneiras esses dois elementos vivos, a Casa e o Universo, o território e a desterritorialização,”²⁹⁹ as composições finitas e o grande plano de composição infinito.

-Já está escurecendo...

-Veja a luz daquela casa distante! Na casa há alguém que vela, um homem está ali trabalhando. “Por sua luz, a casa vê, como o homem. É um olho aberto para a noite.”³⁰⁰

²⁹⁷ LOPES, D, 2007, p.15.

²⁹⁸ DELEUZE & GUATARRI, 1992, p. 237.

²⁹⁹ Idem, p.240.

³⁰⁰ BACHELARD, G. 1993, p.51.

Quarto descolamento- refúgio

A manifestação não é algo que chega a ser;
Se alguém vê algo acontecer, é mero apego.
A natureza da experiência é a ausência de substância;
Se alguém percebe alguma substância, é mera ilusão.
A natureza da mente é multiplicidade
Se alguém discriminar ou vir opostos, é mera visão dualista.
Somos como o céu;
Às vezes, encobertos por nuvens de pensamentos;
sopra o vento, elas se movem, flutuantes.
Plenitude, tão natural quanto terras, montanhas e mares;
dentro e fora da palavra e do som,
dentro e fora do tempo e do espaço,
livres de todo conceito.³⁰¹

³⁰¹ Inspirado em uma canção de Milarepa, MILAREPA, 2003.

(6). Noite

Olhos, vale tê-los, se, de quando em quando, somos cegos e que vemos não é o que olhamos, mas o que nosso olhar semeia no mais denso escuro. Vida, vale a pena vivê-la se de quando em quando morremos e o que vivemos não é o que a vida nos dá nem o que dela colhemos, mas o que semeamos em pleno deserto.

Mia Couto

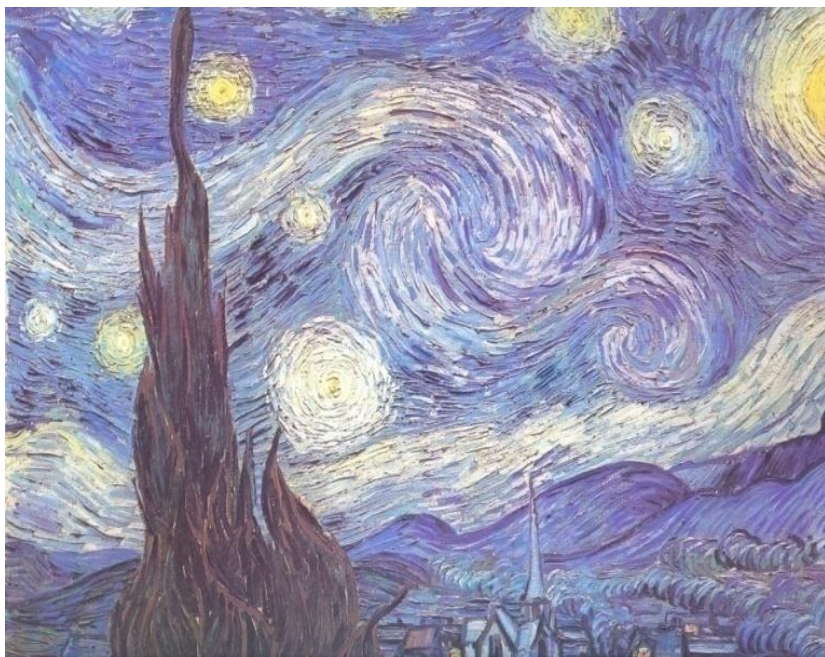


Figura 54- Van Gogh- *Noite estrelada*. 1890 (fonte: Vincent. São Paulo, Editora Globo, 1991.)

-Há uma parte de mim que não pertence ao dia. Um canto noturno calado, sem arestas nem fronteiras: serestas. Sem horizontes. Montanha, céu, braços, oceano e olhos. A noite me hospeda e nela me

intuo, me diluo. Ela entoa um tempo de eu me dizer, de escutar o quase inaudível, onde eu pressupunha nenhuma voz.

-Escutar o silêncio.

-Com o silêncio, a sensação dos espaços ilimitados. Os ruídos colorem a extensão e dão-lhe uma espécie de corpo sonoro. A ausência deles a abandona em sua pureza. A sensação do vasto, do profundo, do ilimitado, escutamos no silêncio. “Ele me invadiu e, durante alguns minutos, confundi-me com esta grandeza da paz noturna.”³⁰²

-Entreguei-me à noite, desfez-se o medo. É sobre o medo que se apóia a esfera do dia.

-“Esse medo, sob sua última máscara, é o medo da morte.”³⁰³

-A noite avançava. Avistei o céu, as estrelas, o espaço. Naquele instante eu nascia para a vida, parecia-me preencher com minha leve existência tudo o que percebia. Estando por inteiro no momento presente, não me lembrava de nada; não sabia quem era, nem onde estava; não sentia nem dor nem medo nem preocupações, apenas calma. Sempre que me lembro disso, nada encontro de comparável.³⁰⁴

-O Homem não se pertence, seu sentido não é o Sentido, o sentido humano chega ao fim quando se chega à beirada da noite. A noite não é um nada, mas um outro nascimento.³⁰⁵

³⁰² HUGO, Victor, apud Bachelard, 1993, p. 60.

³⁰³ DUFOURMANTELLE, 2003, p. 42.

³⁰⁴ ROUSSEAU, J.J. apud BARTHES, R. 2003, p.15.

³⁰⁵ DUFOURMANTELLE, 2003, p. 44-50.

Cruzeiro do sul: somente um pouco de ordem para nos proteger do caos!

O excesso de espaço sufoca-nos mais do que sua falta.
Jules Supervielle

Mamãe, vestida de rendas, tocava piano no caos.
Murilo Mendes

-Tenho que planejar minhas aulas de amanhã... Mas estou tão cansada... Fico com a mente toda embaralhada... Não consigo nem pensar... É tão angustiante “quando os pensamentos escapam, as idéias fogem, desaparecem, apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento.”³⁰⁶

-É por isso que nos agarramos tanto às opiniões prontas.

-“Pedimos somente que nossas idéias se encadeiem segundo um mínimo de regras constantes, regras protetoras, semelhança, contigüidade, causalidade, que nos permitam colocar um pouco de ordem nas idéias, impedindo nossa fantasia (o delírio, a loucura) de percorrer o universo no instante, engendrando cavalos alados e dragões de fogo.”³⁰⁷

-Que tal deitarmos um pouco?

-Acho que vou fazer um chá! Podemos deitar lá fora no gramado!

Olhar a noite...

-Que gostoso!

-Vai indo, vou antes ao banheiro...

(...)

-A noite está linda!

-Olha o céu... Como aqui há pouca luz, dá para enxergar muito!

-A via láctea!

-Ali, as Plêiades... Fazem parte da constelação de Touro... Quando eu era criança, a chamava *constelação da panelinha*... Você vê?

-Acho que não...

-a panela está emborcada...

³⁰⁶ DELEUZE, G. & GUATARRI, F. 1992, p. 259.

³⁰⁷ Idem.

-Ah! Sim!

-Eu cantava para a panelinha, sentia que tinha vindo de lá...

-Quem sabe...

-Ali, o Cruzeiro do Sul. Para não perdermos o norte...

-O céu como cosmos. Assim olharam para ele gerações e gerações... Quantos artistas pintaram a noite!

-Ao contemplar tamanha vastidão sinto-me tão ignorante! O céu infinito, incompreensível, me parece mais um caos!

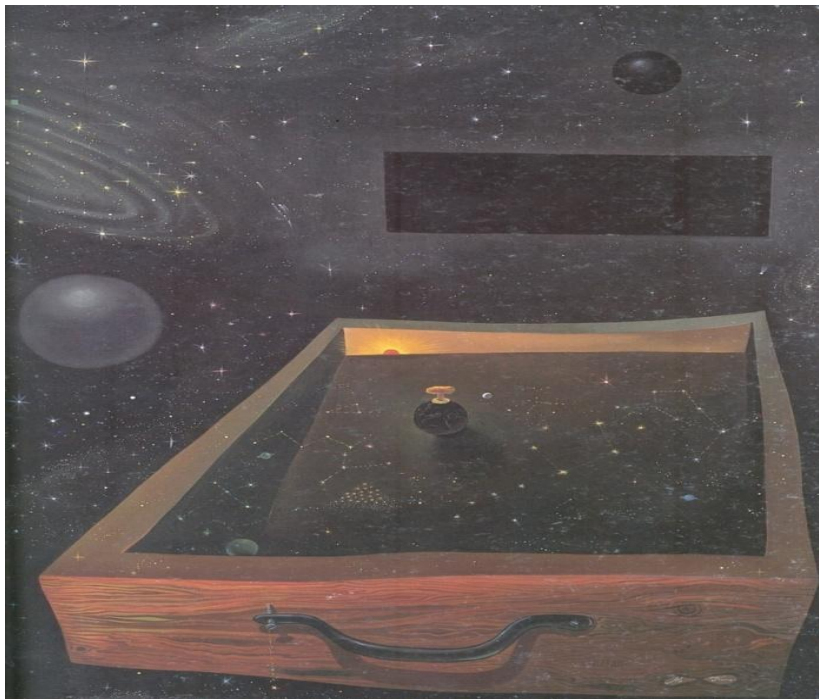


Figura 55- Olhar sem fim... Milan Kunk, *Universo Incomensurável*, 1986. (fonte: Diederichsen, M.C. *Sou do Tamanho do que vejo*. TCC, CEART, UDESC, 2003.)

-A arte quer que rasguemos o firmamento e mergulhemos no caos... Só o venceremos a este preço. “O artista trás do caos variedades, que não constituem mais uma reprodução do sensível no órgão, mas

erigem um ser do sensível, um ser da sensação, sobre um plano de composição, capaz de restituir o infinito.”³⁰⁸ As pessoas constroem continuamente um guarda-sol que as abriga, por baixo do qual, traçam um firmamento e escrevem suas convenções; “mas o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda. Então, segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente com a visão; e a massa dos glosadores que preenchem a fenda com opiniões.”³⁰⁹

-Será a arte o caos mesmo?

-A arte não é o caos, mas uma composição do caos, constituindo um cosmos, como diz Joyce. “A arte luta com o caos, mas para torná-lo sensível.”³¹⁰

-“O caos não é um estado inerte ou estacionário, não é uma mistura ao acaso. O caos desfaz no infinito toda consistência.”³¹¹

-“Define-se o caos menos por sua desordem que pela velocidade infinita com a qual dissipa toda forma que nele se esboça. É um vazio, mas não é um nada, mas um *virtual*, contendo todas as partículas possíveis e suscitando todas as formas possíveis que surgem para desaparecer logo em seguida, sem consistência, nem coerência, sem consequência. Uma velocidade infinita de nascimento e de esvanecimento.”³¹²

-Velocidade atordoante... Na sala de aula me sinto assim, tantas vezes! É tão estressante... ensinar e aprender em meio ao caos!!! Quarenta alunos na sala!!! Uma aula sem consistência...

-Talvez o problema da educação seja trabalhar uma consistência sem perder o infinito.

-Guardar o infinito ganhando ao mesmo tempo consistência? Como?

-Permitindo uma desaceleração... Acho... É por desaceleração que a matéria se atualiza, e também o pensamento se torna capaz de penetrá-la, criando proposições, planos, recortes.³¹³ Procurar criar um “roteiro”...

³⁰⁸ Idem, p.260.

³⁰⁹ Idem, p 161-162.

³¹⁰ Idem, p. 163.

³¹¹ Idem, p. 59.

³¹² Idem, p. 153.

³¹³ Idem, p. 155.

Instaurar direcionamentos flexíveis, flúidos, cujas curvaturas variáveis conservem movimentos infinitos, que tracem as ordenadas intensivas destes movimentos.

-Esta desaceleração propicia um (re)ordenamento, uma abertura em que se instalaria o tempo da contemplação, de uma paisagem, o tempo de um certo ponto de vista, uma espécie de esparecimento temporal que nos (re)situaria distintamente em nosso espaço.

-Há que se possibilitar um mínimo de ordem... um planejamento...

-Uma ordem cambiante... que propicie experiências e criações, não seu tolhimento, que mantenha um espaço para a liberdade. Uma ordem que não exista como uma lei totalitária, estabelecida sempre a priori...

-Uma ordem criada a medida que se faz necessária... Intuitiva? Racional?

-Talvez... Talvez os gregos tenham sido, também nisto, “os primeiros a ter concebido uma imanência estrita da Ordem a um meio cósmico que corta o caos à maneira de um plano. Se se chama Logos um tal plano-crivo, grande é a distância entre o Logos e a simples ‘razão’ (como quando se diz que o mundo é racional) A razão é um conceito bem pobre para definir o plano e os movimentos infinitos que o percorrem.”
314

-Talvez uma forma mais aberta de ordem... não restrita pelos estereótipos das opiniões dominantes.

-“Não podemos suportar estes movimentos infinitos, estas velocidades infinitas que nos destruiriam... Então devemos parar o movimento, fazermos-nos novamente prisioneiros de um horizonte relativo? Todavia, somos nós que corremos sobre este plano, que estamos no horizonte absoluto.”³¹⁵

-Um plano que parece ser grande demais... para se abarcar..., para se pensar...

-Um plano de imanência que é, ao mesmo tempo, o que é pensado e o que não pode ser pensado. O não pensável no pensamento. “É o mais íntimo no pensamento, todavia o fora absoluto. Um fora mais longínquo que todo mundo exterior, porque ele é um dentro mais profundo que todo mundo interior.”³¹⁶

³¹⁴ DELEUZE, G. & GUATARRI, F., 1992, p.60.

³¹⁵ Idem, p. 67.

³¹⁶ Idem, p. 78.

-Parece que nós trabalhamos com os pensamentos, mas perdemos de vista o plano de imanência...³¹⁷

-...

-Talvez seja o gesto supremo da educação, mostrar este plano infinito que somos, e que não somos... mostrar que ele está lá... aqui. A pedagogia tradicional implementa um currículo, um planejamento que sustenta uma simples ordem do conhecimento reflexivo. É como um recenseamento das terras habitáveis, civilizáveis, conhecíveis ou conhecidas, que se medem por um cogito, sempre territorializado sobre uma consciência ordenadora.³¹⁸

-Mas podemos nos servir da consciência como um meio de desterritorialização, como possibilidade de abertura para o infinito, para uma inteligência além dos hábitos. Criar um planejamento dinâmico, que arranque nossa sensibilidade do estado de coisas de nossa sociedade e de suas limitações, que efetue linhas de fuga, libertando nosso pensamento da impotência para pensar, que fecunde, transforme e prolifere nossos olhares...

-Como num jogo de cartas, efetuávamos manipulações hipócritas das fichas,.. Sempre visando vitórias... O Jogo era normativo, tentava combater a desordem, tentava reconstituir naipes, sequências, considerava o acaso como uma desordem. Mas, nós aqui, agora, batemos as cartas e as batemos como elas vêm.³¹⁹

³¹⁷ Idem, p. 135.

³¹⁸ Idem.

³¹⁹ BARTHES, R. 2003, p. 37.

O céu também fica escuro

Como viver sem ter diante de si o desconhecido?
René Char

Na noite sem lua, perdi o chapéu.
Carlos Drummond de Andrade



Figura 56 - Tim diederichsen, fotografia. 2011.

-Quando as formas das coisas são dissolvidas na noite, a escuridão, que não é um objeto nem a qualidade de um objeto, invade como uma presença. Um nada que não é um puro nada. “Nada mais é isto ou aquilo, não há ‘alguma coisa’. No entanto, esta universal ausência é, por sua vez,

uma presença inevitável. Ela está imediatamente ali. Não há discurso. Nada responde. Mas a voz deste silêncio é ouvida.”³²⁰

-Gosto de caminhar no escuro...

-É estranho não poder ver o que está adiante!

-Não temo... Faço parte da noite... Não apenas a olho... Respiro junto com ela. Não há eu, nem noite, mas amplidão. Sinto-me, no entanto, incapaz de acolher essa amplidão. Só pintando visito meu escuro... desconhecido...

-Pintar o desconhecido não seria conhecê-lo?

-A arte se relaciona com o desconhecido mantendo-o encoberto. Ele habita este escuro do céu. A luz do dia o destruiria. Mas sentimos a presença do desconhecido. Ele é feito presente nessa presença, mas sempre como desconhecido. Permanece intacto, intocado, não desvelado... Não é revelado, mas indicado.³²¹

-É... posso enxergar o escuro... Somos tão habituados à luz!!!!

-O desconhecido não pertence à luz, mas a uma região estranha a esta descoberta que se realiza na e pela luz.

-Me parece que seria por em questão o postulado sob o qual se situa todo o pensamento ocidental...

-...

-“Falar o desconhecido, acolhê-lo na fala mantendo-o desconhecido, é precisamente não apreendê-lo, não compreendê-lo, é recusar a identificá-lo, seja por esta captura ‘objetiva’ que é a visão, a qual captura, embora à distancia. Viver com o desconhecido diante de si (o que significa dizer também: viver diante do desconhecido e diante de si como desconhecido) é entrar nesta responsabilidade da fala que fala sem exercer qualquer forma de poder, inclusive este poder que se realiza quando olhamos, já que, olhando, mantemos sob nosso horizonte e em nosso círculo de visão, aquilo e aquele que está diante de nós. O desconhecido como desconhecido é este infinito, e a fala que o fala é fala de infinito.”³²²

-O escuro, como toda paisagem tem um caráter visionário. A visão é o que do invisível se torna visível. O escuro é invisível: quanto mais o conquistamos, mais nele nos perdemos. Para chegar ao escuro abrimos mão das determinações temporal, espacial, objetiva. Este abandono não

³²⁰ LÉVINAS, E. 1998, p.68.

³²¹ BLANCHOT, M. 2010, vol 3, p.32.

³²² Idem p.35.

atinge somente os objetos, ele afeta a nós na mesma medida. No escuro deixamos de ser seres históricos. Não temos memória para a escuridão, nem mesmo para nós no escuro. Sonhamos com os olhos abertos... “Somos furtados do mundo objetivo mas também de nós mesmos.”³²³
Tornamo-nos o vasto.

- O escuro não é a simples ausência de luz. “Perceber o escuro não é uma forma de passividade, mas implica uma atividade e uma habilidade de neutralizar as luzes que provém de uma época para descobrir suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável destas luzes. Contemporâneo é quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever a parte da sombra, uma experiência anônima, impenetrável, mas que nos concerne, nos interpela, nos desnuda.”³²⁴

³²³ CÉZANNE, P. apud DELEUZE & GUATARRI, 1992, p.220.

³²⁴ AGAMBEM, G. 2009, p. 64.

Dormir



Figura 57- Toulouse-Lautrec. *O leito*. 1893. (fonte: Toulouse-Lautrec. Arnold. Alemanha, Taschen, 1991.)

- Foi um dia intenso!!!
- Como é gostosa minha caminha...
- Meus olhos já estão fechando... Acho que vou dormir...
- Dormir supõe uma entrega, relaxamento, confiança...

-“Chamamos o sono e ele vem. Existe entre ele e nós, como que um pacto, um tratado sem cláusulas secretas e, por essa convenção, é entendido que, longe de ser uma perigosa força enfeitiçadora, domesticada, o sono se fará o instrumento de nossa potência de agir. Dormir é a ação clara que nos promete ao dia. Dormir eis o ato extraordinário de nossa vigilância. Dormir profundamente só nos faz escapar ao que existe no fundo do sono.”³²⁵

-É verdade que, no sono, parece que me fecho em mim, numa atitude que recorda a felicidade ignorante da primeira infância.

-Durante algumas horas estamos desprendidos de nossas vidas concretas, de nossos afazeres e responsabilidades. Temos dificuldade em imaginar o fardo que constitui para cada um de nós o menor de nossos atos, inclusive este, de relaxar, a partir do momento em que o temos de assumir; que passa a ser nosso, que respondemos por ele diante de nós mesmos.³²⁶

-Isso pode ser, mas, no entanto, não é a mim, só que me confio, mas ao mundo que se tornou em mim a estreiteza e o limite do meu repouso. O sono significa que, num certo momento, para agir, cumpre deixar de agir...³²⁷

-No sono há um desfalecimento de um nível de consciência acompanhado pelo desfalecimento das defesas, das resistências...

-Shakespeare dizia que o sono é o prenúncio da morte...

-Ninguém sabe quando ela vai chegar... Vamos envelhecendo... Perdendo nosso vigor... nossa juventude...

-“Há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude mas, ao contrário, uma soberana liberdade, em que se desfruta um momento de graça, entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um traço que atravessasse eras.”³²⁸

-Será que algo em mim atravessa eras?

-Hoje, atravessei a cidade...

³²⁵ BLANCHOT, M. 1987, p.266

³²⁶ BAUDRILLARD, J. 1997, p.52.

³²⁷ Idem, p.268

³²⁸ DELEUZE, G. & GUATARRI, F. 1992, p.9.

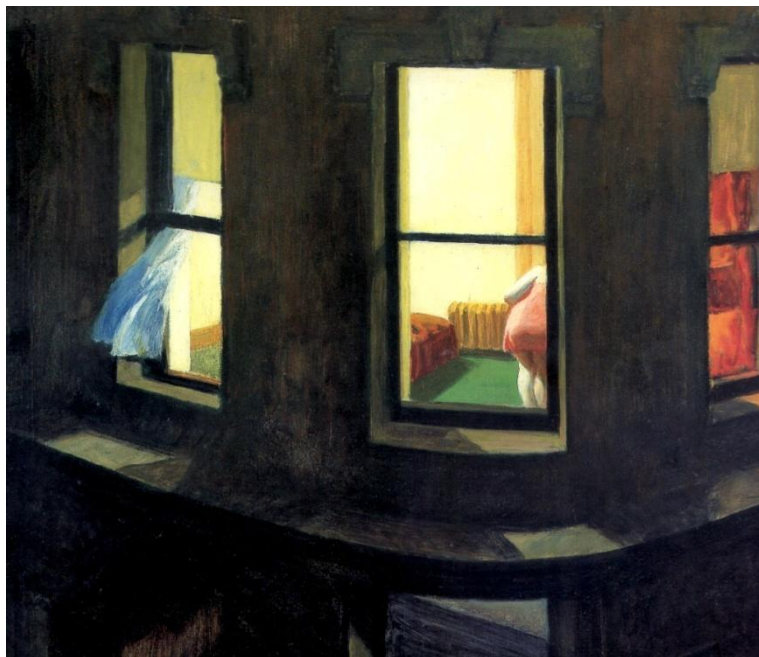


Figura 58 – Olhar invasivo. Edward Hopper. *Janelas noturnas*. 1928. (fonte: Hopper. Kransfelder. Alemanha, Taschen, 1995.)

-Dormir em meio aos ruídos da cidade... às vezes tenho insônia...

-Eu também... Então invento histórias... A cidade é um mar barulhento. O som dos carros, a voz do trovão... De novo na tempestade! Minha cama “é um barco perdido nas ondas; este silvo súbito é o vento nas velas. O ar em fúria, buzina por toda parte. Falo comigo mesmo para me reconfortar: vê, tua embarcação é resistente, estás em segurança em teu barco de pedra.”³²⁹

-Durma bem...

³²⁹ BACHELARD, G. 1993, p.46.

Sonhos

Imagens que a vida não prepara mas o poeta cria.
Gaston Bachelard

-A experiência da vigília tem o mesmo tecidos dos sonhos.³³⁰

-Será? Percebo, porém, a consistência onírica das experiências.

-“Agir sem agir, ocupar-se sem se ocupar, experimentar sem experimentar; ver com o mesmo olhar o grande, o pequeno, o muito, o pouco, dar a mesma importância às reprimendas, aos agradecimentos e elogios.”³³¹ Como no Wu-wei taoísta, onde “mundo é considerado como uma ilusão, mas conserva os contornos nítidos, bem traçados, de uma visão.

-Eu diria que o sábio taoísta assume o Imaginário, não o deriva para a esquizo.”³³²

-Sonho, roteiro, mas roteiro imaginário, estilhaçado, sempre muito breve, vislumbre narrativo do desejo, imediatamente esvanecido, projetor incerto que varre, de modo entrecortado, fragmentos de mundo. Sonho, criação, não o avesso de uma frustração, mas “um projetor nítido, poderoso, seguro, que recorta a cena iluminada onde o desejo se instala.”³³³

-Viver o não vivido, abrir-se para a abertura da linguagem, da imaginação.”³³⁴

-Há quem considere a imaginação uma fuga, um engano, mero delírio. Ao contrário, considero a imaginação uma potência maior da natureza humana. “Com sua atividade viva, a imaginação desprende-nos do passado e da realidade. Abre-se para o futuro. À *função do real* orientada para o passado, acrescenta uma *função do irreal* igualmente positiva.”³³⁵ Na imaginação poética deixamos de ser “sujeitos do verbo

³³⁰ CHAGDUD RINPOCHE, 2010.

³³¹ LAO TSE apud BARTHES, R. 2003, p. 165.

³³² BARTHES, R. 2003, p. 167.

³³³ Idem, p. 17.

³³⁴ BACHELARD, G. 1993, p.14.

³³⁵ Idem, p.18.

adaptar-se. As condições reais já não são determinantes. Com a poesia, a imaginação coloca-se na margem em que precisamente a função do irreal vem arrebatá-lo ou inquietá-lo – sempre desperta-lo – o ser adormecido nos seus automatismos.”³³⁶



Figura 59 - Olhar azul. Marc Chagall. *Namorados no fundo vermelho.* 1983. (fonte: Marc Chagall. Metzger, Alemanha, 1994).

-Deixo a imagem flutuar em mim... Suprimir o mundo das aparências, as noções de consciência e de inconsciência, de fora e de dentro. Apenas uma sucessão de estados descontínuos com relação aos sinais cotidianos, à fixidez da linguagem...

-“O sonho é mais poderoso que os pensamentos.”³³⁷

³³⁶ Idem.

³³⁷ Idem, p.35.

-“Mas de que modo poderemos jamais saber o que somos quando nos calamos?”³³⁸

-Somos seres espiralados, nunca atingimos nosso centro. O ser do homem é um ser desfixado. Toda expressão o desfixa. “No reino da imaginação, mal uma expressão foi enunciada, outra expressão surge, o ser passa a ser o ser de outra expressão.”³³⁹

-O sonho é como a poesia, não frui somente de si próprio, mas prepara gozos poéticos para outros. No sonho poético a alma está em vigília, sem tensão, repousada e ativa.³⁴⁰

³³⁸ KLOSSOWSKY, P, in BARTHES, R. 2003, p. 36.

³³⁹ BACHELARD, G. 1993, p.218.

³⁴⁰ BACHELARD, G. 1992, p. 6.

(7). Alvorecer. Acordo, já não somos os mesmos!

*Na manhã da Sta Marina
Não é o galo que canta:
acorda o dia tão cedo
com tanta flor na garganta,
que ele, dia, se incumbe
daquilo que o galo esquece
O dia canta no terreiro
Enquanto o galo amanhece.
Cacaso*

-Um despertar neutro, precioso, raro, breve, espécie de alegria clara, lugar sensível, tempo suspenso, em dó maior,³⁴¹ penetrando a obscuridade deste dia, dia comum, comum a todos, a todo instante.

-Novo dia... Estar à altura de nossos sonhos.

-Acordar o dia... Transformar a falta em recurso; a mudez, em devir palavra.

-À altura das palavras que falamos, das que ainda não pronunciamos.

-Nunca se diz todas as palavras...

-À altura do imprevisível... para que as palavras não se solidifiquem e não nos solidifiquem.³⁴²

-As palavras continuam caminhando pelo tempo... Descontinuam... Tempo suficiente para apagar seus traços e a presença vertical de uma voz senhora daquilo que se deve dizer. Atrás das palavras, e também à sua frente, outras palavras seguem criando e recriando outros dias, outras artes, outras vidas, inventando a potencialidade de ver e dar a ver, que sobrevive a quase tudo...

-No dia, a arte nos faz à altura do sonho, principia... Traz para o dia, o ilimitado da noite.

-A arte quer edificar, mas segundo ela própria e sem nada acolher do dia senão o que é adequado à sua tarefa. Ela tem certamente por objetivo algo de real, um objeto, mas um objeto que se bastará. Não um instante de sonho, um puro sorriso interior, mas uma ação realizada

³⁴¹ BARTHES, R. 2003 a, p. 83.

³⁴² LARROSA, J. 2010, p.40.

que é ela mesma, atuante, que toca e sensibiliza os outros, os atrai, os agita, os comove, os impele e a outras ações que, na maioria das vezes não retornam à arte, mas pertencem ao curso do mundo, criam o dia e, assim, perdem-se talvez no dia, mas nele se reencontram, finalmente, na liberdade convertida em obra concreta.³⁴³



Figura 60 - Olhar acordar. Joan Miró. *Mulher e sol*, 1938. (fonte: Joan Miró, Erben, Munique, Taschen, 1993.)

-Seguir viagem...

-Viagem que só acaba quando acabamos?³⁴⁴

-Não se deterá jamais a vida.³⁴⁵

-Agora... deixo-te essas palavras e... deixo-me acontecer.

³⁴³ BLANCHOT, M. 1987, p. 211-212.

³⁴⁴ GUIMARÃES ROSA, J. apud LOPES, D. 2007, p. 118

³⁴⁵ ARTAUD, A. apud BLANCHOT, 1984, p.23

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad Vinicius Honesko. Chapecó , SC: Argos, 2009.
- ASSMANN, Hugo. *Reencantar a Educação*. Petrópolis: Vozes: 1999.
- AUSTER, Paul. *A arte da fome*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- _____ *Mr Vertigo*. São Paulo: Best Seller, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética dos Devaneios*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____ *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes: 1993a.
- _____ *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes: 2002.
- BANDEIRA, Manuel. *As cidades e as musas*. Rio de Janeiro: Desiderata, 1977.
- BARROS, Manuel de. *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- BARTHES, Roland. *O neutro*, São Paulo: Martins Fontes, 2003 a.
- _____ *O rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____ *Como Viver Junto*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____ *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____ *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 2010.

- BAUDRILLARD, Jean. *De um fragmento ao outro*. São Paulo: Ed. Zouk, 2003.
- _____. *A arte da desapareição*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BERNUZZI DE SANT'ANNA, Denise. *Campos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco: 1987.
- _____. *O livro por vir*, Lisboa: Relógio d'água editores, 1984.
- _____. *A Conversa Infinita, a ausência do livro*. v.3. São Paulo: Escuta, 2010.
- BOHR, Niels. *Essays on Atomic Physis and Human Knowledge*. New York: Wiley, 1963.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins, 2009.
- BRITO, Antonio Carlos de. *Lero- lero*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- CANTON, Katia. *Temas da Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- CAUQUELIN, Anne. *Court traité du fragment*. Paris: Aubier, 1986.
- CHAGDUD RINPOCHE. *Portões da Prática Budista*. Três Coras: Makara, 2010.
- CHEREM, Rosângela. *Um intelectual de extimidades*. Revista Palíndromo. No. 3. Florianópolis: UDESC, CEART, 2010.
- CHUANG-TZU. *A Via de Chuang Tzu*. Petrópolis: Vozes, 1993.

- CICERO, Marco Tulio. *Sobre a amizade*. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Graal, 1988.
- _____ *Conversações*. São Paulo: Ed 34, 1992.
- _____ *Francis Bacon: a lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006
- _____ *A lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____ *O Abecedário de Deleuze*. www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67. Acesso em 31.01.2012
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____ *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lèvinas*, São Paulo: Perspectiva, 2008.
- _____ *Politiques de l'amitié* . Paris: Galilée, 1990.
- DERRIDA, Jacques. e DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- DERRIDA, Jacques. e ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DIAS, Karina. *Entre visão e invisão: paisagem*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em arte. UNB, 2010.
- ESTEVE, J. M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

- FANTIN, Monica. e RIVOLTELLA, C. *Crianças na Era Digital*. REU, Sorocaba, SP: v.36, jun 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: Problematização do Sujeito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- GALLO, Silvio. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte, Autentica: 2008.
- GARCIA, Wladimir Antonio. e SOUZA, Ana Claudia. *A produção de Sentidos e o Leitor: os caminhos da memória*. Florianópolis: NUP/ CED/ UFSC, 2012.
- GYATSO, Tenzin. *A essência do Sutra do Coração*. São Paulo: Gaia, 2006.
- GONZÁLES, Yhana Milagros. *Descenramentos e umbrais*. Tese de doutoramento. Filosofia e Literatura. UFRGS, 2006.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Ave Palavra*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.
- _____. *Noites do Sertão*, Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1983.
- _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.
- _____. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.
- HAAR, Michel. *A obra de Arte. Ensaio sobre a ontologia das obras*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- HARO, Rodrigo de. *Ofícios Secretos*. Florianópolis: Insular, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989
- HERNANDEZ, Fernando. e SANCHO, Juana Maria. *Tecnologias para Transformar a Educação*. Porto Alegre: Artmed, 2006
- ILLICH, Ivan, *Sociedade sem escolas*. Petrópolis: Vozes, 1977.

- KLEIN, Kelvin Falcão. *Conversas Apócrifas com Enrique Vila-Matas*. Porto Alegre: Modelo de Nuvem, 2011.
- KASTRUP, Virginia. *A invenção de si e do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KOHAN, Walter O. *Infância, estrangeiridade e ignorância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KONESKI, Anita. *A estranha fala da arte contemporânea e o ensino da arte*. Revista Palíndromo, n.1, Florianópolis: UDESC, junho 2009.
- LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. *Pedagogia Profana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- LAZZARATO, Maurizio. *As Revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LEVI, Tatiana Salem. *A experiência do Fora*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalité et Infini*, La Haye: M Nijhoff, 1980
- _____. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes: 1993.
- _____. *Da existência ao existente*. São Paulo: Papirus, 1998.
- _____. *Sobre Blanchot*, Madrid: Editorial Trotta, S.A. 2000.
- _____. *La realidad y su sombra*. Madrid: Editorial Trotta, 2001.
- _____. *Quatro Leituras Talmúdicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003
- LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. *A cultura- mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida – pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978
- _____ *A maçã no escuro*, Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- _____ *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____ *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.
- _____ *De corpo inteiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LOPES, Denilson. *A delicadeza*. Brasília: EUB, 2007.
- MACHADO, Arlindo. *Arte e Mídia: Aproximações e Distinções*. 2004.
<http://www.compos.org.br/e-compos>. acesso em 04.08.2011.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze, arte e filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MARTINS, Mirian Celeste. *Mediação: Provocações Estéticas*. São Paulo: UEP, 2005.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- MEIRA, Marly. *Filosofia da Criação*. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- _____ *Educação estética, arte, e cultura do cotidiano*. In *A educação do Olhar*. PILLAR, Analice Dutra. (org) Porto Alegre: Mediação, 2009.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- MILAREPA. *Songs of Milarepa*. New York: Dover Publications, 2003.

- MORIN, Edgard. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo, Cortez: 2002
- NHAT HANH, Thich. *A Essência dos ensinamentos de Buda*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*, São Paulo, Nova Cultural, 1987.
_____. *El nacimiento de La tragédia*. Madrid: Alianza, 1991.
_____. *Assim falava Zaratustra*. SP, Escala, 1999.
_____. *A gaia ciência*, Cia das letras, SP, 2002
- OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande Labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- PAREYSON, Luigi. *Estética, teoria da formatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- PENA-VEGA & NASCIMENTO. (Orgs.) *O Pensar Complexo*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- PESSOA, Fernando. (Alberto Caieiro) *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- PRESTES, Nadja Hermann. *A propósito das relações entre ética e educação*. Revista *Perspectiva*. 2008.
www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/108
- REY, Sandra. *Da prática é teoria: três instâncias metodológicas sobre pesquisa em Poéticas Visuais*. Porto Alegre: Porto Arte, v7, n13. UFRGS, 1990.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*.
www.planpnacionaldeleitura.gov.pt . acesso em 11.11.2012.
- SKLIAR, Carlos. *Derrida e a Educação* (org). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

- SOGYAL, Rinpoche. *O livro tibetano do viver e do morrer*. São Paulo: Talento, 1999.
- SONTAG, Susan. *Contra a Interpretação*. Porto Alegre: L&PM: 1987.
- STILES, Kristine & SELZ, Peter. *Contemporary Art*. Los Angeles: University of California Press, 1996.
- TRUNGPA, Chogyam. *Além do Materialismo Espiritual*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- _____ *Dharma Art*. Boston: Shambala, 1996.
- TOURINHO, Irene. *Pegando ondas nas questões de investigação em educação em artes visuais*, in *Linhas Cruzadas: artes visuais em debate*. Silva, M.C. , MAKOWIECKI, S. Fpolis: UDESC, 2009.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- WALLACE, Alan. *Dimensões Escondidas*. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: 2004. Ifch-unicamp. Cientifi.ifch@gmail.com
Acesso em 07.10.2011.